



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

FACULDADE DE CIÊNCIAS

CAMPUS DE BAURU

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PARA A CIÊNCIA



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA
EXPERIMENTAL DA UNESP EM SÃO MANUEL/SP: Estudo das
narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos**

IGOR MIRAS THOMÉ

BAURU

2022



IGOR MIRAS THOMÉ

PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA
EXPERIMENTAL DA UNESP EM SÃO MANUEL/SP: Estudo das
narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência, da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação da Profa. Dra. Maria de Lourdes Spazziani

Bauru, 30 de maio de 2022.

BAURU

2022

Thomé, Igor Miras.

PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA
EXPERIMENTAL DA UNESP EM SÃO MANUEL/SP : Estudo das
narrativas de monitores, funcionários e gestores
públicos / Igor Miras Thomé, 2022

174 f. : il.

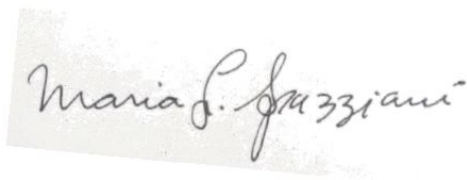
Orientadora: Maria de Lourdes Spazziani

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista (Unesp). Faculdade de Ciências, Bauru, 2022

1. Jornalismo. 2. Movimento social. 3.
Enquadramento. 4. Jornais online. I. Universidade
Estadual Paulista. Faculdade de Ciências. II. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE IGOR MIRAS THOMÉ, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CAMPUS DE BAURU.

Aos 30 dias do mês de maio do ano de 2022, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de IGOR MIRAS THOMÉ, intitulada **Perspectivas para a Educação Ambiental na Fazenda Experimental da Unesp em São Manuel/SP: estudos das narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof^a. Dr^a. MARIA DE LOURDES SPAZZIANI (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Ciências Humanas e Ciências da Nutrição e Alimentação / Instituto de Biociências - UNESP / Botucatu, Prof. Dr. CELSO SÁNCHEZ PEREIRA (Participação Virtual) do(a) Centro de Ciências humanas e Sociais / Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Profa. Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS (Participação Virtual) do(a) FC / UNESP/Bauru (SP). Após a exposição pelo mestrando e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, o discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof^a. Dr^a. MARIA DE LOURDES SPAZZIANI

Dedico essa a dissertação a Laércio Miraglia (1955-2019), até o ano de seu falecimento considerado o morador mais antigo ainda trabalhando na Fazenda Experimental São Manuel. Sem aquele momento de diálogo e as histórias transmitidas na primeira edição do projeto Clube da Mata em 2018, não haveria a fagulha que acendeu a chama do coração dessa dissertação. Em homenagem a sua memória, em respeito à sua família.

AGRADECIMENTOS

Para que esse trabalho fosse possível, muitas pessoas contribuíram para o seu processo. Orientado por uma professora que se aprofundou nos estudos de Vygotsky, passei a acreditar ainda mais importância do fator de interação social e cultural para a formação do pesquisador e do cidadão. Normalmente, como estudantes e pesquisadores, nosso ciclo de amigos e de convívio acaba girando em torno do mundo da universidade. Para mim, diferentemente, existe um lado da vida em que posso realizar outro tipo de trabalho de base: o trabalho com a cultura Hip Hop. Nesses “dois mundos” existem pessoas que merecem o devido agradecimento.

Primeiramente, à minha orientadora, Profa. Dra. Maria de Lourdes Spazziani. Que em 2018 foi a única pessoa a responder o *email* de um recém-graduado que se mudava de cidade e estava completamente perdido. Graças a nossa ótima relação, pude conhecer ótimos colegas de trabalho e construir projetos relevantes de Educação Ambiental. Também ingressei na pós-graduação, em um grupo de pesquisa, e pude entender ainda mais a importância de realizarmos o nosso trabalho.

O ponto de partida dessa pesquisa foi estimulado pela própria, durante a primeira edição do projeto ‘Clube da Mata’ no ano de 2018. Ao conversarmos com o funcionário mais antigo da FEU nessa oportunidade, descobrimos que não haviam registros históricos sobre o espaço. Toda essa história está presente apenas na memória dos antigos funcionários e em sua oralidade. Nunca esquecerei a forma que Lourdinha me olhou, dizendo que esse resgate histórico daria um ótimo projeto de mestrado.

Portanto, agradeço a meus colegas do projeto ‘Clube da Mata’, Nijima Novello (“Ni”) e Lucas de Souza Faciolla (“Patchinete”). Pelo companheirismo todos esses anos e pela partilha dos conhecimentos de cada um. Aos irmãos Gabriel e Matheus Duarte, que carinhosamente me recebiam em seu apartamento na cidade de Bauru quando eu precisava estar nas aulas presenciais e não conhecia ninguém para me ajudar.

Agradeço aos meus amigos mais próximos, Letícia França e Paulo Rafanelli. Que mesmo vivendo em contextos completamente diferentes do meu, foram as pessoas que me acolheram socialmente quando me senti sozinho. Juntamente a eles, devo meus agradecimentos – de forma geral – a todos os amigos, irmãos e irmãs que a cultura Hip Hop e a organização de eventos culturais me proporcionaram. Por me respeitarem e admirarem minha história não só como artista, mas como professor e pesquisador.

Eu sempre tive dentro de mim essas noções de justiça social e reparação histórica. De não entender o porquê de existir um abismo social entre o poder aquisitivo das pessoas, e como isso reflete na conjuntura de todos os aspectos da vida de alguém. Da importância de se trazer os conhecimentos produzidos dentro da universidade de forma inteligível ao público que não faz parte desse universo. O Hip Hop sempre amplificou essa minha busca pessoal.

Meus agradecimentos gigantescos à minha família. Minha mãe (Daniele Alves Miras) e meus avós (Lilian Maria Alves Miras e Sidney Miras de Aro), que me criaram e sempre me incentivaram a prosseguir com meus estudos. O sacrifício de vocês formou um ser humano do qual vocês se orgulhariam, se ouvissem o relato das pessoas próximas. Agradeço ao meu pai (Jaime Thomé Filho), que mesmo com toda a dificuldade e falta de contato me aceitou em sua casa para que pudesse buscar os caminhos da pós-graduação. Além disso, pudemos finalmente criar um laço forte e de

convivência, pela primeira vez. Uma grande parte da minha transformação de visão e de postura se deve ao que aprendi com ele.

Por último, mas não menos importante, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências da Unesp/Campus de Bauru, por seu corpo de funcionários que proporcionam a estrutura necessária para a minha formação continuada como pesquisador. Agradeço à CAPES pela bolsa de estudos concedida, à FEPAF e à Prefeitura de São Manuel pelo estabelecimento de um convênio para que pudéssemos prosseguir por anos com o trabalho do Clube da Mata. Agradeço também aos companheiros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Sustentabilidade e Ambientalização (GEPEASA) e da Rede Casa da Natureza (RCN).

Gratidão especial à Caroline Etane Bolla, que me acolheu em meu pior momento da pós-graduação e teve empatia com minha situação. Por fim, agradeço ao NTAPS pelo acompanhamento psicológico.

Sou composta por urgências: minhas alegrias são intensas; minhas tristezas, absolutas. Me entupo de ausências, me esvazio de excessos. Eu não caibo no estreito, eu só vivo nos extremos.

Clarice Lispector

THOMÉ, Igor Miras. **PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA EXPERIMENTAL DA UNESP EM SÃO MANUEL/SP**: Estudo das narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos. 2022. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2021.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar as potencialidades e vulnerabilidades da Fazenda Experimental da Unesp (FEU) no município de São Manuel (SP) para tecer projeções futuras quanto a melhor utilização do espaço, visando receber mais iniciativas em Educação Ambiental (EA). Além de documentos escritos – que mantinham relação direta com a FEU – três narrativas (com um gestor político do município, um monitor de projeto de extensão realizado na Fazenda e um servidor do setor de ensino, pesquisa e extensão) foram utilizadas. O processo de tratamento das narrativas foi mediado pela metodologia da História Oral, compreendendo a relação dos depoentes com a EA e com a FEU, em consonância com o contexto histórico, social e econômico do município de São Manuel. As análises identificam as singularidades, as convergências e as divergências que formam um recorte histórico para a compreensão destas diferentes perspectivas. As tendências de análise tomaram como eixo central a EA e se dividiram entre "EA em São Manuel", "Viabilidade para o ensino e a extensão na FEU" e "Perspectivas futuras". Esta dissertação também pode ser considerada uma reflexão sobre a importância de se resgatar o histórico até então não registrado do local e de se apostar em trabalhos coletivos para a construção de uma identidade significativa da FEU diante do público universitário e da comunidade em geral.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Espaços não formais; Fazenda Experimental; História Oral; Narrativas

ABSTRACT

This research objetctified analyze the potential and vulnerabilities of Experimental Farm of Unesp (EFU) in São Manuel (SP) to make projections for the best use of space and receive more initiatives in Environmental Education. In addition to written documents – which had a direct relationship with EFU – three narratives (with a political manager of municipality, an extension project monitor realized in Farm and a employee from the teaching, research and extension sector) were used. The process of handling the narratives was mediated by Oral History methodology, understanding the relation of the deponentes with Environmental Education and with the historical, social and economic context of São Manuel. Analyzes identify singularities, convergences and divergences that compose a historical cut for the understanding these different perspectives. Tendencies of analysis took EA as the central axle and were divided in "EA in São Manuel", "Viability for teaching and extension at EFU" and "Future perspectives". This dissertation can be also considered a reflection on the importance of rescuing the unrecorded history of the place and getting better, on collective Works, the construction of significant identify of EFU before the university public and the community.

Keywords: Environmental Education; Non-formal spaces; Experimental Farm; Oral History; Narratives

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capa do livro produzido com os resultados e as discussões acerca da formação em EA de jovens na primeira edição do curso 'Clube da Mata'.

Figura 2. Momento durante o curso de extensão 'Clube da Mata' em que os cursistas puderam interagir e ouvir as histórias do até então mais antigo funcionário da FEU.

Figura 3. Visualização da localização da FEU sob diferentes perspectivas.

Figura 4. Registro fotográfico panorâmico da "Fazenda Pimenta" em 1928. Em destaque, a formação de colônias constituídas, em sua maioria, de pessoas com grau de parentesco.

Figura 5. Registro da residência do antigo dono da "Fazenda Pimenta" em 1928.

Figura 6. Exemplo de antigas moradias (referentes as colônias formadas na década de 60) ainda restantes dentro da FEU. Na figura A, mostra-se detalhadamente a condição de uma das construções e na figura B ilustra-se uma estrutura revitalizada escolhida como sede do projeto de extensão 'Clube da Mata'.

Figura 7. Primeira estrutura a ser construída para o início das atividades da Unesp na FEU. A: frente do "barracão", com a sede administrativa. B: vista lateral do "barracão", contendo sala de aula, banheiros e locais para armazenamento de alimentos, ferramentas e estacionamento para veículos.

Figura 8. Vista geral da estrutura fornecida pela única sala de aula da FEU. Pela imagem, observamos uma estrutura que comporta cerca de quarenta alunos, dispendo de notebook, projetor de slides, lousa, giz e ar-condicionado. Fonte: arquivos do projeto 'Clube da Mata'.

Figura 9. Região central da FEU, no enquadramento oposto das fotografias usadas para identificar a sede administrativa. Ao fundo, a estrutura designada para ser o refeitório.

Figura 10. Quiosque Tosiaki Kimoto, localizado no lago central da FEU.

Figura 11. Registros dos módulos que compõem as atividades do projeto 'Clube da Mata'.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Informações de cada depoente entrevistado para essa dissertação.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATPC: Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

FCA: Faculdade de Ciências Agrônômicas da Unesp – Campus de Botucatu

FEPAF: Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais

FEPE: Fazendas de Ensino, Pesquisa e Extensão

FEU: Fazenda Experimental da Unesp em São Manuel/SP

IBB: Instituto de Biociências da Unesp – Campus de Botucatu

PCNP: Professor Coordenador de Núcleo Pedagógico

PROGRAD: Pró-reitoria de Graduação

SUMÁRIO

TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR	11
1 INTRODUÇÃO	14
2 REFERENCIAL TEÓRICO	23
2.1 Educação Ambiental	23
2.1.1 O que se entende por Educação Ambiental (EA)?	23
2.1.2 EA em espaços não formais ou não escolares	30
3 METODOLOGIA	35
3.1 Pressupostos teóricos-metodológicos da pesquisa	35
3.2 Procedimentos de Pesquisa	39
3.2.1 Documentos analisados	39
3.2.2 Seleção dos entrevistados	42
3.2.3 Entrevistas	42
3.2.4 Análise das narrativas	44
3.2.5 Cartas de cessão e devolutivas	45
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
4.1 Área de estudo	46
4.2 O projeto de extensão Clube da Mata	52
4.3 Entrevistas	58
4.3.1 Perfil dos entrevistados	60
4.4 Narrativas	62
4.4.1 Eixo de condução	63
4.4.2 Educação Ambiental em São Manuel	64
4.4.3 Viabilidade para o ensino e a extensão na FEU	77
4.4.4 Perspectivas futuras	82
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
6 REFERÊNCIAS	90
7 APÊNDICES	98
Apêndice A. Roteiro de Entrevista	
Apêndice B. Textualizações	
Apêndice C. Indicações e Requerimentos	
Apêndice D. Ficha de identificação do participante	

Apêndice E. Termo de consentimento livre e esclarecido

TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

TRAJETÓRIA DO PESQUISADOR

Quando procuro voltar no tempo e reviver o surgimento do meu interesse pela Biologia, uma situação engraçada me vem à cabeça. Eu havia terminado o Ensino Médio, mas antes de termina-lo tive que passar pela recuperação dessa mesma área, no último bimestre. Lembro bem do tema central, que girava em torno das leis de Mendel. Anos depois, na graduação, finalmente aprendi a fazer cruzamentos com duas ou mais características...

Pois bem. Quando ingressei na graduação, havia escolhido a Licenciatura em Ciências Biológicas sem saber ao certo se era isso o que queria. Essa escolha foi baseada no momento em que vivia, na época. O curioso dessa história é que - no segundo ano da graduação - comecei a observar que lidava bem com eventos destinados ao público (onde geralmente apresentávamos a coleção zoológica e o nosso herbário) e até mesmo nos seminários, apresentações e nos momentos em que ajudava os colegas a estudarem. Nesse mesmo ano, decidi me dedicar exclusivamente à graduação e fiz da faculdade a minha segunda casa. Na verdade, passava mais tempo na faculdade do que em casa. Morava com a minha mãe, ela acordava cedo para trabalhar; eu saía pela manhã ou depois do almoço, e quando voltava ela já estava dormindo. Passamos muitos anos com essa rotina de não nos encontrarmos, mesmo que morássemos na mesma casa.

Também foi no segundo ano da graduação em que descobri minha paixão pela Biologia e por ser professor de Ciências/Biologia. Mesmo que as aulas fossem apenas a noite, fiz parte de diversos projetos e atividades de auxílio. Me envolvi com a pesquisa de crustáceos decápodes de ambientes límnicos, especificamente com camarões de água doce, e assim permaneci até o último ano da graduação. Foi nessa reta final do curso em que decidi me aproximar ainda mais do ensino de Biologia.

Sou da primeira turma do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP) - Campus Avaré. Minha turma pôde observar a instituição e o curso crescerem, e não apenas observar, mas contribuir para a construção dele. O primeiro Centro Acadêmico (C.A), o qual tive o prazer de ser presidente; a primeira e a segunda edição da "Semana da Biologia" do campus, onde conjuntamente fizemos os congressos acontecerem; os primeiros microscópios, os primeiros laboratórios, o primeiro ENADE. Claro que há desvantagens em ser da primeira turma de um curso, mas tudo isso contribuiu para uma formação que acredito ser incrível. Fui muito próximo de meus professores, e como passava muito tempo na universidade, tinha o contato direto para sanar dúvidas e me inserir em diferentes iniciativas. Foi assim que me envolvi com projetos de Educação Ambiental, de ensino de Biologia e de herpetofauna.

Esse último me fez prestar um processo seletivo no Instituto Butantan, em 2017. Tive a maior nota da prova e fiquei em segundo lugar na classificação geral. Estava pronto para ingressar, quando no último edital foi solicitado o documento do CRBio. Pela formação de licenciado, não tinha a carga horária suficiente para tirar esse documento. Minha advogada me recomendou não arriscar, pois minha bolsa poderia ser cortada. Era pouco dinheiro e muito aluguel para pagar, uma vez que já havia procurado um local para alugar em São Paulo. Não ter um poder aquisitivo alto nos priva de muitas escolhas.

Esse gancho me parece propício para falar de um outro aspecto importante na minha vida: a arte. Ela sempre esteve presente na minha vida, de alguma forma. Aprendi

a tocar violão quando adolescente, enquanto começava a escrever as primeiras poesias e músicas. Tinha gosto pela disciplina de português e sempre me destaquei por isso, na escola e na arte. Compus *reggae*, sambas, bossas, rock, até chegar no RAP. Escutei o grupo Racionais ainda criança, e aquilo foi uma transformação na minha vida. De uma vez só, absorvi todo o conteúdo daquelas composições. Decorei as letras. Esse foi o meu despertar. Depois dessa época, nunca mais olhei o mundo da mesma forma. Comecei a desenvolver meu senso de honestidade, já estimulado pela minha família. Agir da forma mais sincera, como quem era ciente dos preconceitos, das maldades, das injustiças sociais, dos abismos social e econômico existentes no nosso país. O RAP na minha vida sempre teve esse poder libertador. Um movimento periférico que luta por causas sociais.

Entretanto, apenas em 2014 decidi me inserir de cabeça no mundo das batalhas de MCs, dos campeonatos de poesia falada (Slam) e dos eventos culturais. E depois disso existe muita história: títulos em diferentes batalhas (de modalidades "sangue" e "conhecimento"), apresentações musicais e de poesias por diferentes cidades do interior paulista, convites de outros grupos/bandas para parcerias musicais, *singles* e álbuns lançados, oficinas em escolas públicas e projetos sociais. Há alguns anos descobri os prazeres de se organizar eventos desse cunho e proporcionar a estrutura e a visibilidade que as novas gerações merecem. Que elas possam chegar com suporte, para irem mais longe. Diferente de quando eu e vários amigos começamos a fazer rimas, quando não tínhamos nem o microfone e nem a caixa de som. Assim, me envolvi na organização de batalhas de MCs, trazendo visibilidade para esse cenário independente nas cidades de Avaré e Botucatu.

Creio que a Educação está para mim assim como o movimento Hip Hop - no qual o RAP está inserido - também está. É interessante: a "versão" de mim que me representa na atualidade reúne os descobrimentos com o Hip Hop e com a EA. E eles começaram a se intensificar no mesmo ano: 2018.

Foi justamente um projeto de extensão em EA que proporcionou a minha redescoberta como educador. Ainda que tivesse trabalhado com a EA durante um projeto na graduação e durante uma disciplina do curso, minha experiência com ela se fortificou em 2018. Após encerrar a graduação, me mudei para Botucatu. Sabia que gostaria de seguir pela parte da Educação, mas não como. Mandeí um *email* para o Departamento de Educação e fui respondido por uma professora chamada Maria de Lourdes Spazziani, hoje, minha orientadora.

Havia um embrião de um projeto que tomava forma e se encontrava cada vez mais próximo de se concretizar: um curso de formação de guias da natureza na FEU. Fiz parte de todo o processo de idealização e organização, ajudando a executá-lo, de forma voluntária. Hoje, esse projeto recebe o nome de 'Clube da Mata' e caminha para os seus seis anos de existência em 2023. É como observar o crescimento de um filho, uma construção coletiva de todos que passaram por ele e de todos que ainda permanecem no projeto. Atualmente, além de monitor e integrante da equipe de organização do curso, sou responsável pela condução do módulo de "Trilhas Interpretativas" dentro do curso Clube da Mata. Me especifiquei nessa parte devido a um curso realizado no Instituto Flora Vida em Botucatu, sobre a metodologia "Trilha da Vida" de José Matarezzi. É por essa proximidade de muitos anos com a FEU e seus personagens do cotidiano que me propus a realizar essa pesquisa. Ela é pelas pessoas que não podem ser esquecidas, pois construíram a história desse espaço. Antes de uma fazenda experimental voltada para a área da pesquisa, é um espaço que representa a

vida e o esforço de muitas pessoas. É pela dignidade e pela memória dessas pessoas que ajudaram a construir o caminho até aqui.

Eu gostaria de encerrar minha trajetória em melhor fase. Porém, não foi dessa vez. Eu tive um forte desencanto com o que fazia aos 22, no último ano da graduação. Tive problemas com meu TCC. Engraçado; isso também ocorreu no Mestrado, aos 26. Perdi diversos prazos e decepcionei muitas pessoas. Entrego esse trabalho exaurido mentalmente e psicologicamente, precisando de ajuda para lidar comigo mesmo. Encerro a pós-graduação com problemas em casa, pois meu pai não conversa comigo há um mês e eu não faço a menor ideia do porquê. Encerro brigado com a minha mãe, que já se cansou de ver o filho transitando entre a arte e a ciência, sem conseguir sua estabilidade financeira. Acredito que todos estão decepcionados, de alguma forma. As estéticas visuais de “artista” e “professor” não conversam. Não é possível existir nesses dois mundos por inteiro, sem abdicar de um. Também acredito que muito do meu prazer se perdeu quando desisti de ir para o Instituto Butantan em 2018.

Mas, apesar de tudo, me sinto extremamente feliz e vitorioso por ter conseguido finalizar essa pesquisa. Por que? Porque acredito na educação. Eu vi, na minha frente, a educação resgatar. Acredito na ciência. Acredito no Hip Hop e na transformação social. Na espiritualidade e no sentido da vida. Sei que o propósito para a minha existência é muito maior do que posso imaginar. Por isso, a Educação Ambiental e a FEU significam tanto para mim. É por isso que me propus a estudar a FEU, mesmo que o contexto atual do mundo esteja em meio a uma guerra entre Ucrânia e Rússia, em meio a uma pandemia, e o nosso país em meio a desmontes de serviços públicos e problemas agrários.

Antes de ser apresentada na íntegra à banca e à comunidade, essa dissertação já teve suas primeiras contribuições de registro histórico para a visibilidade da FEU e do trabalho em que se realiza no projeto de extensão ‘Clube da Mata’. Até aqui, foram ações conjuntas com o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Sustentabilidade e Ambientalização (GEPEASA) e com a Rede Casa da Natureza (RCN) que propiciaram participações em congressos, assim como publicações em periódicos científicos e capítulos de livros.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

Até este momento desta dissertação, o(a) leitor(a) pode compreender como o pesquisador fez sua trajetória e construiu sua visão sobre a importância das práticas em EA. Mas, o que dizem os autores e a literatura sobre o tema? Qual é o momento atual do Brasil?

Historicamente, diversas conferências e encontros internacionais foram organizados com a finalidade de se discutir a relação da humanidade com os recursos naturais. A partir da década de 1970, observa-se a eminência dos debates – dentre pesquisadores e ambientalistas – sobre as preocupações do impacto da ação humana sobre o meio ambiente e sobre a própria sociedade (BERCHIN e CARVALHO, 2016). Podemos atribuir como um dos gatilhos para um “despertar ecológico” os efeitos das duas grandes guerras mundiais, especificamente nos impactos do poderio bélico desenvolvido por países considerados como grandes potências (PEREIRA e CURI, 2012). Os avanços da área da Ecologia no final dos anos 70 também contribuíram nesse processo global, trazendo uma visão das ciências humanas e sociais para compor o debate central, configurando a área da Ecologia Política (LAYRARGUES e LIMA, 2014). Olhando sob esse viés, considera-se não apenas questões ambientais isoladas, mas também noções de classes sociais, padrões culturais e de mercado, assim como o papel atuante do Estado sob essas circunstâncias.

A temática ambiental na educação básica vem sendo proposta desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)¹, prevendo conteúdos de Educação Ambiental permeados pela prática educativa com noções de meio ambiente, sustentabilidade e de diversidade (BRASIL, 1997). Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM) elencam competências e habilidades para o ensino de Biologia utilizando-se de conhecimentos científicos para investigação e compreensão, representação e comunicação, além de contextualização de aspectos histórico-sociais (BRASIL, 1999a).

É importante ressaltar que, antes do desenvolvimento e aprovação dos documentos anteriormente mencionados, a Lei nº 9.394/96 referente a Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional (LDB) já previa a necessidade de se elaborar referenciais que contribuam para a flexibilidade de abordagem de diferentes componentes curriculares. Neste mesmo documento, em seu Art. 26, aponta que “os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum” (BRASIL, 2017. p. 19). Embora tal afirmativa ainda soasse vaga – pelo fato de não haver uma definição assertiva da expressão – anos depois, as discussões educacionais em território

¹: Os Parâmetros Curriculares Nacionais são documentos de referência para o Ensino Fundamental e Médio de todo o Brasil, principalmente no sentido de construção e reflexão curricular, para estados ou escolas do sistema de ensino. Previstos pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e aprovados no ano de 1997, os PCNs do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) estão divididos em 10 volumes; de 5ª a 8ª série, estão organizados os PCNs estão

brasileiro trouxeram aos holofotes um novo documento, para orientar e ser complementado de acordo com as peculiaridades de cada sistema de ensino: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Aprovado em dezembro de 2017, esse documento substitui os PCN e descreve

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017).

A BNCC pauta principalmente a definição de competências e habilidades a serem estimuladas e trabalhadas na educação básica. Assim, são definidas 10 (dez) competências gerais² que refletem e correspondem às determinadas aprendizagens essenciais. Nas palavras do documento, a palavra competência envolve “mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2017. p. 8). A BNCC se encontra fragmentada em dois diferentes textos: um volume dedicado as etapas de ensino infantil e ensino fundamental (anos iniciais e finais), e um volume destinado à etapa do ensino médio.

Vale ressaltar que esse documento foi aprovado após passar por três versões diferentes, ao longo dos anos de 2016 e 2017. Audiências públicas foram realizadas, conferindo a todo o processo, enormes contribuições de especialistas e variadas modificações estruturais. Entretanto, autores como Branco *et al.* (2018) e Oliveira e Neiman (2020) apontam alterações severas referentes a Educação Ambiental no documento, nas três diferentes versões. Em sua primeira versão, não há menção sobre a temática da Educação Ambiental, apenas destaca que as discussões sobre meio ambiente, cidadania, direitos humanos e trabalho devem ser trabalhadas de forma interdisciplinar e como temas transversais (BRANCO *et al.*, 2018). Na segunda versão, observa-se maior dedicação em abordar temas transversais e outros temas de variadas formas; dentre eles, mudanças apontaram a presença da Educação Ambiental em 26 oportunidades ao longo do texto (OLIVEIRA e NEIMAN, 2020). Ainda segundo os autores, na terceira versão da BNCC, há uma estranha retirada de toda e qualquer menção anteriormente elaborada sobre a Educação Ambiental. Com diversas críticas ao documento ao longo de todas essas versões, a última versão

²: São consideradas como competências gerais: conhecimento (valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos); pensamento científico, crítico e criativo (exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências); repertório cultural (valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais); comunicação (utilizar diferentes linguagens); cultura digital (compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação); trabalho e projeto de vida (valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se destes); argumentação (base em fatos, dados e informações confiáveis); autoconhecimento e autocuidado (conhecer-se, apreciar-se e cuidar da saúde física e

aprovada (por alguns chamados de “quarta versão”), a BNCC não estabelece a Educação Ambiental como componente curricular, apenas dá o destaque aprofundado para a sustentabilidade, em relação com o meio ambiente e os recursos naturais (BRANCO *et al.*, 2018). Para Oliveira e Neiman (2020), a última versão da BNCC apresenta um único trecho destinado a Educação Ambiental, o que representa uma problemática se considerarmos que esse documento será referência por um longo período no território nacional.

De acordo com Jacobi (2003), cada vez mais a relação entre o meio ambiente e a educação requer que novos saberes sejam mobilizados, para que se entenda a relação entre os processos sociais e como estes se atrelam aos riscos ambientais. Nesse sentido “a realidade atual exige uma reflexão centrada na inter-relação entre saberes e práticas coletivas que criam identidades e valores comuns e ações solidárias face à (re)apropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes” (JACOBI, 2004, p. 30).

Considerando o contexto atual da Educação no Brasil – principalmente a partir do ano de 2020, onde se inicia a pandemia do novo corona vírus (SARS-COV-2) – ficam evidentes algumas falhas estruturais e a incapacidade de (re)adaptação diante de novas situações. Dentre algumas situações, usamos como norte: o fato de que há currículos extremamente inchados ou engessados, incapazes de abranger a totalidade de teorias e práticas necessárias (JESUS, 2022); dificuldades em oferecer a continuidade de anos letivos por meio de ensino remoto (SENHORAS, 2020); sobrecarga dos docentes e gestores, assim como dos alunos e de suas famílias (ALVES, 2010).

As medidas necessárias dos novos padrões de segurança (paralizações de atividades e isolamento social, por exemplo) foram adotadas, ainda que tardiamente (março de 2020). Como todos os demais sistemas, os sistemas educacionais também passaram por transformações. Olhando a perspectiva educacional (mundial e nacional) encontraremos um amplo espectro de influências nas dinâmicas educacionais, para diferentes realidades e contextos (SANZ *et al.*, 2020). As medidas de paralização total de atividades presenciais e a adoção de plataformas virtuais destinadas ao ensino remoto geraram um contexto problemático (SENHORAS, 2020), mesmo que por outro lado se mostrem como possibilidade de continuidade das atividades neste novo contexto.

Ainda segundo a autora,

Em um segundo plano, por sua vez, nos contextos em que a transmissão ou acesso a conteúdo educativo são relativizados quanto à qualidade do material produzido ou mesmo devido à incompleta acessibilidade de professores e estudantes às plataformas de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) devido a limitações individuais ou estruturais, a brecha do conhecimento pode se ampliar no médio prazo devido às diferentes limitações existentes, requerendo assim ações compensatórias no período pós-pandêmico (SENHORAS, 2020, p. 132-133).

Sob essa perspectiva, deve-se levar em consideração que os alunos também precisaram se adequar ao novo formato de ensino, que por um lado pressupõe que todos possuam infraestrutura necessária para acompanhar as atividades. Em 2019, por exemplo, eram 58% as residências no Brasil que não possuíam computadores e 33% não possuíam acesso à internet (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020). No campo subjetivo, também requer dos alunos que encontrem ou preparem um espaço em suas casas que seja destinado aos estudos (boa acústica, pouco barulho, entre outros aspectos). As crianças menores precisam do auxílio dos pais em casa para a realização das atividades remotas. A pressão para os familiares é a de vigília na atenção das crianças em tais atividades, enquanto muitos simultaneamente trabalham em *home office* (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2020). Como resultado, tanto os pais quanto os professores precisam atender suas próprias demandas de trabalho e as demandas educacionais das crianças, que também sentem os efeitos de um esgotamento. Um dos efeitos colaterais dessa complexa rede de variáveis é o aumento da taxa de evasão escolar. No caso de pais e professores, as dificuldades se intensificaram com as situações de cortes no salário ou fechamento de comércios autônomos (os quais consideramos os proprietários com faixa etária para compor o quadro de sujeitos que constituem famílias na sociedade). O reflexo disso é o aumento da procura por vagas na rede pública de ensino; um êxodo nas escolas particulares.

Ante a preocupação de não deixar os alunos da educação básica à deriva durante o isolamento, as escolas públicas e particulares adotaram plataformas virtuais de ensino. Entretanto, mais duas problemáticas devem ser elencadas nesse processo: a disparidade social atenuada pelas novas medidas de ensino e a confusão metodológica entre Ensino a distância (EaD) e ensino remoto.

Referente a primeira, de acordo com Monteiro (2020):

(...) uso de plataformas como a Google Classroom, ou alguma outra específica dos Sistemas de Ensino ou da própria escola, como é o caso de algumas escolas particulares. Ou, ainda, redes sociais como Facebook, Instagram, Whatsapp, dentre outras.

Aqui, o que poderia ser uma possibilidade de manter uma comunicação ativa entre a escola e a família, entre professores e os estudantes, de acolhimento e atenção nesse momento de distanciamento social, acabou ganhando contornos não muito acolhedores (MONTEIRO, 2020, p. 240).

Impactos sobre a educação revelam antigos problemas sociais, ampliando as desarmonias pré-existentes (SENHORAS, 2020). De um lado, uma camada economicamente privilegiada da população, com acesso ao ensino privado e às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). De outro, as famílias com menor poder aquisitivo e menor infraestrutura têm seus estudos comprometidos a curto e médio prazo, pelo limite de acesso ao Ensino a Distância (EaD).

O Ensino a Distância (EaD) é uma modalidade de ensino prevista pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (BRASIL, 1996) mas que teve sua descrição concreta a partir do Decreto nº 9.057/2017, de forma que

Considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos (BRASIL, 2017, p. 1).

A facilitação da inscrição em um curso técnico ou de graduação é uma das características do Ensino a Distância (EaD), aliado ao comprometimento de proporcionar a mesma qualidade do ensino presencial, além de flexibilizar a adequação aos dias e horários dos estudantes (FERNANDES *et al.*, 2019).

Na visão de Behar (2009)

Nessa perspectiva, o conceito de modelo está vinculado fortemente às tecnologias da informação e comunicação e, particularmente, aos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) utilizados como forma de mediação para promover a educação (BEHAR, 2009, p. 3).

O ensino remoto, por sua vez, figura entre uma das soluções consideradas como emergenciais para a situação frente à pandemia de COVID-19. A finalidade, portanto, foi a sua aplicação direta neste contexto. Ele se caracteriza pelo processo de práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais e/ou aplicativos, no que tange aos conteúdos, as tarefas e as notificações, de forma síncrona e assíncrona (ALVES, 2020).

Na educação remota, predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas. Esses professores devem customizar os materiais para a realização das atividades, criando slides, vídeos, entre outros recursos para ajudar os alunos na compreensão e participação das atividades. Contudo, nem sempre a qualidade destes materiais atende aos objetivos desejados (ALVES, 2020).

Enquanto o EaD é previsto pela LDB e suas portarias, o ensino remoto foi proposto como alternativa temporária do Conselho Nacional de Educação (CNE) e homologada parcialmente pelo Ministério da Educação (MEC, 2020). De acordo com este documento

Para que se possa ter um olhar para as oportunidades trazidas pela dificuldade do momento, recomenda-se um esforço dos gestores educacionais no sentido de que sejam criadas ou reforçadas plataformas públicas de ensino on-line, na medida do possível, que sirvam de referência não apenas para o desenvolvimento dos objetivos de aprendizagem em períodos de normalidade quanto em momentos de emergência como este (MEC, 2020, p. 23)

Portanto, é necessário que as possibilidades sejam estudadas e aprimoradas, para que as práticas pedagógicas passem por uma resignificação.

Quando nos referimos aos tipos de educação, podemos abordar três modalidades: formal, não formal e informal. Esses termos surgiram a partir de 1960, após uma crise educacional em países desenvolvidos, oriunda da segunda Guerra Mundial (CASCAIS e TÉRAN, 2011).

De acordo com Gohn (2006)

A educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados: e a educação não-formal é aquela

que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2006. p. 28)

Sintetizando, observamos que a educação formal prevê um espaço determinado para que ocorram atividades pedagógicas (espaço escolar). E a Educação Ambiental (EA) se encaixa nessa perspectiva destacando conteúdos historicamente sistematizados e leis ambientais, contribuindo para a formação de cidadãos ativos e/ou de habilidades e competências, tais como a percepção e a motricidade (GOHN, 2006). Por outro lado, a educação informal pode ocorrer em diferentes locais e sem o mesmo rigor de método que é prescrito pela educação formal. Por fim, a educação não formal se caracteriza principalmente pela troca de conhecimentos e pelo trabalho coletivo, levando em consideração espaços que podem ou não ser os escolares.

Em outra perspectiva, quando se discute apenas acerca dos espaços educativos, podemos diferenciá-los em formais e não formais. Espaços não formais são locais diferentes do ambiente escolar, onde são desenvolvidas atividades educativas que integram ciência, tecnologia, educação e meio ambiente (JACOBUCCI, 2008). Para Araújo (2009), alternativas metodológicas que utilizam espaços não formais no ensino de Ciências e Biologia permitem a aquisição de sentidos e integração com as demais disciplinas do currículo escolar. De acordo com Seniciato e Cavassan (2004), as aulas de Ciências e Biologia desenvolvidas nestes espaços têm sido apontadas por motivarem e envolverem os alunos, podendo representar uma ferramenta de superação da fragmentação do conhecimento.

De acordo com Cazelli (2002), após a compreensão da necessidade da transposição didática em espaços como os museus, há maior dedicação na organização de atividades nestes locais, de forma a possibilitar que o público compreenda e o aprendizado se torne significativo. Para isso, teorias da aprendizagem que sugerem práticas educativas que contribuam para compreensão da leitura de mundo, utilização de temas geradores de Paulo Freire (MAGALHÃES, 2016) e o papel das interações sociais de Vygotsky (STUDART, 2000) podem ser partes estruturantes da prática educativa.

A pedagogia freireana configura um dos principais modelos para a vertente crítica da Educação Ambiental no Brasil (LOUREIRO, 2005). Nessa concepção, a realidade passa a representar um desafio o qual deverá ser respondido por meio de investigação temática e sintetizada por temas geradores (TORRES e MAESTRELLI, 2012). O funcionamento psicológico baseado em relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior se desenvolvem em um processo histórico (OLIVEIRA, 1997), ampliando e fortalecendo as relações de aluno-aluno e aluno-professor em espaços educativos não formais (NASCIMENTO e SGARBI, 2016). Não apenas nestas relações, mas também nas de interação social do aluno com toda e qualquer informação atrelada ao ambiente em que se encontra (CHARAUDEAU, 1996).

Trabalhos presentes na literatura podem apresentar duas denominações diferentes: espaços não formais e espaços não escolares. Isso se deve ao fato de que “informal, formal e não formal” são termos utilizados para descrever a modalidade de ensino para estes autores, enquanto “espaço escolar e espaço não escolar” são denominações ligadas estritamente ao local onde se realiza a educação. Entretanto, neste trabalho, consideraremos espaços não formais e espaços não escolares como sinônimos.

Assim como os estudos sobre a educação virtual, os estudos de possibilidades em espaços não formais de ensino cresceram exponencialmente em relação aos anos anteriores (FERNANDES *et al.*, 2019), ao mesmo passo que as atividades nesses espaços passam a ser mais recomendadas no Plano de Retorno da Educação no estado de São Paulo.

Levando em consideração as suposições e problemáticas expostas até o momento, não podemos deixar de reforçar o caráter social do ser humano: “as funções psicológicas emergem no plano das relações sociais, e o indivíduo se constrói a partir delas” (GÓES, 2000, p. 121). Para Vigotski (1984), por meio da interação com os outros formamos a nossa identidade e também somos relações sociais com nós mesmos, em nossa individualidade. Situações duradouras de isolamento social podem interferir diretamente no bem-estar e no psicológico do ser humano. O contato com meio e os demais são fundamentais na formação de crianças e jovens, de acordo com as fases do desenvolvimento psicomotor. Essa problemática se amplifica quando misturada ao afastamento desse público dos ambientes naturais, quando poucas experimentam e vivenciam a natureza. Esse afastamento é nítido em grandes metrópoles, mas também

atinge as cidades do interior do país. Como consequência, muito se perde quanto a construção de uma compreensão do mundo e o trabalho de habilidades cognitivas.

Diante desse cenário, este trabalho se propôs a trabalhar com algumas questões pertinentes ao desenvolvimento da Educação Ambiental em um espaço não formal – originalmente destinado somente à pesquisa – em especial as que indicam possibilidades e contribuições de sua utilização para atividades de cunho de ensino e extensão. Ou seja: de que formas esse local já “destinado” pela sua própria denominação para se fazer pesquisa (Fazenda Experimental), pode receber projetos de extensão para a formação de alunos e professores da rede pública de educação básica? Não apenas, mas também escoar tudo aquilo que é produzido em atividade científica, se aproximar da comunidade do município para que se entenda a importância deste espaço e que futuramente melhore a comunicação entre ambos (no sentido de oferecer diferentes tipos de materiais virtuais e cursos de formação e/ou capacitação).

Para tal, também se faz necessário compreender: quais projetos circulam neste espaço? Quais são as concepções de educadores ambientais e dos monitores de projetos sobre a Educação Ambiental em espaços não formais? Qual é a importância destes espaços para os “atores sociais” da região (comunidade do entorno)? Como esses sujeitos envolvidos percebem esse espaço e sua viabilidade para atendimento das demandas da comunidade no entorno? Como enxergam a potencialidade do espaço: para simples visitação, ou acreditam em um papel transformador e reflexivo?

Estes questionamentos nos desafiaram a investigar a potencialidade de um espaço não formal (Fazenda Experimental da Unesp/FEU no município de São Manuel/SP) para o desenvolvimento de Educação Ambiental, a partir das narrativas de um monitor do projeto de extensão ‘Clube da Mata’ realizado no local, um gestor público de São Manuel e um servidor da FEU. Para tal, propusemos: a) construir um banco de dados com as textualizações dos entrevistados; b) identificar a perspectiva de EA de cada depoente e analisar como ela se relaciona com a visão sobre espaço; c) analisar as potencialidades e vulnerabilidades da FEU para que se expanda no sentido de receber mais iniciativas e projetos de Educação Ambiental.

Dentre os objetivos almejados, essa dissertação se propõe a contribuir com indicadores para planejamentos futuros e para a consolidação de um espaço educativo com maior rotatividade de projetos e de iniciativas dentro da FEU, semelhante a um Centro de Educação Ambiental (CEA).

REFERENCIAL TEÓRICO

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Ambiental

2.1 O que se entende por Educação Ambiental (EA)?

A partir dos anos 1950, publicações como “Limites do Crescimento” promovido pelo Clube de Roma (MEADOWS, 1972) e “Primavera Silenciosa” de Rachel Carson levantaram críticas rumo às discussões sobre dinâmicas de desenvolvimento econômico, aumento do consumo e da exploração de recursos naturais do planeta (SPAZZIANI *et al.*, 2022). Muitas das problemáticas ambientais inegavelmente emergem de modelos social-econômico-político do capitalismo vigentes em países ocidentais, que estão com suas bases firmes na exploração da natureza e de outros humanos (SPAZZIANI *et al.*, 2020). Entretanto, as preocupações com as questões que envolvem o meio ambiente e a natureza, principalmente sobre os impactos gerados pela utilização desenfreada de recursos naturais e o eminente esgotamento destes, tomaram destaque apenas na primeira metade do século XX (SPAZZIANI *et al.*, 2022). Dentro desse contexto, a EA surge sob o viés da necessidade de mudança na visão de mundo e na prática social da humanidade, minimizando impactos ambientais (LAYRARGUES e LIMA, 2014).

As problemáticas ambientais, para Stiglitz (2007), devem ser consideradas de interesse global e contar com um conjunto de políticas e cooperações entre os países do globo terrestre para serem combatidas.

As conferências e encontros trazem historicamente a reflexão dos países desenvolvidos quanto aos seus modelos de produção e de que forma alternativas econômicas podem cooperar com o meio ambiente (BERCHIN e CARVALHO, 2016). Dentre as conferências mais importantes no histórico da discussão ambiental destacam-se a Conferência de Estocolmo (1972), a Conferência de Belgrado (1975), a Conferência de Tbilisi (1977) e a Eco-92 (1992) realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil. É nítido que – com o passar dos anos – novas problemáticas e reflexões foram estimuladas nesses encontros, em especial as relacionadas ao pensamento e à ação humana. Derivados destes, diversos outros movimentos se iniciaram ao longo do globo terrestre e documentos norteadores foram produzidos endereçando princípios para contribuir para a formação humana.

Alguns destes são a Carta de Belgrado (1975), o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992) e o documento Rio+20.

Ao longo dos anos, as discussões e as necessidades têm culminado cada vez mais para o desenvolvimento de uma consciência socioambiental, levando em consideração não apenas sistemas naturais, mas toda a organização social (história, economia, sociedade, cultura). Nesse sentido, a Educação Ambiental figura como um campo de conhecimento e um tema transversal ao currículo escolar, alinhado as demais áreas do saber e revelando a necessidade de se repensar práticas relevantes para se adequar ao perfil de jovens e adultos. Essas práticas devem envolver propostas pedagógicas que visem conscientizar e proporcionar mudanças de comportamento, o desenvolvimento de competências específicas e a capacidade de se avaliar a participação dos educandos (REIGOTA, 1998). Outras possibilidades de práticas podem ser o desenvolvimento de disciplinas com aprendizagem mediada por projetos (WEKERLIN FILHO, 2001) e a implementação de pátios escolares naturalizados (AMANDO DE BARROS, 2018).

Apesar do aparente crescimento na preocupação de se referenciar a Educação Ambiental em documentos oficiais ao longo do tempo, ainda se observa que muitas práticas são carregadas do tradicionalismo de décadas anteriores. Intervenções educativas realizadas apenas em datas comemorativas e descompromissadas de discussões sociais enriquecedoras configuram ações simplistas demais (TRISTÃO, 2013). Nossa percepção, nesse sentido, não é desmoralizar ou invalidar ações desse cunho, pois não deixam de ser importantes para inserir principalmente crianças e jovens em situações de contato direto com o meio ambiente e seus elementos, o que são estopins para novas reflexões e percepções de mundo (ser humano e suas criações como parte componente do meio). Entretanto, retomando a formulação inicial de nossa percepção, há diversos outros estímulos a serem trabalhados e diversas outras formas de se entender e fazer Educação Ambiental.

No que tange especificamente a Educação Ambiental na política nacional, a Lei nº 9.795/1999 e o Decreto nº 4.281/2002 são responsáveis por sua instituição e por sua regulamentação, respectivamente (BRANCO *et al.*, 2018). De acordo com a Lei nº 9.795/99, entende-se por Educação Ambiental "processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores

sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade" (BRASIL, 1999b). Em território nacional, a EA se torna uma exigência em todas as instâncias governamentais (municipal, estadual e federal) a partir da Constituição de 1988. Em seu artigo 225, parágrafo primeiro, instaura a "construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado" (BRASIL, 1988).

De acordo com a Lei 9.795/99, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), a EA é entendida como os

Processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade" (BRASIL, 1999a. p. 1)

Porém, as questões ambientais receberam de fato uma maior atenção a partir da realização da II Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Eco-92 ou Rio 92), reunindo representantes governamentais de 176 países na cidade do Rio de Janeiro (SPAZZIANI *et al.*, 2021). Nesse contexto,

Pode-se dizer que a Educação Ambiental crítica no Brasil foi impulsionada por um contexto histórico politizante e de maior complexidade onde incidiram a redemocratização após duas décadas de ditadura militar; o surgimento de novos movimentos sociais expressando novos conflitos e demandas entre as quais as ambientais; o ambiente favorável da Conferência do Rio em 1992 e o amadurecimento de uma consciência e de uma cultura socioambiental que articulava o desenvolvimento e o meio ambiente, os saberes disciplinares em novas sínteses e as lutas de militâncias ecológicas e sociais até então apartadas por incompreensões de parte a parte (LAYRARGUES e LIMA, 2014, p. 33).

É importante incorporar novas facetas e recursos disponíveis no processo de ensino-aprendizagem referente a Educação Ambiental, a fim de propor a quebra de paradigmas e discutir questões enraizadas na sociedade, evitando manter uma concepção ultrapassada de natureza.

Aqui, elencamos dois fatores consideráveis para caracterizar e definir o que seria uma visão ultrapassada de natureza: (1) uma visão intocável desta e (2) a forma de enxergá-la apenas como um recurso a ser preservado, com intervenções esvaziadas de uma proposta de desenvolvimento crítico e de um olhar que leve em consideração aspectos econômicos, históricos e sociais (TAMAIIO, 2000).

Ainda que as questões e noções biológicas sejam importantes e carentes de atenção, a Educação Ambiental não deve abordar e se relacionar estritamente apenas com aspectos biológicos da vida (REIGOTA, 2017). Partindo desse pressuposto, nos resta perguntar se haveria apenas uma Educação Ambiental (ou várias) e se todos os pesquisadores, professores e discentes partilham dos mesmos princípios e ideologias (CARVALHO, 2001). Para a autora, o conceito de Educação Ambiental

(...) como outros da "família ambiental", sofre de grande imprecisão e generalização. O problema dos conceitos vagos é que acabam sustentando certos equívocos e, neste caso, o principal deles é supor uma convergência tanto da visão de mundo quanto das opções pedagógicas que informam o variado conjunto de práticas que se denominam de educação ambiental (CARVALHO, 2001, p. 44).

Corroborando com o exposto, para Ruscheinsky (2012) definir a Educação Ambiental é uma tarefa complicada. O desafio das tentativas de publicações desse cunho nos levam diretamente às múltiplas abordagens existentes na área. Olhando sob a óptica de campo social, a Educação Ambiental pode ser entendida como um subcampo do campo ambientalista e também como um campo autônomo (LAYRARGUES e LIMA, 2011). Esse fato se deve a raiz da EA com o campo ambientalista e seus elementos simbólicos e institucionais, o que conferiu características de identidade e de formação (LIMA, 2011).

Analisando sob outra perspectiva, a relação da EA com o campo educacional também confere uma identidade própria a ela, diferenciando-a relativamente do campo ambientalista (CARVALHO, 2001). É nesse sentido que a EA se internaliza em políticas públicas de Educação e de meio ambiente no Brasil, cerceada por práticas de desenvolvimento social.

De acordo com Reigota (2017), é necessário também se pensar em outras questões primordiais:

Antes de definirmos a educação ambiental que queremos fazer precisamos ter claro que o problema não está na quantidade de pessoas que existe no planeta e que necessita consumir cada vez mais os recursos naturais para se alimentar, vestir e morar. Esse argumento que relaciona o aumento da população com a escassez dos recursos naturais ocupou grande parte dos debates acadêmicos e políticos e esteve muito presente nos meios de comunicação de massa principalmente nos anos 1960, 1970 e 1980. A crítica a essa ideia veio principalmente dos intelectuais, pesquisadores e militantes dos países pouco industrializados, com grande densidade populacional, com grandes recursos naturais e com baixos índices de escolaridade (REIGOTA, 2017. p. 4)

Reiteramos o início do excerto de Reigota (2017) quanto as múltiplas definições para a Educação Ambiental em sua prática e sua orientação, uma vez que olhando para o campo da EA é possível identificar diferentes narrativas e formas de se praticar ações educativas dentro desta (SAUVÉ, 2005). Essa multiplicidade de abordagens direciona as relações existentes entre dimensões complexas da sociedade, tais como a economia e a cultura, a natureza e a sociedade, o bem-estar, o meio ambiente e a cultura (RUSCHEINSKY, 2012). Para Layrargues e Lima (2014), ainda se somam as diferentes propostas políticas, pedagógicas e epistemológicas defendidas por diferentes autores ao se abordar problemas ambientais.

Para os autores,

Esses diferentes grupos sociais disputam a hegemonia do campo e a possibilidade de orientá-lo de acordo com sua interpretação da realidade e seus interesses que oscilam entre tendências à conservação ou à transformação das relações sociais e das relações que a sociedade mantém com o seu ambiente (LAYRARGUES e LIMA, 2014. p. 25).

Dois trabalhos podem contribuir para que se entenda e se discuta sobre as diferentes vertentes presentes na EA: a cartografia realizada por Sauv   (2005) e o mapeamento de macrotendências realizado por Layrargues e Lima (2014). O trabalho de Sauv   (2005), ainda que apresente a sistematiza  o de correntes tradicionais e outras contemporâneas, foca seu levantamento em um contexto cultural norte-americano e europeu. Para se levar em considera  o o contexto do Brasil,    mais recomendado que nos debruçemos pelo mapeamento de Layrargues e Lima (2014). Entretanto, há aproxima  es quanto às características em ambas as análises, principalmente nas linhas de raciocínio atreladas ao contexto social-econômico-político das sociedades em geral e nas

mudanças de visão e de perspectivas diante da natureza. Portanto, noções de como identificar pensamentos antigos e contemporâneos dentro da EA e suas vertentes ou macrotendências, apontam que “atualmente evoluímos de uma concepção conservacionista de EA para uma visão mais crítica e emancipatória” (CRUZ e ZANON, 2011, p. 2).

Em seu levantamento, Sauv   (2005) aborda quinze correntes de Educa  o Ambiental. Algumas são classificadas como pertencentes a uma tradi  o mais "antiga" (anos de 1970 e 1980), enquanto outras representam as linhas de raciocínio que surgiram na contemporaneidade.

Assim sendo, o conceito de “corrente” para a autora

   assim que identificaremos e tentaremos cercar diferentes “correntes” em educa  o ambiental. A no  o de corrente se refere aqui a uma maneira geral de conceber e de praticar a educa  o ambiental. Podem se incorporar, a uma mesma corrente, uma pluralidade e uma diversidade de proposi  es. Por outro lado, uma mesma proposi  o pode corresponder a duas ou três correntes diferentes, segundo o ângulo sob o qual    analisada. Finalmente, embora cada uma das correntes apresente um conjunto de características específicas que a distingue das outras, as correntes não são, no entanto, mutuamente excludentes em todos os planos: certas correntes compartilham características comuns (SAUVÉ, 2005, p. 17).

Entre as correntes de longa data, classificam-se as correntes naturalista, conservacionista/recursista, resolutiva, sistemática, científica, humanista, moral/  tica. Entre as correntes contemporâneas, listam-se: holística, biorregionalista, prática, crítica, feminista, etnográfica, eco educa  o e da sustentabilidade.

No estudo realizado por Layrargues e Lima (2014) – com base na história da Educa  o Ambiental brasileira – são identificadas e classificadas tr  s macrotendências: conservacionista, pragmática e crítica. Abrindo um breve parêntese, notamos semelhanças na identifica  o das correntes realizada por Sauv    (2005). Nessa perspectiva, as categoriza  es de Layrargues e Lima (2014) apresentam a macrotendência pragmática como derivada da conservacionista, com altera  es quanto ao contexto econômico e político em que se inserem.

Sobre elas, os autores apontam que

Ambas são comportamentalistas e individualistas, mas a forma conservacionista é uma versão mais ingênua e enviesada de grupos mais ligados às ciências naturais que entendem a crise ambiental e a Educação Ambiental dessa maneira, ora porque não têm uma reflexão sociológica da questão ambiental ora porque entendem que politicamente é melhor não misturar ecologia e política, e neste caso, nos referimos a atores ideologicamente interessados em evitar uma perspectiva de conflito na abordagem da questão (LAYRARGUES e LIMA, 2014, p. 32).

A macrotendência crítica de Layrargues e Lima (2014) se aproxima da corrente crítica descrita por Sauv   (2005) pela ênfase na compreensão de dinâmicas sociais tais quais a desigualdade e a injustiça socioambiental. Além disso, ambos os autores identificam conceitos semelhantes na prática voltada para a transforma  o social, a emancipa  o, a cidadania e as rela  o  es de poder (SAUV   , 2005; LAYRARGUES e LIMA, 2014).

Olhando sob esse ponto de vista, Guimarães *et al.* (2009) indica a necessidade de um “ambiente educativo que se realiza em a  o  es de caráter pedagógico de interven  o na comunidade, assumindo a dimensão política da educa  o e potencializando o exercício de cidadania dos educandos e educadores” (GUIMARÃES *et al.*, 2009, p. 51). Na mesma dire  o, a falta do bom aproveitamento de espaços que não sejam a sala de aula – mesmo que dentro da escola – para as práticas de cunho educativo, pode deixar de trazer benefícios aos processos internos e externos de alunos e professores.

Para Reigota (2017)

   consenso na comunidade internacional que a educa  o ambiental deve estar presente em todos os espaços que educam o cidadão e a cidadã. Assim, ela pode ser realizada nas escolas, nos parques e reservas ecológicos, nas associa  o  es de bairro, nos sindicatos, nas universidades, nos meios de comunica  o de massa etc. Cada um desses contextos tem as suas características e especificidades que contribuem para a diversidade e a criatividade da educa  o ambiental (REIGOTA, 2017, p. 90).

Dessa forma, nos atenhamos a caracterizar espaços educativos não formais ou não escolares e como a EA pode atuar nesses espaços.

2.2 EA em espaços não formais ou não escolares

Espaços não formais são locais diferentes do ambiente escolar, entretanto sua conceituação ainda é passível de diferentes interpretações (JACOBUECCI, 2008). Duas categorias são sugeridas: instituições (museus, parques ecológicos, jardins botânicos, institutos de pesquisa, entre outros) e locais que não são instituições, tais como ambientes naturais ou urbanos (SANTOS e TERÁN, 2016).

Para fomentar uma possível orientação na conceituação de espaço não formal, é interessante que seja definido o conceito de espaço formal. Na LDB, o espaço formal é considerado como o espaço escolar relacionado às Instituições Escolares da Educação Básica e do Ensino Superior (BRASIL, 1996). “É a escola com todas as suas dependências: salas de aula, laboratórios, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório” (JACOBUECCI, 2008, p. 56).

Falk (2001) argumenta que é necessário buscar uma definição que condiz com o processo de aprendizagem, de maneira que as diferenças entre os termos não sejam apenas o fator do espaço físico. Para tanto, desconsidera o termo “não formal”, propondo a “aprendizagem por livre escolha”. Araújo *et al.* (2011), por exemplo, adota os termos de espaços “não escolares” ou “não formais” de ensino.

Na definição de Gaia e Lopes (2019) temos que

De modo geral, os espaços não formais permitem aos estudantes um envolvimento mais amplo, viabilizando uma aprendizagem mais articulada dos conteúdos, propiciando assim, o conhecimento científico (GAIA e LOPES, 2019).

A prática pedagógica em espaços não formais conta com elementos favoráveis à sua prática, principalmente nas propostas centradas em problematizações. Atividades que abordam simultaneamente diferentes áreas do conhecimento, apresentando temáticas científicas de forma contextualizada (GAIA e LOPES, 2019).

Retomando a discussão brevemente apresentada no tópico “Introdução”, é preciso frisar que – mesmo sendo aplicável – a diferenciação na conceituação de espaços formais e não formais se trata de uma tarefa complexa. Os termos ‘formal’, ‘não formal’ e ‘informal’ (relacionados com a maneira de se fazer

educação) podem gerar controvérsias e distanciamento de um consenso (MARANDINO, 2017), o que também reflete nas definições dos espaços educativos. Como observado por Cazelli (2000), na literatura inglesa os termos “educação informal em ciências” e “aprendizagem informal em ciências” denominam todas as iniciativas realizadas em museus, centros de cultura, exposições, entre outros.

Há autores que buscam e mapeiam possibilidades visando à ruptura de tal falha consensual (MARANDINO *et al.*, 2004). Partindo do conceito de *continuum* de Rogers (2004), a autora elenca critérios para os diferentes tipos de experiências:

Seus propósitos, a forma de organização do conhecimento, o tempo de desenvolvimento das ações, a estrutura com que é organizada, as formas e os agentes/sujeitos que controlam as práticas e a própria experiência e a intencionalidade que a fundamenta (MARANDINO, 2017, p. 813).

Sobre a experiência e a intencionalidade, a autora prossegue

[...] um museu, por exemplo, poderia ser nomeado como um espaço de educação não formal quando o pensamos como uma instituição que possui um projeto estruturado e com um determinado conteúdo programático e, em especial, com intencionalidades educativas determinadas. Contudo, sob o olhar do público, poderíamos considerá-lo, por exemplo, como educação formal, quando alunos o visitam com uma atividade totalmente estruturada por sua escola, buscando um aprofundamento em um determinado conteúdo específico. E podemos, ainda sob o olhar do público, imaginá-lo como educação informal, ao pensarmos em um visitante que procura um museu para uma experiência de fruição e entretenimento em um final-de-semana com seus amigos ou familiares (MARANDINO, 2017, p. 813).

Embora existam perspectivas de processos educativos auxiliados por espaços não formais, não é possível afirmar que em todas as situações esses espaços sejam fatores decisivos para a aprendizagem. Eles oferecem a possibilidade de se trabalhar metodologias alternativas, alicerçadas em infraestruturas e tempo diferentes dos disponibilizados para as temáticas abordadas no espaço escolar. Dessa forma, espaços não formais complementam e maximizam também a prática, em direção a se desenvolver diferentes competências e habilidades dos discentes e/ou visitantes em geral.

As atividades em espaços não formais possibilitam a relação entre o abstrato e o técnico (VIEIRA *et al.*, 2014). De acordo com Lorenzetti e Delizoicov

(2001, p. 7), “as atividades pedagógicas desenvolvidas que se apoiam nestes espaços [...] poderão propiciar uma aprendizagem significativa contribuindo para um ganho cognitivo”. Alinhado a importância da construção psicológica por meio de relações sociais com o mundo exterior na espécie humana em um processo histórico (OLIVEIRA, 1997), espaços não formais propiciam componentes indispensáveis ao desenvolvimento de aspectos cognitivos.

Um bom desempenho de atividades nesses espaços está ligado diretamente ao planejamento dessas atividades, prevendo situações e diminuindo dificuldades e a chance de imprevistos acontecerem (ROCHA e TERÁN, 2010).

Um documento oficial recém elaborado pela prefeitura da cidade de Jundiaí (SP) aborda a utilização de espaços ao ar livre no atual contexto da educação brasileira onde – diante de uma pandemia – a saúde emocional, o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, inseguranças quanto ao medo do contágio, fechamento das escolas, o ensino híbrido e as tecnologias educacionais foram alguns dos fatores que passaram a ter destaque nas discussões quanto aos rumos educacionais. Intitulado ‘Guia de aprendizagem ao ar livre em Jundiaí’, justifica sua importância de forma a

Pensar a escola sob a ótica do desemparedamento, de ambientação dos espaços a favor das aprendizagens, da investigação, da experimentação e das vivências a partir dos conteúdos necessários para a vida, é pensar na escola ativa, viva, que atize nossos melhores sentimentos em favor da infância (JUNDIAÍ, 2021, p. 4).

Olhando pela perspectiva teórica e prática da pedagogia do desemparedamento (TIRIBA, 2018), é fundamental para a Educação Ambiental que existam formações que abram espaços para a discussão de temas como o corpo humano, a sensação de desejo, a relação próxima com os elementos naturais que compõem o cotidiano dos alunos. Ignorando esse viés, provavelmente estaremos na contramão do que os seres humanos, como seres sociáveis, precisam. Segundo Jundiaí (2021), muitas pesquisas realizadas nos últimos anos apontam que o convívio de crianças e jovens com o meio ambiente pode conferir benefícios à saúde destes. Os benefícios dessa relação auxiliam no desenvolvimento psicomotor, proporcionam bem-estar, fomentam a criatividade e principalmente o desenvolvimento socioemocional de valores

como a empatia, o amor próprio, o respeito com o outro e com o ambiente (CHAWLA, 2015). Além disso, pesquisas médicas também apontam que atividades ao ar livre apresentam a segurança necessária ao diminuírem o risco de transmissão do corona vírus (JUNDIAÍ, 2021).

A Educação Ambiental em espaços não formais pode maximizar experiências e sensações quando combinados com metodologias ativas de aprendizagem, tal como a Aprendizagem Baseada em Problemas (AMADO e VASCONCELLOS, 2015). Para Morán (2015), metodologias ativas de ensino contribuem para o aprendizado, uma vez que favorecem o uso de diferentes espaços e estratégias que não só a sala de aula comporta, mas todo o entorno escolar. Para Guimarães e Vasconcelos (2006) é importante encontrar a complementaridade na Educação Ambiental entre educação formal e não formal. Contribuindo, assim, para um trabalho de contextualização e aproximação da realidade que incide na raiz de questões socioambientais que permeiam a atualidade (GUIMARÃES, 2004).

Na concepção de Guerra e Guimarães (2007), as problemáticas dentro da EA não dizem respeito somente às práticas escolares – em geral ações pontuais, tradicionais e fragmentadas – mas também ao baixo envolvimento do trabalho comunitário. De maneira geral, a educação brasileira ainda se realiza, predominantemente, por meio de um modelo tradicional em que os alunos de diferentes níveis ficam por muito tempo sentados em suas respectivas cadeiras ou em rodas formadas para determinadas atividades. Por que não acreditar no sensorial desses alunos? Suas vontades e experiências, como as vivenciam? E como vivenciam quando estão fora da sala de aula, seja no pátio ou em meios naturais? É por meio dessas relações e sensações ("eu" com os demais, "eu" com a natureza), devidamente mediadas por processos educativos que valorizam a interdependência existente para o metabolismo da vida, que o ser humano pode se manter como um ser pertencente a esse planeta, nesse universo.

Embora sejam notáveis os ganhos na importância de processos culturais na interação social de alunos especificamente da educação infantil, a natureza não é destacada como referência nos processos de socialização (TIRIBA, 2018). Isso nos leva a impactos negativos na formação de crianças e jovens, promovendo uma visão romantizada da natureza, na qual o homem e seus objetos não são levados em consideração como parte do meio ambiente

(TAMAI, 2000). Somado a isso, estudos revelam que hoje não há muito tempo para o lazer nas famílias contemporâneas. As famílias têm passado mais tempo diante da televisão, do computador e dos celulares (HADDAD, 2018).

No sentido da formação humana,

A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão. Somos parte da natureza, e podemos e devemos nos religar a ela (BARBIERI, 2012, p. 116).

Louv (2016, p. 57) destaca que “novos estudos sugerem a exposição a natureza pode reduzir sintomas do TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), melhorar habilidades cognitivas e a resistência das crianças ao stress e depressão”. Para Moore (1997, p. 87), “cada criança testa a si mesma interagindo com o ambiente, ativando seu potencial e reconstruindo a cultura humana”. Um ambiente engessado e com poucas possibilidades de ser explorado consequentemente limitará o crescimento e o desenvolvimento de um indivíduo ou de um grupo (MOORE, 1997).

Por fim, todos os alunos são pesquisadores. Quando entram em contato com a grama e com a terra; quando observam animais que não conhecem; em quaisquer situações em que os elementos do mundo (principalmente os naturais) aguçam sua curiosidade de compreender. Experiências que revelam essas possibilidades são os trabalhos de Seniciato e Cavassan (2004) com aulas de campo em ecossistemas terrestres naturais brasileiros na cidade de Bauru (SP) e seus aspectos emocionais e motivacionais em alunos de 6º ano do Ensino Fundamental; Matarezi (2001) e Spazziani *et al.* (2020) apontam potencialidades no uso de trilhas perceptivas e interpretativas como práticas efetivas com pessoas de diferentes faixas etárias; Rumenos (2020) trabalhou com a interface EA e Ciência-Cidadã na formação de voluntariado em parques nacionais brasileiros.

METODOLOGIA

3. METODOLOGIA

3.1 Pressupostos teóricos-metodológicos da pesquisa

Esta pesquisa se propôs a investigar aspectos da Fazenda Experimental da Unesp (FEU) localizada em São Manuel/SP, para o desenvolvimento de Educação Ambiental, a partir das narrativas de um gestor público municipal, um monitor do curso de extensão 'Clube da Mata' e um funcionário responsável pelo setor de Ensino, Pesquisa e Extensão da FEU. Se orientou pelo viés de pesquisa qualitativa. Ou seja, buscou compreender certos fenômenos ou eventos históricos por meio da coleta de dados narrativos e da relação estabelecida dos depoentes com a FEU e a Educação Ambiental.

Segundo Minayo (2014), as entrevistas contribuem para pesquisas de natureza qualitativa de forma a possibilitar a obtenção de informações por meio da fala individual, revelando assim todo um sistema de valores, impressões, normas e símbolos. A abordagem qualitativa exige um estudo amplo do objeto de pesquisa, considerando o contexto em que ele está inserido e as características da sociedade a que pertence (GARNICA, 2001).

Flick, von Kardorff e Steinke (2000), apresentam quatro bases teóricas para pesquisa qualitativa: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições "objetivas" de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa.

Dentre a caracterização dos tipos de pesquisa qualitativa, podemos dizer que essa se tratou de um estudo de caso, uma vez que buscou-se analisar uma situação específica, de maneira aprofundada e completa (GODOY, 1995). O objeto deste estudo é o potencial da FEU para o desenvolvimento da EA a partir da visão de um grupo social selecionado.

Pretendeu-se aqui entender o objeto de maneira completa, interpretando o contexto em que se insere e as variáveis que o influenciam. As fontes de pesquisa foram compostas das próprias entrevistas e das análises comparativas com documentos relacionados com a área de estudo (FEU), com o projeto 'Clube da Mata' e documentos oficiais da universidade (portarias, regulamentos e/ou estatutos) quanto a deliberação

do espaço. Em acréscimo, o crivo que parte da própria experiência do pesquisador, que está diretamente inserido no contexto de um projeto de extensão realizado na FEU.

As entrevistas, por sua vez, foram fundamentadas com base no método da História Oral. Estas diferentes fontes nos ajudaram a considerar e analisar diferentes opiniões e pontos de vista dos indivíduos que participam da pesquisa, o que nos permitiu compreender a complexidade do fenômeno estudado.

Nesse sentido, Delgado (2003) aponta que

Se o tempo confere singularidade a cada experiência concreta da vida humana, também a define como vivência da pluralidade, pois em cada movimento da história entrecruzam-se tempos múltiplos, que acoplados à experiência singular/espacial lhe conferem originalidade e substância (DELGADO, p. 12)

A experiência é única. Diferente do conhecimento, que é comum. É tudo aquilo que ocorre, nos passa, nos toca (BONDÍA, 2002). A narrativa enquanto discurso está vinculada diretamente com a manifestação de uma amálgama de sensações e enunciados, pelos quais os depoentes circulam em cenários marcados por alguma temporalidade: cronológica ou da memória (GARNICA, 2001). As atribuições de sentidos para antigas memórias revelam valores, culturas, modos de vida e representações (DELGADO, 2003). Entretanto, para se realizar estudos com grupos incertos quanto a sua quantidade, informações de variadas fontes são fundamentais (NARDI, 2005). Auxiliando, assim, no processo de construção de consensos e saberes necessários para a compreensão de uma história social (costumes e tradições).

Na visão de Alberti (2004),

Quando um entrevistado nos deixa entrever determinadas representações características de sua geração, de sua formação, de sua comunidade (...) a análise desses fatos não é simples, devendo-se levar em conta a relação de entrevista, as intenções do entrevistado e as opiniões de outras fontes. Antes de tudo, é preciso saber "ouvir contar": apurar o ouvido e reconhecer esses fatos, que muitas vezes podem passar despercebido (ALBERTI, 2004. p. 10-11).

A História Oral é um método de pesquisa que registra impressões, perspectivas e expectativas a partir de pessoas em uma situação de diálogo, levando em consideração a formação, o contexto histórico, o conjunto de crenças e memórias dos sujeitos envolvidos. Se trata de uma forma de motivar narrativas manifestadas oralmente e registrá-las (GARNICA, 2001). Prioriza entrevistas com pessoas que participaram ou compactuaram de visões de mundo, conjunturas ou acontecimentos de

uma mesma época, aproximando-se do objeto de estudo (ALBERTI, 1991). Trata estruturalmente de valer-se de testemunhos orais de um determinado grupo de participantes registrados e analisados pelo historiador ou entrevistador (PORTELLI, 2017). A História vista como a produção de conhecimento revive lembranças presentes nas memórias e busca ordenar fragmentos de forma acadêmico racional, para obter uma reconstituição de processos históricos (NEVES, 2000).

Para Garnica (2011), a História Oral é uma metodologia que não se restringe apenas a estudos historiográficos. Utiliza-la para fins de pesquisa permite registrar testemunhos únicos, que levam às histórias dentro da história, o que amplia nossa possibilidade de interpretar o passado (FERREIRA-MACHADO, 2016).

Na linha do tempo mais próxima da contemporaneidade, a metodologia da História Oral se desenvolve efetivamente a partir da invenção e utilização de gravadores, no ano de 1950 nos Estados Unidos (MÜLLER, 2015). Houve, entretanto, a 'Escola de Chicago' nos anos de 1920 e 1930, considerada uma das instituições precursoras da História Oral, principalmente na figura de Allan Nevins, considerado o "fundador da História Oral" (GARNICA, 2011). Ainda segundo o autor, embora muitos artigos apontem a incongruência desse título e o próprio Nevins discorde dela, a atribuição ressoa até a atualidade.

Em países europeus, o reconhecimento não se deu tão intenso quanto nos países norte-americanos. Apenas no final da década de 1960 a História Oral ganhou notoriedade na Itália, devido a diversos acontecimentos histórico-sociais:

(...) os antropólogos De Martino, Bosio e o sociólogo Ferraoti, com o objetivo de reconstruir a cultura popular, foram precursores da segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento, mas sim como "outra história". Essa nova forma de pensar surgiu em meio aos conflitos e movimentos de feministas e sindicalistas de 1968. Pregava-se o "não-conformismo sistemático", isto é, uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas a partir do escrito. Entretanto, na Espanha a pesquisa com fonte oral foi empregada por poucas pessoas. Apenas, Mercedes Vilanova se destacou por trabalhar sozinha nessa área na Universidade de Barcelona (MATOS e SENNA, 2011).

Ao longo das décadas seguintes, novas pesquisas e conferências foram organizadas e impulsionadas por acontecimentos históricos que realçaram a importância de se explorar mais amplamente as fontes orais (MATOS e SENNA, 2011), culminando na organização do trabalho em História Oral. Podemos observar tendências que confluem a respeitar e valorizar o caráter multidisciplinar requerida para realizar trabalhos com essa finalidade: são necessários ao historiador da oralidade ou

pesquisador – que se coloca como entrevistador – o domínio de conceitos provenientes de áreas da linguística, história, geografia, sociologia, psicologia, além de aptidão para enxerga-las de forma interdisciplinar.

A justificativa para isso é simples: quem usa a História Oral visando a compreender o que quer que seja, estará, intencionalmente, produzindo fontes que podem – ou não – servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado. Um trabalho em História Oral é, pois, sempre, um inventário de perspectivas irremediavelmente perpassado pela subjetividade, um desfile de memórias narradas, um bloco multifacetado de verdades enunciadas (GARNICA, 2011, p. 31).

De acordo com Thompson (2002)

A história oral rompe silêncios provenientes do cotidiano, do fazer anônimo, revelando acontecimentos, experiências e concepções que não se encontram nos documentos escritos e nas versões oficiais da historiografia, o que pode contribuir para uma reconstrução e uma compreensão mais realista do passado (THOMPSON, 2002, p. 25).

Para Garnica (2015), a História Oral é um modo constituinte, uma vez que o narrador realiza um processo de criação e (re) criação de si mesmo em suas narrativas.

Portanto, a relação com os depoentes se constrói com base no fato de que

Cada depoente fornece informações e versões sobre si próprio e sobre o mundo no qual vive ou viveu. A história oral, em decorrência, é a arte do indivíduo, mas de um indivíduo socialmente integrado. Desta forma, os relatos e testemunhos contêm em si um amálgama maior: o da identidade histórica (NEVES, 2000, p. 114).

Ressalvamos que a metodologia da História Oral nem sempre está ligada a utilização de narrativas. Quanto as entrevistas, a relevância da escolha pela utilização destas na História Oral se constrói a partir dos informantes selecionados e das condições de pesquisa (organização geral, tabulação dos dados, transcrição, textualização, validação) (FIALHO *et al.*, 2020).

Existem, entretanto, divergências nas perspectivas metodológicas entre os pesquisadores da área. Para alguns, a História Oral se trata de uma metodologia abrangente e complexa; para outros pesquisadores, ela apenas coordena procedimentos de trabalho, como a organização das entrevistas e a sua forma de realização (MATOS e SENNA, 2011). Somado a isso, muito se discute a questão contraditória de usar nomes fictícios para os diferentes depoentes. Se por um lado isso garante a segurança por meio do anonimato, se faz necessário ao menos especificar algumas características dos sujeitos, tais como cargo que ocupam e a cidade onde

moram. Para pessoas de outras cidades e regiões, a situação descrita é perfeita para assegurar o sigilo dos entrevistados. Entretanto, para pessoas próximas que conhecem as instituições da região, pode ser que apenas as descrições dessas características permitam que elas identifiquem os sujeitos envolvidos. Assim, se faria ineficiente o uso de nomes fictícios para proteger a verdadeira identidade dos participantes da pesquisa.

O tipo de abordagem em História Oral – fio condutor dessa pesquisa – se configurou na história oral temática, de fonte documentalista (entrevistas gravadas, transcritas e textualizadas). Tal escolha é justificada por sua proposta de similaridade com os objetivos de pesquisa e a utilização de entrevistas como ferramenta para coleta de dados, uma vez que traz a bagagem de experiências e pensamentos tanto coletivos quanto individuais, além de suas relações com os espaços não formais e iniciativas de Educação Ambiental, em um determinado tempo histórico e um contexto socioambiental específico. A própria escolha pela utilização da História Oral também permite que essas concepções se tornem fenômenos subjetivos inteligíveis (ALBERTI, 2004). Portanto, se faz necessário observar a potencialidade das subjetividades de cada entrevistado.

3.2 – PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Essa dissertação pretendeu registrar de forma escrita, através de narrativas obtidas por meio de entrevistas com diferentes personagens, o histórico e as atividades desenvolvidas na FEU. A partir disso, foi possível identificar as potencialidades e as vulnerabilidades desse espaço não formal para atividades de Educação Ambiental.

Para tal, foram selecionados entrevistados que apresentam relações diretas com as atividades e projetos de Educação Ambiental realizados na área de estudo (FEU), em diferentes níveis: um funcionário do setor de ensino, pesquisa e extensão; um monitor do projeto 'Clube da Mata' e um gestor público do município de São Manuel.

Um maior aprofundamento sobre o processo metodológico consta nos subtópicos a seguir:

3.2.1 – Documentos analisados

Os documentos analisados e descritos mantiveram relação direta com o espaço ou com os aportes da História Oral e da EA. Os documentos referentes à FEU foram o livro comemorativo de 50 anos da FCA (SANTA ROSA e VILLAS BÔAS, 2015), o livro produzido pelas equipes do projeto de extensão 'Clube da Mata' (SPAZZIANI e

FONSECA, 2019) (Figura 1) e 'Passarinhando' (NISHIDA *et al.*, 2018), os requerimentos e as indicações específicos disponíveis no sistema da Câmara Municipal de São Manuel. Esses documentos foram analisados objetivando única e exclusivamente a composição de dados históricos para o substrato da discussão a partir das narrativas, corroborando ou complementando algumas falas. Outros documentos referentes à FEU foram pesquisados, tais como portarias da Unesp e registros de visitas.

Para que se estabelecessem parâmetros para a avaliação dos perfis e conceitos atribuídos à EA, documentos referentes à cartografia (SAUVÉ, 2005) e às macrotendências (LAYRARGUES e LIMA, 2014) foram lidos e para cada um foi produzido um fichamento. Eles serviram de parâmetro para a observação de qual perfil de EA é característico de cada entrevistado e os ganhos de compreensão em EA a partir dos dados obtidos.

Igualmente aos documentos anteriores, consultas a materiais pertinentes dentro da área de História Oral foram realizadas para amplificar a potencialidade dessas narrativas e atribuir-lhes mais significado como patrimônio cultural. Nesse sentido, para Portelli (2017, p. 191), “os historiadores orais usam citar mais amplamente as próprias fontes e fazer mais recurso a uma montagem do que em geral não faz a historiografia, ou também não o fazem as disciplinas que também falam do trabalho de campo, como a antropologia ou a sociologia”. Não é uma questão de impor o que é ou não válido, digno ou não. Se trata de registrar os modos atribuídos por cada sujeito e sua tentativa de comunicação desses modos de significar (GARNICA, 2011).

No livro referente ao projeto de extensão 'Clube da Mata', além da possibilidade de se compreender o projeto que atua dentro da FEU, há uma parte integrante que representa o motor de propulsão da intenção de se realizar essa pesquisa: uma gravação (posteriormente transcrita e textualizada) de uma conversa entre os cursistas de ensino médio e Laércio Miraglia (1955-2019), que no momento de produção do livro era até então o funcionário mais antigo presente na FEU (Figura 2). A declaração de Laércio Miraglia encontra-se na íntegra no capítulo do livro anteriormente mencionado, no capítulo “Histórico da Fazenda Experimental da Unesp no município de São Manuel” (THOMÉ e FONSECA, 2019).

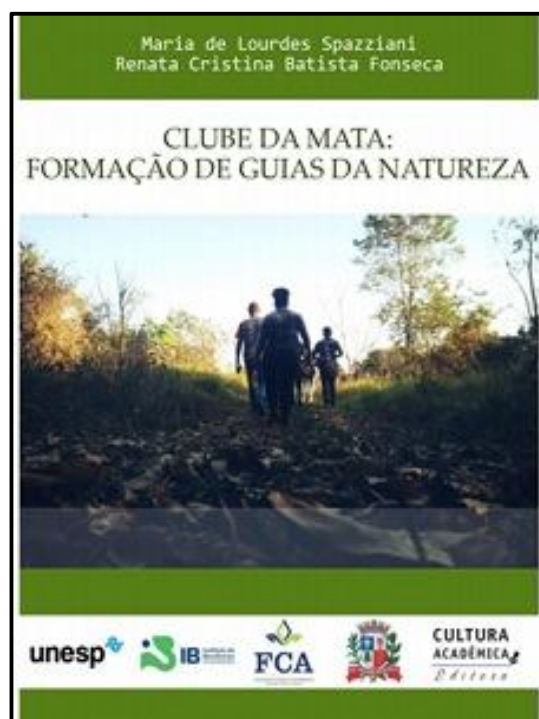


Figura 1. Capa do livro produzido com os resultados e as discussões acerca da formação em EA de jovens na primeira edição do curso 'Clube da Mata'. **Disponível em:** <https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/livro---clube-da-mata---versao-16-final.pdf>



Figura 2. Momento durante o curso de extensão 'Clube da Mata' em que os cursistas puderam interagir e ouvir as histórias do até então mais antigo funcionário da FEU. **Fonte:** THOMÉ e FONSECA (2019).

Vale mencionar que – dentro dessa perspectiva – o pesquisador é integrante do projeto ‘Clube da Mata’ desde a sua fundação, mantendo vínculo com a iniciativa até o momento de produção desta dissertação, trabalhando com a monitoria e com a regência de um dos módulos dentro do curso (referente a Trilhas Interpretativas). Esta situação lhe proporciona, por um lado, a facilidade de acesso aos dados, a observação e o registro dos acontecimentos relacionados à Educação Ambiental promovidos na FEU. Por outro, as dificuldades na objetividade das análises críticas precisam ser constantemente contornadas. Para tanto, além das entrevistas realizadas que deram origem as narrativas dos depoentes, o acesso e análise dos diferentes materiais produzidos ao longo dos anos também foram utilizados como fonte de literatura: relatórios semestrais e anuais, roteiros de visitação e de atividades, anotações, reflexões e impressões pessoais durante todo o processo (organização, planejamento, execução e acompanhamento).

3.2.2 – Seleção dos entrevistados

Como critério de seleção dos entrevistados foi adotado o parâmetro de escolher pessoas com base na sua proximidade e seu envolvimento com espaços não formais, Educação Ambiental e com a FEU localizada em São Manuel. Dessa forma, a amostragem desse grupo teve por finalidade determinar características comuns e diferentes dos sujeitos participantes da pesquisa.

Uma vez que os depoentes são de convívio comum do pesquisador (diretamente inseridos no contexto da FEU nos últimos anos em projetos e visitas), não houveram muitas dificuldades no processo de selecionar as pessoas com o perfil necessário para a pesquisa. A preocupação maior ficou em selecionar pessoas com perfis diferentes entre si, para que fosse possível enxergar a FEU de forma abrangente pelos olhos de um monitor de projeto, um funcionário e um gestor público.

3.2.3 – Entrevistas

Os entrevistados foram contatados previamente para que os objetivos da dissertação fossem pautados e elucidados, justificando a sua importância. Os roteiros de entrevista foram disponibilizados antes da realização destas, a fim de evitar estranheza, dúvidas ou situações desconfortantes por parte dos depoentes. Estes foram orientados da não obrigatoriedade de resposta em alguma pergunta que não lhes deixassem confortáveis. Vale ressaltar que naturalmente outras perguntas surgiram

durante as entrevistas, a fim de compreender a construção histórica de cada depoente e sua relação com a natureza, com a FEU e com a Educação Ambiental. O roteiro das entrevistas e os modelos de termos utilizados para orientar os depoentes e solicitar a concessão do uso das entrevistas estão disponíveis na íntegra nos Apêndices A, D e E.

A metodologia empregada para realização das entrevistas seguiu a técnica descrita por Müller (2015), adotando critérios de escolha que priorizassem sujeitos considerados relevantes em aspectos de relação com o objeto de estudo (FEU) ou com projetos e atividades socioambientais em espaços não formais. Cada entrevista foi registrada em áudio e vídeo por meio de videoconferência realizada na plataforma *Google Meet*, respeitando as normas de vigilância sanitária em situações de pandemias. Consideramos as filmagens primordiais para as análises que a sucedem, pois, as narrativas se constroem em palavras e ênfases, mas também na linguagem corporal e expressões faciais.

As entrevistas foram semiestruturadas, seguindo um roteiro composto de questões abertas e mais gerais, assim como de perguntas mais fechadas e específicas. Tal postura foi adotada devido ao público heterogêneo de depoentes, uma vez que – embora tenham relação com a área de estudo (FEU) – suas atividades profissionais estão relacionadas a monitoria em projetos, a gestão do espaço e a representação política.

Podemos mencionar a presença de questões direcionadas para a história de vida dos depoentes, sua relação com a natureza e suas perspectivas quanto a realização de EA em espaços não formais, em quesitos de desenvolvimento de habilidades que o currículo escolar não contempla (seja por falta de tempo e/ou infraestrutura necessária). Dando mais profundidade no tema central, o roteiro também apresenta perguntas sobre a relação dos entrevistados com o município de São Manuel e com a FEU, questionamentos afim de mapear os demais projetos desenvolvidos no espaço (pesquisa, ensino e extensão) e por fim, perguntas que nos propiciaram analisar como os entrevistados enxergam o potencial e as vulnerabilidades da fazenda como um espaço não formal (infraestrutura, espaços físicos adequados, banheiros, refeitório, água, transporte), perspectivas para o desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão.

As entrevistas transcritas e textualizadas foram submetidas aos depoentes, para que tivessem acesso livre e opinassem em situações que desejassem vetar ou modificar alguma fala.

3.2.4 – Análise das narrativas

Após a realização das entrevistas, estas foram transcritas minuciosamente e submetidas a um processo de textualização, tomando o devido cuidado para não retirar o tom original dos depoentes no processo. A textualização pode ser definida como uma edição diferenciada sob a qual lacunas são preenchidas, frases são reordenadas e vícios de linguagem são minimizados (ROSA, 2017).

As narrativas foram analisadas utilizando-se a metodologia proposta por Martins Salandim (2012) para o estudo da interiorização dos cursos de Matemática no estado de São Paulo, uma vez que este trabalho inevitavelmente conversa com um viés historiográfico ao manter o enfoque para um local repleto de histórias e significados. De qualquer forma, encaramos que “as narrativas orais fixadas pela escrita são tomadas como fontes históricas, intencionalmente constituídas” (GARNICA, 2011, p. 34).

Os entrevistados, com suas singularidades, remontam tempos cronológicos que podem ser considerados como o passado e o presente de gerações e de relação com a FEU. Dessa forma é possível olhar para a perspectiva futura.

Para Martins Salandim (2012), essa análise pode estruturar uma ou mais novas narrativas a partir dos pontos convergentes e divergentes significados entre as respostas dos entrevistados, configurando um horizonte mais amplo. Nesse sentido, estabeleceram-se paralelos a serem comparados entre os depoentes, observando os elementos de suas narrativas que convergiram ou divergiram. As diferentes funções assumidas pelos entrevistados é o próprio fio condutor para transparecer as perspectivas de cada narrativa. Entretanto, a perspectiva de EA para cada depoente se constituiu como parâmetro de informações que mais representassem o histórico, as potencialidades e as vulnerabilidades da FEU, indicando caminhos que podem ser tomados para que o papel do espaço seja cada vez mais social e que tenha seu potencial amplificado.

Nessa perspectiva, Garnica (2001) expõe que

Ainda que seja impossível analisar todas as variedades em suas singularidades, a História Oral permite, pelo menos, a criação de acervos de perspectivas (conjuntos de narrativas enunciadas) que, quando estudadas, mostram que apropriações bem distintas do que poderia ser concebido como UMA legislação, UM movimento, UMA prática pode conviver - e efetivamente convivem - num mesmo tempo e espaço” (p. 4)

As narrativas emergem do cotejamento entre diferentes narrativas após as textualizações (MARTINS SALANDIM, 2012). Assim sendo, as narrativas textualizadas

partir das entrevistas foram comparadas entre si e com os documentos selecionados para serem analisados, construindo uma narrativa única a partir de convergências, divergências e singularidades de cada depoente. Os dados dos entrevistados (nome completo, idade, formação acadêmica e atuação profissional) foram digitalizados e armazenados em formato eletrônico no Microsoft Excel® (do pacote de programas Microsoft Office®), facilitando a síntese de conceitos, facilitando a elaboração de quadros para melhor visualização dos diferentes perfis.

3.2.5 – Cartas de cessão e devolutivas

Ao final do processo de textualização das entrevistas, as narrativas foram entregues para cada participante, afim de que este a reconhecesse, permitindo sua publicação por meio de uma carta de cessão e direito de uso. Entretanto, nos casos em que o participante desejou modificar o texto (cortando ou acrescentando partes), houve negociação em parcimônia entre pesquisador e depoente. Dessa forma, as textualizações dispostas no Apêndice B são o resultado final desse processo. Por segurança, optamos por não divulgarmos os nomes dos entrevistados, apenas os nomeando por seu gênero e cargo profissional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4. RESULTADOS e DISCUSSÃO

4.1 Área de Estudo

O histórico apresentado a seguir foi advindo de um momento em que, na primeira edição do curso Clube da Mata em 2018, os cursistas e os monitores puderam ouvir as histórias e fazer perguntas ao até então morador e funcionário mais antigo da Fazenda Experimental da Unesp (FEU) trabalhando no local.

A FEU está localizada no município de São Manuel (Figura 3A), no km 269 da rodovia Marechal Rondon (SP-300) (Figura 3B). Conta com uma extensão correspondente a 381 ha. O clima do município é considerado como temperado quente (mesotérmico) úmido (CUNHA e MARTINS, 2009), o que também contribui para a caracterização do solo e da vegetação típicas, correspondente a uma região de transição entre dois biomas: Floresta Estacional Semidecidual (Mata Atlântica) e Cerrado.

A Fazenda é pertencente a Faculdade de Ciências Agronômicas (FCA) e a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), ambas da Unesp – Campus de Botucatu/SP, sendo utilizada para a realização de aulas práticas dos alunos dos cursos disponíveis para cada faculdade, além de projetos de pesquisa. Dessa forma, o território da FEU é dividido em dois setores administrativos: um da FCA e um da FMVZ (FIGURA 1C). Ao lado das Fazendas Experimentais Lageado e Edgárdia, é supervisionada pelas Fazendas de Ensino, Pesquisa e Extensão (FEPE) da Unesp.

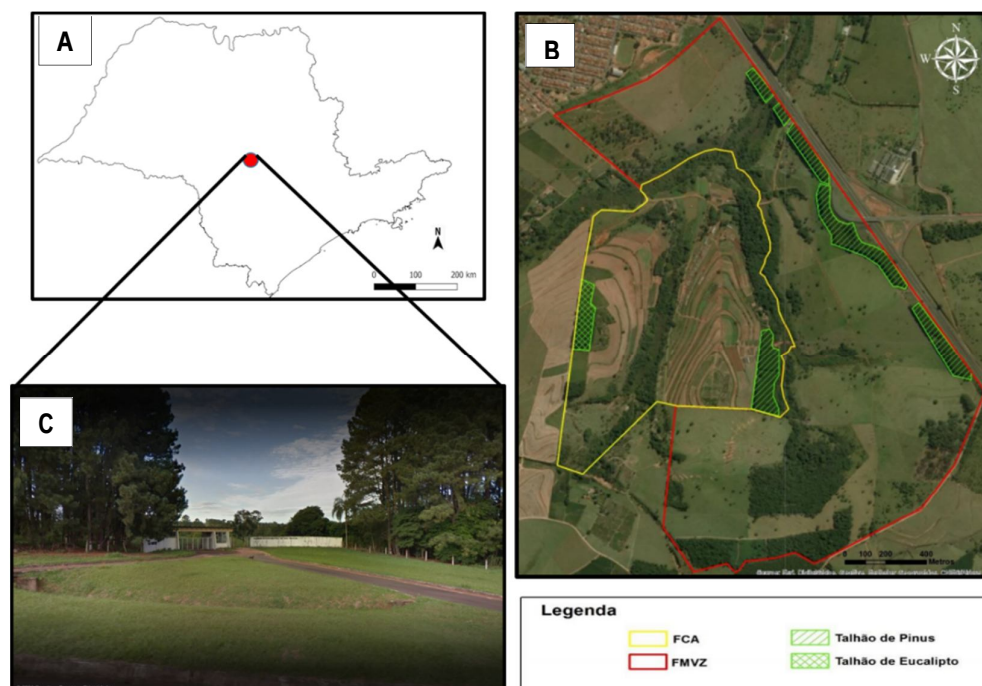


Figura 3. Visualização da localização da FEU sob diferentes perspectivas. A: Localização do município de São Manuel (SP) no mapa do estado de São Paulo; B: Entrada principal da FEU, no km 269 da Rodovia Marechal Rondon; C: Divisões administrativas da FEU. **Adaptado de:** BOATO (2017).

A partir da década de 1960, a FEU passou a ser uma propriedade da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (Unesp) – Campus de Botucatu. Anteriormente uma propriedade privada de Vicente Galerani (cafeicultor de grande renome que também se projetou como um importante comprador de café), ela foi arrendada por comerciantes e políticos da época, com a intenção de ser doada à instituição sob a contrapartida de que fosse utilizada para a construção de uma unidade que recebesse a Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA) e o curso de Agronomia. Entretanto, a antiga vontade desse grupo de pessoas não foi realizada. Pela infraestrutura disponível para a Unesp na época, que se encontrava caminhando para sua consolidação, o deslocamento até a FEU era inviável. A necessidade de deslocar muitos funcionários todos os dias, além da análise de demanda de engenheiros agrônomos pelo mercado de trabalho regional (SANTA ROSA e VILLAS BÔAS, 2015), contribuíram para que nos primeiros anos a fazenda ficasse em segundo plano.

Em 1965 se inicia a história da Faculdade de Ciências Agrônômicas, após a integração do curso de Agronomia a então Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu (FCMBB). Mais tarde, precisamente no ano de 1972, um decreto federal

possibilitou que o governo do Estado de São Paulo recebesse a cessão para utilizar o espaço como unidade de ensino superior, onde hoje é localizada a Fazenda Experimental Lageado, no município de Botucatu (SP). Assim, em 1976, a Unesp tem sua formação a partir dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária, assim como das Faculdades de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu e os outros institutos isolados de ensino superior do estado de São Paulo.

O histórico da FEU antecede as primeiras contratações de funcionários para a fazenda, que ocorreram em 1967. Entretanto, ainda que não utilizada como espaço formativo no início de sua doação, foi nela que atividades práticas contribuíram para a formação de muitos profissionais. Até o ano de 1967, a fazenda abrigava colônias de famílias (localizadas em diferentes pontos do espaço) que trabalhavam com as atividades desenvolvidas na fazenda, até então conhecida como “Fazenda Pimenta”, menção ao bairro onde se localiza uma das entradas para a propriedade (hoje conhecido como Cohab I, em São Manuel) (THOMÉ e FONSECA, 2019).

Essas comunidades rurais trabalhavam nas lavouras, principalmente de café, uma vez que historicamente essa época foi marcada pela expansão da atividade cafeeira na região. Além das colônias, a fazenda também contava com uma escola de séries iniciais, onde os filhos dos trabalhadores rurais estudavam.

As colônias (Figuras 4 e 5) eram formadas, todas, de famílias simples e geralmente parentes, todos criados no mesmo local. As casas eram construídas majoritariamente de tijolos e as ligações entre as colônias eram realizadas através de pontes improvisadas com madeiras (THOMÉ e FONSECA, 2019). Após a chegada da Unesp, apenas algumas famílias de funcionários permaneceram morando no local. As lavouras foram retiradas para que o espaço pudesse receber projetos de pesquisa. Apesar da demolição de muitas casas, ainda encontramos antigas moradias presentes na propriedade. Uma destas se tornou sede simbólica de um dos projetos de extensão desenvolvidos na FEU (Figura 6).



Figura 4. Registro fotográfico panorâmico da “Fazenda Pimenta” em 1928. Em destaque, a formação de colônias constituídas, em sua maioria, de pessoas com grau de parentesco. **Fonte:** <http://casadasfamiliasimigrantes.blogspot.com/>

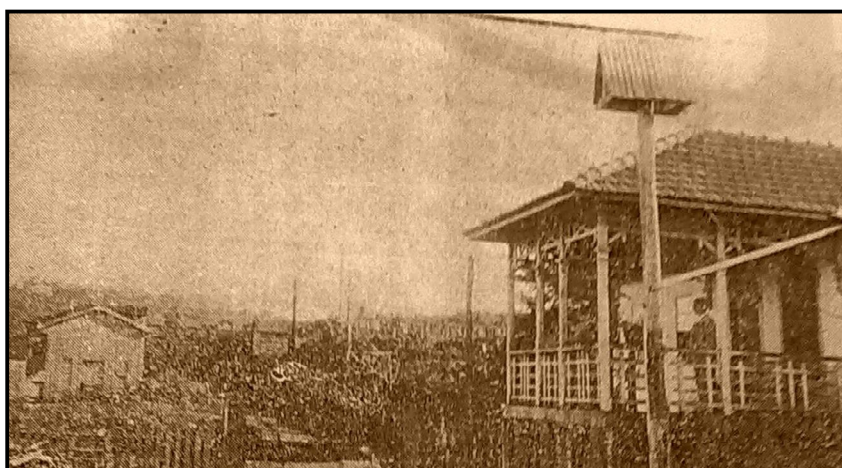


Figura 5. Registro da residência do antigo dono da “Fazenda Pimenta” em 1928. **Fonte:** <http://casadasfamiliasimigrantes.blogspot.com/>

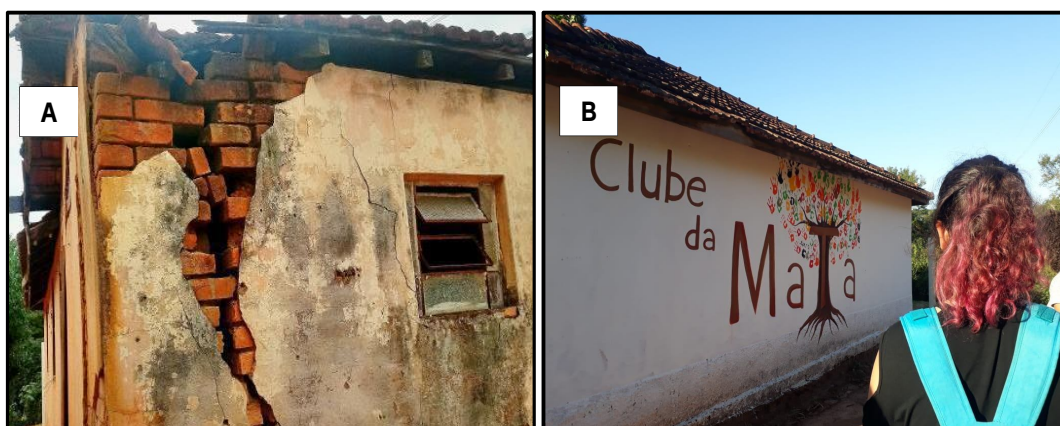


Figura 6. Exemplo de antigas moradias formadas na década de 60) ainda restantes dentro da FEU. Na figura A, a condição de uma das construções e na figura B uma estrutura revitalizada escolhida como sede do projeto de extensão ‘Clube da Mata’. **Fonte:** THOMÉ e FONSECA (2019).

A primeira instalação a ser construída na fazenda foi o “barracão” (Figura 7), uma estrutura que recebeu a sede administrativa, uma sala de aula (Figura 8), banheiros, depósito e cobertura para guardar materiais, maquinário e veículos. Outra estrutura foi construída em frente ao “barracão” para ser destinada às refeições (Figura 9).

Após a construção da sede da fazenda, durante três ou quatro anos nenhuma atividade foi realizada. O abandono provisório do espaço prejudicava os funcionários que habitavam a FEU, que passavam por episódios de sufoco em meio a incêndios criminosos provocados – provavelmente – por pessoas que tinham interesse em transformar o local em vastos campos de pasto.

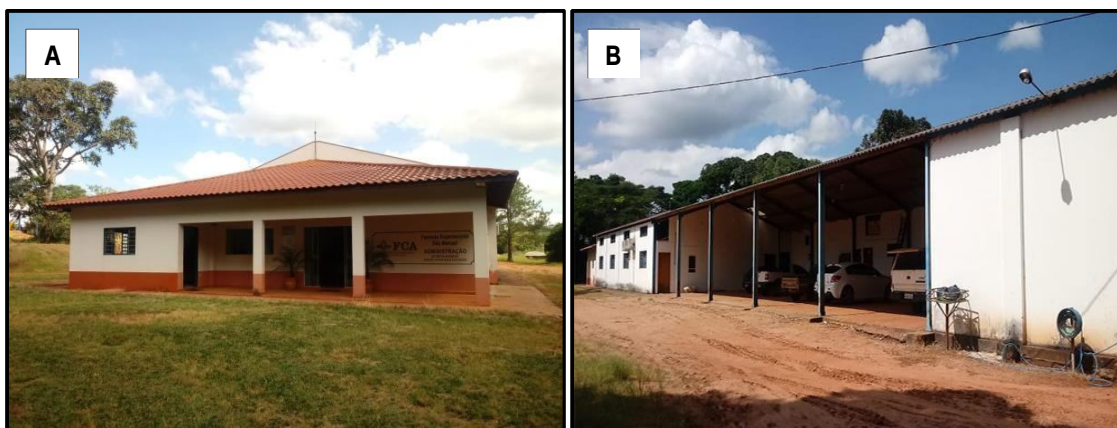


Figura 7. Primeira estrutura a ser construída para o início das atividades da Unesp na FEU. A: frente do “barracão”, com a sede administrativa. B: vista lateral do “barracão”, contendo sala de aula, banheiros e locais para armazenamento de alimentos, ferramentas e estacionamento para veículos. **Fonte:** THOMÉ e FONSECA (2019).



Figura 8. Vista geral da estrutura fornecida pela única sala de aula da FEU. Pela imagem, observamos uma estrutura que comporta cerca de quarenta alunos, dispendo de notebook, projetor de slides, lousa, giz e ar-condicionado. **Fonte:** Arquivos do projeto ‘Clube da Mata’.



Figura 9. Região central da FEU, no enquadramento oposto das fotografias usadas para identificar a sede administrativa. Ao fundo, a estrutura designada para ser o refeitório. **Fonte:** arquivos do projeto 'Clube da Mata'.

Sucedendo os anos parados, mais professores e funcionários da Unesp chegaram para trabalhar na FEU. Um destes era o Prof. Dr. Tosiaki Kimoto, que recebe um quiosque localizado no lago central com seu nome (Figura 10). Outros nomes que podem ser mencionados no início desse histórico são dos professores doutores Julio Nakagawa (diretor da FCA de 1977 a 1981, e de 1981 a 1985) e Chukichi Kurozawa (vice-diretor da FCA no período que compreende de 1989 a 1993). Desde então, a FEU recebe atividades práticas e projetos de pesquisa da FCA e da FMVZ. Conta com um transporte diário que leva alunos com a necessidade de checar periodicamente seus projetos, que parte da FEL em direção à São Manuel. A residência em Ciências Agrárias também pode ser realizada em São Manuel.



Entretanto, poucas atividades de extensão envolvem a comunidade do entorno da Fazenda. A maior parte dos projetos realizados na FEU são destinadas à pesquisa científica.

Partindo dessa necessidade, em 2018 nasce o projeto de extensão 'Clube da Mata',

Figura 10. Quiosque Tosiaki Kimoto, localizado no lago central da FEU. **Fonte:** THOMÉ e FONSECA (2019).

com a finalidade de formar alunos do ensino médio da rede pública do município de São Manuel como guias da natureza em visitas de alunos do ensino fundamental (anos iniciais) à FEU. Se comunicando com alunos de diferentes escolas públicas da cidade com base em temáticas relevantes para a equipe de coordenação, voluntários e monitores, levando em consideração o contexto da região em que estão inseridos.

Parceiro do Clube da Mata, o projeto 'Passarinhando' coordenado pela Profa. Dra. Silvia Mitiko Nishida é outro exemplo de atividade de extensão realizada no espaço da FEU. De uma das iniciativas do grupo 'Passarinhando' nasceu a listagem 2016/2017 do "Guia de Aves: Botucatu e São Manuel" (NISHIDA *et al.*, 2018), fruto dos levantamentos da composição de avifauna realizados nos dois municípios por meio de buscas ativas, utilizando-se binóculos e gravações de sons dos cantos de pássaros. Vale ressaltar que além da elaboração de um guia de aves, o levantamento em São Manuel também foi a proposta central do trabalho de conclusão de curso elaborado por Boato (2017). Especificamente, nesse município, o levantamento foi realizado por toda a extensão da FEU e revelou um total de 188 espécies (24 ordens e 52 famílias), sendo 170 destas na área destinada à FCA e 132 na área da FMVZ (BOATO, 2017).

4.2 O projeto de extensão 'Clube da Mata'

Em vista da problemática exposta anteriormente, a partir de 2018 passou a ser desenvolvido – pelo Núcleo de Ensino do Departamento de Ciências Humanas, Ciências da Nutrição e Alimentação (antes do processo de departamentalização da Unesp era denominado 'Departamento de Educação') – o projeto de extensão 'Curso de Formação de Educadores Ambientais para manejo em Agroecologia e Conservação de Trilhas e Estruturas Educativas', também conhecido como 'Clube da Mata'. Este projeto consiste na formação de alunos da rede pública de ensino do município de São Manuel como guias da natureza, atuando na função de monitores em visitas realizadas por turmas de escolas municipais de São Manuel à FEU. Ele conta com os seguintes parceiros: Prefeitura de São Manuel, Instituto de Biociências (IBB), Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD, Fazendas de Ensino, Pesquisa e Extensão (FEPE) e o Laboratório de Conservação da Natureza.

A dinâmica de planejamento para a realização do Clube da Mata perpassa por algumas etapas. Em um primeiro momento, as escolas são mapeadas por levantamento viabilizado pela Secretaria da Educação de São Manuel e a Diretoria de Ensino da região de Botucatu. São realizados contatos com os gestores e coordenadores das

escolas, de forma a apresentar a proposta da formação e, se a comunidade escolar julgar pertinente, marcar uma data de visita às unidades para apresentar o projeto aos alunos. Ao final da visita, um formulário é entregue para cada aluno; no formulário se encontram perguntas relacionadas aos módulos presentes no curso e perguntas relacionadas ao interesse do aluno em participar do projeto. Os formulários são avaliados pelos bolsistas responsáveis pela organização do curso, de acordo com as melhores argumentações elaboradas pelos alunos.

Em sua segunda etapa, o processo de seleção envolve mais uma visita a cada unidade escolar – com os alunos selecionados – para realizar uma atividade prática que objetiva avaliar a capacidade de trabalho coletivo dos alunos. Esse processo de filtragem é necessário pois o número de formulários recebido é muito alto, maior do que o planejamento do curso comporta. Encerrada a segunda etapa, os alunos são convocados para comparecer – durante uma semana do mês de julho, correspondente as férias escolares – na FEU, para a realização de aulas teóricas e práticas, além de momentos de desenvolvimento artístico. A Prefeitura de São Manuel se mobilizou no sentido de oferecer transporte gratuito aos alunos, além dos profissionais da merenda escolar e os suprimentos necessários para as refeições durante o curso.

O método de avaliação dos alunos adotado foi baseado na presença durante os dias de desenvolvimento das atividades (75% eram necessários). No ano de 2018, em sua primeira edição, o curso recebeu 40 alunos do ensino médio (provindos das escolas ETEC Dona Sebastiana de Barros, E. E. Professor Atílio Inocenti e E. E. Professor Francisco Oliveira Faraco), formando 33 alunos para atuar como monitores na FEU. No ano de 2019, o curso foi repensado para receber também alunos do 9º ano do ensino fundamental – anos finais. Essa demanda foi levantada com base na seleção de alunos, no curso anterior, do 3º ano do Ensino Médio, que estão prestes a se formar e muitas vezes iniciam uma graduação logo em seguida. Assim, dificultam a continuidade da proposta do curso sob essas circunstâncias. Dos 40 alunos selecionados, 32 alunos se formaram na segunda edição do Clube da Mata. Em ambas as oportunidades, uma cerimônia de formatura foi realizada no teatro municipal de São Manuel para entrega dos certificados de participação.

As temáticas abordadas nos módulos do ano de 2018 foram: identificação de vegetação, cultivo orgânico e Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), compostagem, observação e ecologia de aves, identificação de mamíferos e trilhas

ecológicas (Figura 11). No ano de 2019, a temática “Recursos Hídricos” foi adicionado, em consideração a presença de lagos represados dentro da propriedade (Figura 11G).



Figura 11. Registros dos módulos que compõem as atividades do projeto 'Clube da Mata'. A: Análise de estruturas anatômicas de vegetação; B: Alunos experimentando alimentos feitos com PANC; C: Prática de compostagem; D: Observação de aves; E: Prática de moldes de pegadas de mamíferos; F: Relaxamento em trilha sensitiva; F: Avaliação de qualidade de água. **Fonte:** Arquivos do projeto 'Clube da Mata'.

Encerrado o ano de 2019, o Clube da Mata é convidado a assinar um convênio com a Prefeitura de São Manuel, para a expansão da formação proporcionada e das intervenções educativas sobre as temáticas socioambientais. Em 2020, o Clube da Mata se preparava para iniciar um curso de formação continuada destinado aos docentes da rede pública, para que assim as visitas à FEU se tornassem mais produtivas no sentido de que o professor pudesse realizar sua aula de forma complementar ao currículo escolar, e não que simplesmente enxergasse a visita como um passeio. É importante que a figura do professor, que está cotidianamente com as crianças, se una a gama de experiências que um espaço não formal como a FEU pode proporcionar.

Paralelamente, a terceira edição do curso começava a ser organizada. Com a chegada da pandemia da nova cepa de corona vírus, as atividades presenciais foram suspensas e o Clube da Mata se uniu aos projetos Trilha (Casa da Natureza), Kayrú, Arboricatu, PET – Engenharia Florestal, ao Instituto Itapoty (Itatinga/SP) e a coordenação da Área de Proteção Ambiental (APA) – perímetro de Botucatu, para formar a Rede Casa da Natureza (RCN), que se dedicou a formação de equipe, produção de materiais informativos digitais e realização de *lives* sobre vários segmentos dentro da Educação Ambiental.

Frutos dos trabalhos realizados até 2019 foram disseminados por congressos científicos e culminaram também na dissertação produzida por Ferrari (2020). Nesse trabalho, objetivou-se avaliar a potencialidade formativa do curso 'Clube da Mata' no que tange conceituações científicas e tópicos de Educação Ambiental. Adotando a abordagem metodológica por questionários (aplicados antes e após a realização do curso) e entrevistas com cursistas egressos, foram constatadas alterações significativas na percepção destes quanto a Educação Ambiental, apropriação de conceitos científicos – principalmente os referentes aos aspectos regionais de vegetação no município de São Manuel – e ampliações no olhar sob uma perspectiva de ações socioambientais.

Outro ponto importante a salientar é a influência positiva do trabalho coletivo e a importância do papel da interação social para o desenvolvimento cognitivo dos cursistas: “Antes do curso os participantes entendiam que o objetivo do projeto era o aprendizado

dos participantes, no entanto depois do curso o entendimento manifestado pelos participantes foi o aprendizado e o compartilhamento deste" (FERRARI, 2020, p. 127).

No ano de 2021, o convênio formado entre o Clube da Mata e a Prefeitura de São Manuel foi retomado para a realização de uma nova edição do projeto. Diante da conjuntura educacional em tempos pandêmicos, o objetivo foi contribuir na formação tanto de estudantes quanto de professores da rede pública municipal e estadual de Botucatu (SP) e São Manuel (SP), por meio da utilização do ensino remoto. A realização do curso se deu a partir dos cinco estudantes bolsistas do projeto financiado pela Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais (FEPAF) e pela Prefeitura de São Manuel, coordenados pela Profa. Dra. Maria de Lourdes Spazziani (IBB) e pela Profa. Dra. Renata Cristina Batista Fonseca (FCA).

As etapas iniciais do projeto envolveram os primeiros contatos com os representantes da área educacional dos dois municípios, construindo uma comunicação entre os bolsistas do projeto e os professores da rede pública, com a finalidade de ampliar o conhecimento acerca do histórico do projeto e das atividades planejadas para o ano de 2021. Dessa forma, os primeiros contatos foram realizados com os representantes da Secretaria de Educação de São Manuel e com a Diretoria de Ensino de Botucatu e região. Os bolsistas realizaram reuniões prévias com os Professores Coordenadores de Núcleos Pedagógicos (PCNPs) e os Coordenadores Pedagógicos de ambos os municípios, em horários de reuniões de Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) ou horários alternativos, variando de acordo com a disponibilidade dessas representações. Essas reuniões receberam o nome de 'Oficinas Pedagógicas' e obedeciam aos seguintes passos: no primeiro momento, os bolsistas se apresentavam, explicavam a finalidade e o procedimento da oficina; em seguida, para um momento de imersão na temática ambiental, a poesia elaborada por um dos bolsistas intitulada "Não existe jogar fora" foi recitada. Essa poesia, por sua vez, aborda temáticas como o descarte de resíduos sólidos e a importância dos 8 R's da sustentabilidade. Após a imersão, um breve material elaborado em *PowerPoint* era apresentado aos professores e aos coordenadores, contextualizando o histórico e a contribuição do Clube da Mata para a formação de jovens como guias da natureza na FEU. No encerramento das oficinas, abriu-se espaço para diálogos, impressões e sugestões dos coordenadores para que o curso fosse apresentado aos professores e aos alunos. O último ponto dos encontros consistia em repassar um link que direcionava à um formulário na plataforma *Google Forms*, que recolhia algumas informações básicas dos professores (nome completo, email de contato e a escola em que leciona) e trazia

três questões: "Quais os projetos de EA estão implantados na escola hoje?", "Quais os projetos deveriam ser feitos na escola hoje?" e "Dentre os temas a seguir, quais você mais se identifica ou já trabalhou?". Utilizando a opção de caixas de seleção, essas três perguntas eram habilitadas para que mais de uma opção pudesse ser assinalada.

Todas as oficinas foram gravadas pela plataforma *Google Meet* e as gravações foram encaminhadas diretamente pelos coordenadores aos grupos de comunicação com os professores. Os professores, por sua vez, foram encarregados de repassar a mensagem aos alunos. Foram realizadas ao todo quatro oficinas, uma com os PCNPs da Diretoria de Ensino de Botucatu e região, duas com coordenadores de escolas de ensino fundamental de São Manuel (uma de coordenadores dos anos iniciais e uma com coordenadores dos anos finais) e uma com coordenadores de escolas de ensino médio de São Manuel.

Após a obtenção dos dados presentes nos formulários, os bolsistas do Clube da Mata ficaram encarregados de elaborar os formulários de inscrição e o material a ser divulgado na imprensa (*Press Kit*) contendo um vídeo-convite (também disponibilizado na plataforma *Youtube*), um *release* e algumas imagens das edições anteriores do curso. Os formulários foram encaminhados aos coordenadores, para que o mesmo processo aplicado após as oficinas fosse realizado. Em complementaridade, um e-mail de convite foi enviado para cada professor que respondeu aos primeiros formulários. Nos formulários de inscrição, uma das perguntas envolvia – mais uma vez – selecionar temáticas de interesse a serem exploradas durante a formação. Semelhante aos primeiros, estas questões também estavam habilitadas para que pudessem ser assinaladas mais de uma opção. Em ambos os processos, as opções de temáticas foram as mesmas selecionadas a partir dos moldes anteriores do Clube da Mata.

A fim de hierarquizar as temáticas de forma quantitativa, aquelas assinaladas nos primeiros formulários e nos formulários de inscrição foram somadas e organizadas de forma decrescente em uma planilha elaborada no *Microsoft Excel*. Do maior para o menor, as temáticas que mais apareceram foram: Alimentação Orgânica, Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC), Qualidade da Água, Observação de Aves, Identificação de Plantas e Animais, Trilhas, Horta, Meditação/Yoga, Resíduos Sólidos, Compostagem e Ciência Cidadã.

A partir de reuniões entre os bolsistas e as coordenadoras para a discussão destes resultados, os palestrantes e mediadores a serem convidados foram definidos e contatados. De acordo com o cronograma definido e a divisão em duas turmas (professores e alunos) o curso teve seu início no dia 22/06/2021 (terça-feira) e se

encerrou no dia 24/08/2021 para o grupo de professores e 26/08/2021 para o grupo de alunos. Com uma carga horária total de 40 horas, cada módulo recebeu o tempo de quatro horas (duas horas teóricas e duas horas de atividades relacionadas ao módulo).

4.3 Entrevistas

Foram realizadas três entrevistas, com diferentes pessoas que pudessem contribuir com suas perspectivas para a construção do eixo de condução quanto a vulnerabilidades e potencialidades de práticas de EA na FEU. As entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro do ano de 2021, de forma virtual pela plataforma *Google Meet*, com horário agendado com antecedência e com os roteiros de entrevista enviados previamente a cada depoente, para que nenhuma surpresa ou incômodo pudesse acontecer, desestabilizando os entrevistados. A plataforma escolhida, além de propiciar o encontro de pessoas em municípios diferentes, também facilitou o processo de gravação em vídeo de cada entrevista.

O monitor de projeto de extensão, o servidor da FEU e o gestor público de São Manuel foram identificados por nomes diferentes dos seus nomes verdadeiros, na tentativa de manter o sigilo de suas identidades. Entretanto, sabemos que outras características podem levar à identificação destes sujeitos, dependendo das pessoas que tiverem acesso a esse material e forem próximas das pessoas que mantém relação com a FEU. Deixamos frisado que embora possa ocorrer, essa não é nossa intenção. Entendemos que não seria possível preservar os nomes a ponto de designar os entrevistados por códigos de identificação ou letras do alfabeto, pois isso descaracterizaria informações valiosas sobre o perfil dos participantes. Suas singularidades e subjetividades. Nessa perspectiva, os depoentes estiveram de comum acordo com a troca de seus nomes por outros, fictícios.

Compreendemos também que, ao anunciarmos que tiraremos o nome original dos depoentes, estamos tomando uma decisão arbitrária, negativa. Entretanto, ressaltamos que nosso objetivo não é generalizar a função social dos indivíduos com o pensamento de todas as classes das quais fazem parte. Não podemos afirmar, com base nas narrativas, que todos os monitores, funcionários ou gestores pensem da mesma forma. Talvez possamos afirmar apenas que suas narrativas são relevantes pela proximidade que estabelecem com a área de estudo (FEU).

Em média, cada entrevista culminou em conversas que duraram cerca de uma hora e dois minutos. O grupo dos depoentes é formado por três homens, com a faixa etária indo dos 24 aos 61 anos.

No quadro a seguir, é apresentada uma sistematização das informações fundamentais de cada depoente:

Quadro 1 – Informações de cada depoente entrevistado para essa dissertação.

ID	IDADE	FORMAÇÃO	FUNÇÃO SOCIAL	TEMPO DE ENTREVISTA
A	61	Doutorado em Física	Gestor público	01:02:24
B	40	Técnico em Agropecuária e Técnico Florestal	Supervisão de Ensino, Pesquisa e Extensão	00:35:42
C	24	Graduação em Biologia	Monitor em projeto de extensão em EA e Professor da educação básica	01:29:13

As entrevistas foram realizadas na plataforma *Google Meet*, facilitando o encontro entre pessoas que estão em municípios diferentes (barreira física), ainda mais em tempos de restrições devido a normas de saúde dentro de uma pandemia. Entretanto, por outro lado, perde-se a captação de certas emoções ou diferentes tons de vozes para dizer algo, o que só aconteceria no encontro presencial do pesquisador e dos depoentes.

Quanto a utilização de entrevistas como fonte de coleta de dados, permeada pela utilização da História Oral, retoma-se a discussão sobre as críticas que rondam esta metodologia. Como apontam Matos e Senna (2011), a História Oral estaria em função de trabalhar apenas com histórias do passado, e não situações contemporâneas. Essa dissertação até certo ponto rompe com essa concepção, pois avalia o momento atual para indicar possíveis caminhos para o futuro, confabulando com a visão de Vidal (2006) sobre a importância de se enxergar a História Oral como um método ligado não só ao passado clássico, mas também ao presente.

4.3.1 Perfil dos entrevistados

Marcelo

69 anos, licenciado em Física em uma universidade federal, é doutor com ênfase no uso de biomassa para a secagem de grãos. Trabalhou como docente em instituições públicas de ensino superior, passando também pelos cargos de vice e chefe de departamento, chegando até o cargo de diretor. Foi convidado a trabalhar na Pró-reitoria de uma universidade estadual e após sua aposentadoria passou a trabalhar na área da educação de um município do interior de São Paulo.

A família do depoente A tem relação direta com a compra de uma propriedade a ser doada à uma universidade estadual, na intenção de receber uma unidade desta em seu município de origem, juntamente do curso de Ciências Agrônômicas. O contexto histórico é a década de 1947, durante o mandato de Ademar de Barros como governador do estado de São Paulo. Essa proposta foi entregue ao governador, entretanto outro município da região recebeu a universidade. Portanto, durante um período de tempo que se estendeu até a década de 1960, a propriedade doada não foi utilizada pela universidade (embora os dois municípios sejam vizinhos). Uma das situações que teria desencadeado maior preocupação com o espaço seria a desapropriação de parte da propriedade para a construção de um conjunto habitacional.

Boas memórias e sensações são despertadas no depoente ao relembrar as reuniões e demais situações ao longo de todo esse processo histórico, durante sua juventude.

Thiago

40 anos, é nascido e criado em um município do interior paulista, além de formado como técnico em agropecuária e técnico florestal, com formações técnicas também em horticultura. Há 15 anos trabalha como supervisor do setor de Ensino, Pesquisa e Extensão em uma unidade de pesquisa de uma universidade pública localizada no interior do estado de São Paulo. Participa de conselhos de desenvolvimento rural e

desenvolvimento de meio ambiente no mesmo município em que se localiza a unidade de pesquisa descrita anteriormente.

Ao longo da história de sua vida, o depoente B teve seu primeiro contato com o local onde trabalha muito antes de prestar o concurso que o faria trabalhar no espaço. Em sua juventude, era comum hábito de sua família passear a cavalo pela propriedade. Devido a sua formação técnica e cursos de aperfeiçoamento, o depoente já participou de atividades práticas realizadas na propriedade. De forma geral, sua história está intimamente relacionada com o local e a observação das mudanças do espaço ao longo dos anos.

Além disso, o depoente apresenta bastante conhecimento acerca da unidade de pesquisa em que trabalha, principalmente em aspectos de interesse desta pesquisa (número de projetos realizados no local; relação entre ensino, pesquisa e extensão no espaço; educação ambiental em espaços não formais) para que seja apontado um caminho de transformações benéficas e que potencializem o espaço para receber mais iniciativas educativas, permitindo maior intercâmbio entre aquilo que é pesquisado na unidade e o conhecimento da população em seu entorno.

Matheus

24 anos, recém-formado em Licenciatura em Ciências Biológicas e cursando o bacharelado na mesma área em uma universidade estadual, esteve envolvido desde o início de sua graduação com estágios na área da Educação. É nascido no interior de São Paulo, onde reside até hoje. Participou ativamente na elaboração e execução de um projeto de extensão universitária que alcançou renome na região onde está inserido, atuando diretamente na formação de alunos das redes municipais e estaduais de ensino, durante três anos consecutivos.

Atualmente é professor da rede pública municipal, atendendo mais de trezentos alunos de 1º a 5º ano do ensino fundamental. Seu interesse pela Biologia veio do fascínio pela ideia de cursar Medicina e poder ajudar as pessoas com o seu conhecimento biológico. Ao longo do tempo,

passou a entender e perceber que também poderia contribuir para a vida das pessoas sendo biólogo e professor.

4.4 Narrativas

Como nos solicita a metodologia empregada nessa pesquisa, as textualizações realizadas a partir de cada entrevista foram disponibilizadas na íntegra. Objetivando uma condução mais leve da leitura da dissertação, as textualizações estão dispostas no Apêndice B. No tópico a seguir, nos debruçaremos sob a formação de um eixo condutor e as análises de convergências e divergências, trazendo trechos das narrativas formadas a partir da entrevista de cada depoente e suas devidas triangulações com os documentos e autores utilizados para a composição deste trabalho.

Para o total entendimento dos leitores, é necessário elucidar algumas configurações existentes dentro dessas textualizações. Como já abordado nessa dissertação, a textualização realizada tomou os devidos cuidados para a não retirada do tom original dos depoentes. Nesse sentido, julgou-se importante manter alguns vícios de linguagem, mas seu excesso foi minimizado durante o processo. Portanto, temos como alguns dos termos mais utilizados: “né?”, “ali”, “aí”, “aqui”, “também”, “e tal”, “etc”, “a gente”. Todos esses casos foram minimizados, mas ainda permanecem na textualização, pois tornaria extremamente formal a fala de cada depoente. Nos casos de minimização, esses exemplos mencionados foram omitidos ou substituídos por conjugações mais coesas e coerentes.

Essa escolha também levou em consideração a afirmação de Portelli (2017)

A forma da performance do narrador é a da narração e do diálogo; a forma do texto escrito pelo historiador é a do ensaio e do monólogo. Torna-se, portanto, fundamental que, ao apresentar o resultado de um trabalho de história oral, se consiga deixar os rastros da origem dialógica e narrativa nos nossos materiais (p. 191).

Frases foram rearranjadas de forma a manter o fluxo do raciocínio em cada momento e assunto, pois em seu formato original elas provavelmente causariam confusão, na hora da leitura. Com base nisso, momentos de silêncio e frases inconclusas também foram minimizados, conferindo maior fluidez para a leitura e o entendimento das narrativas.

O uso de aspas (") durante as textualizações tiveram por finalidade marcar frases em que os depoentes estão mencionando possíveis falas de outras pessoas ou outros

profissionais das áreas que fazem parte. Não apenas frases, mas também aparecem juntamente a termos informais e/ou estrangeiros (exemplo: “moleção” e “start”).

A seguir, serão apresentadas a análise de singularidades, convergências e divergências das narrativas obtidas, discutidas em suas comparações entre si e entre os documentos analisados.

4.4.1 Eixo de condução

A princípio, pensamos em aproveitar o roteiro semiestruturado de entrevista e os demais questionamentos espontâneos que surgiram ao longo das entrevistas para separar a nossa análise em diferentes categorias. Essa escolha facilitaria o enquadramento das discussões sobre os resultados, entretanto dificultaria a divisão em certos momentos. Há trechos das narrativas que podem se encaixar em mais de uma categoria, deixando o pesquisador em uma situação de difícil escolha.

Dessa forma, ao invés de criarmos diversas categorias, decidimos encarar a condução das narrativas e das análises a partir de um eixo principal.

Esse eixo se configurou em um tema, e como ele constrói uma relação com os demais aspectos da pesquisa (área de estudo e seu potencial). Com base no referencial teórico-metodológico e nos objetivos de pesquisa, a EA se torna o pilar para promover essas discussões. Como a EA, nessas narrativas, se relacionam com a área de estudo (FEU)? O que a FEU representa para os entrevistados nesse sentido? Qual é a viabilidade para os projetos de pesquisa, ensino e extensão? Qual EA se constrói a partir desse trabalho?

Portanto, os resultados a seguir se dividem nos tópicos “Educação Ambiental em São Manuel”, “Viabilidade para o ensino e a extensão na FEU” e “Perspectivas futuras”. Ambos os tópicos levam em consideração as convergências, divergências e a singularidade de cada depoente, afim de nortear os ganhos de compreensão da direção do trabalho da FEU e das iniciativas em EA a partir desses dados. E, para isso, se fez necessário passarmos pelo histórico da cidade de São Manuel, a relação dos depoentes com a área de estudo, a visão sobre EA e sobre espaços não formais de cada um, além da percepção sobre natureza, pontos fortes e fragilidades da FEU.

4.4.2 Educação Ambiental em São Manuel

Para que pudéssemos discutir e justificar nossos apontamentos sobre os parâmetros da EA no município de São Manuel (viabilidade, perfil e relação com a FEU) foi realizado um breve levantamento do histórico do município. Esse contexto justifica muito do momento atual da cidade.

São Manuel teve sua edificação histórica como cidade no ano de 1871, com a doação de terras com a finalidade de se constituir um patrimônio religioso. No estado de São Paulo, como um todo, houve um incentivo para a vinda de imigrantes a partir da abertura desse tipo de patrimônio (GHIRARDELLO, 2010). Além do fato ser uma tradicional homenagem religiosa a um santo ou uma graça alcançada da época, esse processo também visava a criação de uma futura cidade, onde de forma planejada seriam definidas suas dimensões, o local da capela, e a distribuição de diferentes lotes para construções (SILVA, 2021). O fluxo de imigrantes, devido a abertura dos patrimônios religiosos, propiciou que as plantações de café expandissem. Ações políticas tais como a “Lei de Terras”³ contribuíram para uma facilitação da apropriação de regiões ao interior do estado (GHIRARDELLO, 2010).

De acordo com o censo de 2010 do IBGE, o município tem uma área territorial de 650.734 km², um IDH de 0.744 e uma população estimada em 41.287 habitantes (IBGE, 2010). Nas palavras de Thiago, “a cidade é pequena, conhecemos todo mundo basicamente (...) uma cidade bem amistosa, bem receptiva”.

Os três depoentes apresentam diferentes tipos de relações com o município de São Manuel e o conhecimento sobre a existência da FEU até seus primeiros contatos.

O número de munícipes é naturalmente, nas palavras de Marcelo:

“São Manuel é uma cidade média/pequena (...) e tem uma característica interessante: ela sempre teve em torno de seus quarenta mil habitantes. Só que quando eu era criança e adolescente, na cidade propriamente dita viviam de dez a quinze mil habitantes, enquanto o resto habitava a zona rural. Era um município extremamente agrícola, voltado para o café. Colheita de café. Então, muita gente morava no campo”.

³: “Dispõe sobre as terras devolutas no Império, e acerca das que são possuídas por título de sesmária sem preenchimento das condições legais. Bem como por simples título de posse mansa e pacífica; e determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso, assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de colônias de nacionais e de estrangeiros, autorizado o Governo a promover a colonização estrangeira no futuro, por se declarar” (BRASIL, 1850).

Esse recorte histórico da produção voltada para o café nos remete a década de 90, ao momento político em que oligarquias formadas em Minas Gerais e São Paulo alternavam no poder presidencial do país, o que ficou conhecido como “Política do café com leite”. A partir da proclamação da República em 1889, o Brasil já vivia um período de poder político no controle de produtores rurais, principalmente produtores cafeeiros. Entretanto, com a crise do café em 1922, o país passa por um forte aumento da inflação (FRITSCH, 1993). Os reflexos disso atingem todo o país, inclusive o município de São Manuel.

De acordo com Marcelo,

“Com as crises que foram acontecendo no café, foi mudando o aspecto agrícola do município e houve uma grande expansão na cultura de cana-de-açúcar, principalmente. E com isso houve uma migração da população para à cidade”.

Portanto, o município de São Manuel está historicamente relacionado com um contexto de patrimônios religiosos, propriedades rurais e orientações políticas que tinham um forte caráter provindo do recorte histórico de 1889 a 1930, em território brasileiro.

Uma singularidade interessante da narrativa de Marcelo vem da sua história de vida. Filho de um político são manuelense, acompanhou reuniões do pai com seus colegas, que eram proprietários rurais, gestores municipais e professores. Essas reuniões constantes culminaram na compra de uma propriedade rural – feita por esse grupo de pessoas – que foi doada ao governo do estado de São Paulo, com a finalidade de instalar uma faculdade de agronomia (THOMÉ e FONSECA, 2019). A proposta foi apresentada ao governador da época, Ademar de Barros. Como aponta Marcelo, “a família dele tinha uma ligação com a cidade, pois era toda de São Manuel”.

O resumo, de acordo com Marcelo,

“Já havia um embrião da Unesp ali em Botucatu. Ainda não era Unesp, mas era a Faculdade de Medicina, Ciências Biológicas e etc. Houve um estudo achando que seria uma coisa um pouco esquisita ter alguma coisa do estado já estruturado em Botucatu e montar uma outra faculdade aqui (São Manuel)”.

Essa visão é a mesma do histórico disposto no livro de Santa Rosa e Villas Bôas (2015) acerca da viabilidade de usar a FEU como uma instalação da Unesp. Ainda que um embrião existisse na cidade Botucatu, a instituição não tinha a reputação e muito menos a infraestrutura que possui nos dias atuais.

Ainda que exista a corroboração entre um discurso “oficial” (de uma universidade) e o discurso de outros narradores não inclusos no anterior, ressaltamos o valor dessa singularidade para a construção da história da FEU e sua relação com o contexto atual do espaço e do município de São Manuel.

Esse fator característico das fontes orais permite, segundo Garnica (2011, p. 34)

(...) trazer à cena, nos trabalhos acadêmicos, (tenham ou não tema especificamente “históricos”, a perspectiva – essencialmente híbrida e multifacetada – de, frente à impossibilidade de constituir documentos que recriem “a” história, registrar algumas de suas várias versões, aos olhos de atores sociais que vivenciaram certos contextos e situações. Assim, eles são considerados como elementos fundamentais nesse processo. Temos a consciência de que as memórias desses atores são, geralmente, negligenciadas pelas abordagens “oficiais” e/ou tradicionais. No entanto, não desprestigiamos os dados “oficiais”, ou mesmo a importância das fontes primárias, provenientes dos arquivos, dos monumentos, dos tantos registros possíveis, que consideram uma ou outra versão

As instituições dão origem a zonas de estabilidade que erguem um muro diante das possibilidades de significação das coisas a partir dos olhos que as enxergam (GARNICA, 2001). Ou seja, podem negligenciar o discurso daqueles que não estavam diretamente relacionados à cargos ou posições de mais visibilidade dentro da universidade. Essas narrativas “negligenciadas”, por meio da História Oral podem ser pensadas como constituintes de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relatam determinados tempos e situações (GARNICA, 2011).

Para Marcelo, “a idade tem as suas vantagens”. Poder acompanhar um processo histórico acontecer. Isso nos faz refletir sobre o fato da multiplicidade do ser humano. Diante dessa visão, Delgado (2007, p. 114) considera que

O ser humano tem múltiplas raízes: familiares, étnicas, regionais, nacionais, religiosas, partidárias, ideológicas. Sua vida é uma totalidade, na qual entrecruzamentos diversos conformam a dinâmica do viver. Dessa forma, a

memória e a História são, cada uma a seu modo, registros desta pluralidade, ao mesmo tempo em que são, também, antídotos do esquecimento.

Portanto, a utilização da História Oral "estará, intencionalmente, produzindo fontes que podem - ou não - servir para expor perspectivas biográficas e contextuais não só sobre aquilo que se estuda, mas sobre aqueles que, com seus depoimentos, permitem-nos uma aproximação ao objeto analisado" (GARNICA, 2011, p. 31).

Abordados os respectivos aspectos históricos, econômicos, sociais e biológicos do município, é importante agora compreender a relação dos entrevistados com a FEU, propriedade de uma universidade pública no município de São Manuel. Esses fatos também podem contribuir com a compreensão e complementariedade dos aspectos históricos abordados no tópico 4.1.

Após a compra e doação da propriedade que viria a ser a FEU, houve uma agitação política no município. Nas palavras de Marcelo, "a gente sabia que era a fazenda de algum produtor rural a qual o pessoal se reuniu e comprou, ficando naquela euforia. Nós passávamos ali e dizíamos: ali é onde terá a faculdade!". A narrativa de Thiago se aproxima dessa prerrogativa, de forma a expor que

"Antes de eu ter noção de que ela era uma fazenda de pesquisa, eu sabia que era a 'fazenda agronomia', era conhecida por esse nome. Andava de cavalo por ela, tinha de dez a doze anos, mais ou menos. Até os dezesseis ou dezoito, mais ou menos. (...) passava por cima da represa, via alguma coisa plantada na entrada".

Diferentemente, para Matheus:

"Eu nunca ouvi um professor da minha graduação, até o meu segundo ano, citar a FEU. Vale ressaltar que temos duas unidades em Botucatu, da universidade. E por sermos do curso de Ciências Biológicas, temos aulas sempre focadas para a parte de uma unidade só, que é do IBB. (...) Ao longo da graduação temos duas aulas específicas na outra unidade, que é na FCA. Justamente para falar um pouco de engenharia ambiental, como ela tem relação com o nosso curso".

Em contraponto de Thiago e Marcelo, que nasceram em São Manuel, para Matheus o primeiro contato com o município de São Manuel foi diretamente

com o projeto de extensão ‘Clube da Mata’ na FEU. Por conta da universidade. De acordo com ele: “Conhecia mais a região de Botucatu e de Bauru. Acho que são polos grandes, e por isso são mais comentados”.

Historicamente, isso pode ser explicado por São Manuel um dia ter sido pertencente a administração das terras de Botucatu (SILVA, 2021). Esse ponto de inserção entre duas cidades que comportam mais polos industriais também é apontado na narrativa de Marcelo:

“Não diria que uma cidade dormitório, porque ela tem uma vida própria. Mas ela está no meio de algumas cidades grandes, né? O que faz dela ao mesmo tempo uma cidade agradável para se morar, mas com uma perspectiva média de crescimento. Não tem uma vocação industrial, nada que fique mais a cargo de Botucatu e da região”.

Definido o contexto em que o município de São Manuel se insere, é passível que nos apropriemos desses conhecimentos e agora nos voltemos para observar a questão da visão de EA.

As narrativas dos depoentes apresentam experiências e concepções diferentes acerca da EA. Para Matheus, por exemplo,

“Para mim, hoje, a EA é uma forma e uma filosofia não só de vida, mas também uma filosofia de trabalho dentro de uma área da educação voltada para tentar buscar essa reconexão com a natureza, que a gente perdeu por conta da questão do capitalismo e até mesmo das questões de desigualdade do acesso à educação. E ela foi dando espaço para que não falássemos sobre isso, não estudássemos sobre isso, não entender que isso faz parte da nossa própria formação quanto pessoa”.

Analisando essa concepção à luz da cartografia de Sauv   (2005), identifica-se uma reflexão acerca de dinâmicas sociais. Ao levar em considera  o o sistema econômico (capitalismo) e as questões de desigualdade no acesso    educa  o, Matheus justifica a falta de espaço para se discutir sobre. A corrente da crítica social entra em consonância com o exposto, uma vez que se caracteriza pela busca da ruptura entre palavra e a  o, identifica rela  es de poder e discute sobre as questões de valores dominantes existentes na sociedade (SAUVÉ, 2005).

A educação ambiental é compreendida como filosofia de vida e não como uma disciplina obrigatória que se soma às outras disciplinas de um currículo ou a um tema, mas como uma orientação para conhecer e compreender em sua complexidade a natureza e a realidade socioambiental (TRISTÃO, 2013, p. 847)

Pela mesma razão, mais adiante, abordaremos especificamente o privilégio que é se falar de uma Fazenda Experimental e a necessidade de abertura desse espaço para realizar uma função social pertinente junto à comunidade.

Observando a narrativa de Matheus sob à luz das macrotendências identificadas por Layrargues e Lima (2014), também podemos atribuí-la como pertencente à uma perspectiva crítica em EA. Essa macrotendência, na visão de Layrargues e Lima (2014), problematiza as contradições existentes em modelos de desenvolvimento e de sociedade. Antes de mais nada, revisa de modo reflexivo os pontos que levam à dominação do ser humano e dos mecanismos de acúmulo de capital, identificando e enfrentando desigualdades e injustiças socioambientais.

Assim como no ambientalismo, há um forte viés sociológico e político na macrotendência crítica da Educação Ambiental, e em decorrência dessa perspectiva, conceitos-chave como Cidadania, Democracia, Participação, Emancipação, Conflito, Justiça Ambiental e Transformação Social são introduzidos no debate. Não por acaso, o surgimento e consolidação dessa macrotendência coincidem com o movimento ocorrido na Ecologia Política como possibilidade de interpretação do ambientalismo (LAYRARGUES e LIMA, 2014. p. 33).

Na visão de Thiago, a EA se configura como uma consciência do indivíduo. Como ele mesmo cita em sua narrativa, essa consciência já é transmitida dentro de casa: “Não jogar papel na rua, não estragar a natureza (...) começa com os nossos próprios filhos ao falarmos para não jogar papel na rua. Por que não jogar o papel? Porque vai entupir o bueiro. Nesse momento que começa a ter a formação do indivíduo para saber como utilizar os recursos naturais de forma consciente”. O mesmo padrão é observado na narrativa de Marcelo, ao mencionar a importante temática da energia para construir seu discurso quanto a EA:

“Quando penso na questão ambiental, eu sempre penso que todo esse crescimento de qualidade de vida da população e a expectativa se deu por uma demanda de energia que foi basicamente de exploração do ambiente sem qualquer

preocupação. ‘O planeta é enorme, nós somos poucos. Se eu tirar 10 árvores não vai acontecer nada. Eu vou queimar a árvore para cozinhar comida’. E isso vira um ciclo vicioso”

O uso dos recursos naturais de forma consciente nos remete à noção de gestão ambiental, característica primordial da corrente conservacionista/recursista descrita por Sauv   (2005). Para a autora, os elementos geralmente listados e que compõem essa visão de gestão ambiental são a gestão da água, a gestão do lixo e a gestão da energia. Na perspectiva de macrotendências de Layrargues e Lima (2014), tanto a visão de EA de Thiago quanto a de Marcelo remetem    essa macrotendência conservacionista. Lima (2011) identifica essa visão como hegem  nica no início das discussões sobre EA no Brasil. Essa hegemonia se deve ao fato de que “se tornaram funcionais para as institui  es políticas e econ  micas dominantes, conseguindo abordar a questão ambiental de uma perspectiva natural e técnica” (p. 149).

   provável que essa mesma hegemonia das relações de poder exista dentro da organiza  o institucional contemporânea, levando    falha de comunica  o entre a universidade pública e a comunidade onde está inserida.

Matheus v   a necessidade da transversalidade da EA e de oferecer o substrato necessário para inseri-la dentro de outras disciplinas: “Entender que ela faz parte do todo (...) ela    um todo que está dentro das outras partes”. Para Marcelo, a transversalidade também    uma abordagem interessante: “Fica uma aula em você discute coisas, e a criança    muito receptiva a essas coisas. Ela    bem receptiva. Você pode provocar, você pode pedir que ela dá a visão”.

E como São Manuel e a FEU se encaixam nessa perspectiva? Se caracterizando como um município de histórico fortemente rural, em uma região do interior do estado de São Paulo?

   natural que, assim como relatado na narrativa de Matheus, um município interiorano propicie maior contato com a natureza. Ambos os depoentes acreditam nessa proximidade e a tiveram em toda a sua história de vida. Em São Manuel, especificamente, podemos encontrar propriedades rurais produtivas em termos intensivos (planta  es de cana-de-a   ar e café); propriedades com agricultura familiar; uma escola agrícola bastante conhecida e que apresenta uma área de preserva  o ambiental utilizada para visitas  es de

outras escolas do município; a usina São Manuel, que pratica agricultura intensiva mas realiza programas que tratam de questões ambientais em parceria com a rede de ensino municipal.

Segundo Marcelo “Há uma reserva (...) eles preservam as laterais dos córregos, a parte da mata ciliar. Tem alguns corredores (ecológicos) para a passagem de animais”. A partir dos relatos de cursistas apresentados por Martins e Spazziani (2019) sobre o curso de extensão ‘Clube da Mata’, resultados apontam que há um favorecimento da relação dos conhecimentos quando estes partem do cotidiano dos mesmos.

O contexto em que o município de São Manuel se insere (enquanto história e propriedades existentes) e a percepção singular de EA para cada depoente apontam para um direcionamento de se trabalhar com o público no sentido de compreender que na cidade o cultivo intensivo de monocultura é uma prática comum. Ainda assim, temos também propriedades que se destinam à agricultura familiar e espaços com potencial de visitas e trabalhos com EA, tais como a escola agrícola, as reservas ambientais, o horto municipal e a própria FEU. Compreender a história da fundação do município e sua relação com o momento atual parece ser um primeiro passo importante para iniciativas relevantes. Em acréscimo, uma formação significativa deve dispor de questionamentos com criticidade para que se estimule não apenas as crianças e jovens da rede pública, mas também os adultos. Essa modificação dos adultos via criança, para Marcelo, é um ponto a ser explorado: “Conversamos com as crianças na escola e elas levam isso para dentro de casa. Elas ficam falando na orelha do pai e da mãe, até mudarem alguns hábitos”.

Sobre a relação do ser humano com a natureza, os entrevistados apresentam convergência quanto a um despertar para a consciência ambiental em qualquer fase da vida de um ser humano. Isso corrobora com o exposto por Louv (2016)

As crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade. Essa necessidade é revelada de duas maneiras: ao examinar o que acontece com os sentidos dos jovens quando perdem a conexão com a natureza, e observando a magia sensorial que ocorre quando eles – mesmo os que já passaram da infância – são expostos à mais íntima experiência direta em um ambiente natural (LOUV, 2016, p. 78).

Na narrativa de Thiago, por exemplo, observamos sua opinião marcada pela visão de cada pessoa estar em seu desenvolvimento contínuo, havendo diferentes momentos e idades para se despertar um “start” para questões ambientais. Justifica sua visão com uma situação de seu convívio:

“O meu sogro era caçador. Gostava de caçar, comia tatu, vivia no meio da roça. Um dia, ele pegou uma “tatuzinha” e foi matar ela para comer. Na hora que ele bateu na cabeça dela, abortou oito filhotinhos. Depois daquele dia ele nunca mais caçou nada. Então, foi o que despertou para ele isso, entendeu? A preservação. Hoje ele até tem vários pés de frutos, faz um monte de coisa, mas não pensa mais nesse tipo de coisa (caça)”.

Em contraponto, Neto e Saglietti (2019) apontam

É certo ser mais fácil conscientizar as crianças sobre as questões ambientais do que os adultos, não pela incapacidade de absorção do tema, mas sim pelo fato das próprias mudanças na visão de mundo que estamos vivenciando e, uma estratégia importante para promover a Educação Ambiental em São Manuel é proporcionar o conhecimento dos problemas do mundo atual e envolver os indivíduos no processo de resolução destes conflitos. Portanto, deve-se buscar favorecer o desenvolvimento da iniciativa e a responsabilidade dos sujeitos na intenção de construir uma sociedade harmônica, garantindo a melhoria nas condições de vida, protegendo o ambiente e valorizando os aspectos éticos sem os quais essa postura torna-se difícil (p. 4).

Para Thiago, seu trabalho é uma forma de mostrar aos seus filhos que a relação entre ser humano e natureza deve ser saudável: “Meus filhos sempre me veem trabalhando com a natureza, e sempre tento mostrar a importância de se preservar os nossos recursos”. E segue, expondo que as crianças de hoje mais conscientes quanto a preservação da natureza. Hábitos recorrentes de sua infância como caçar pássaros com estilingue estão praticamente extintos e isso é visto de forma positiva, ainda que de fato as crianças e jovens estejam demasiadamente engajados com as relações virtuais e os aparelhos celulares. “Pense no que significa crescer, para as crianças de hoje, e quão diferente é a experiência delas com a natureza em relação à que os adultos tiveram” (LOUV, 2016, p. 43).

Para Matheus, nesse sentido

“Em contrapartida, também tenho uma geração que tem uma essência de ser muito mais

autônoma. Saber explorar essa autonomia é importante quando falamos de EA. Quando vamos trazer isso para eles, também. Porque são crianças que já vêm com o polegar e o indicador muito desenvolvidos. Então, para eles, é fechar tela e abrir tela. Utilizar muito mais a mão. E nós podemos explorar muito isso”.

Diante do fato da presença da tecnologia na vida dos seres humanos – principalmente para crianças e jovens – parece haver comum acordo nas narrativas dos entrevistados que, ao longo das gerações, esse público tem se desconectado da natureza. Para Thiago, “o celular em si e os meios sociais de comunicação puxam muito mais eles para ficarem dentro de casa vendo tudo pelo celular, do que propriamente ir para a natureza fazer uma experimentação”. Na visão de Matheus, a forma que a tecnologia vem sendo apresentada por crianças e adolescentes está substituindo o espaço que a natureza ocupava em nossas vidas:

“A forma que a tecnologia vem sendo apresentada para essas crianças e adolescentes muitas vezes é de fazer o papel que a natureza fazia. Que é desligar a gente do mundo real e trazer a gente para um universo mágico, né? E esse universo mágico, ele vira agora jogos de ficção, outros sites que vão apresentar outras fugas da realidade, e não trazendo esse lado afetivo”.

Essa desconexão promoveria, entre outros fatores, estranhamento dos sujeitos no olhar simples para coisas corriqueiras. Isso vai de encontro a visão de Louv (2016): “Hoje, os sentidos estão eletrificados. Uma razão óbvia são os aparelhos eletrônicos, como televisão e computadores” (LOUV, 2016, p. 79).

A urbanização desenfreada é uma realidade que distancia, por exemplo, os seres vivos não humanos do nosso cotidiano (TIRIBA e PROFICE, 2019). Para ilustrar tal processo no Brasil, atualmente o país conta com mais de 80% de brasileiros vivendo em áreas tidas como urbanas (IBGE, 2010). Dessa forma, aliar aspectos educacionais e afetivos nesse processo, construindo uma relação com a natureza, parece ser um primeiro passo importante rumo à uma aprendizagem mais significativa e paralela aos valores construídos durante a formação (SENICIATO e CAVASSAN, 2004).

Relacionando a avidez tecnológica das novas gerações com o hábito de frequentar espaços diferentes do ambiente escolar, Marcelo aponta que

“(...) quando você está em um ambiente não formal, isso fica um pouco de lado. Você é quase que obrigado a conversar com o seu colega do lado. Se você está em um ambiente fechado, cada um está com o seu celular e ninguém conversa com ninguém. Existem várias vantagens. Acho que eles se complementam, né? O formal com o não formal”.

Na narrativa de Matheus, nos é revelado um acontecimento inusitado na escola em que trabalha, o que também corrobora com essa visão:

“Aconteceu um caso muito curioso: apareceu um ninho de quero-quero na escola. ‘Espera, tem um ninho. Um ninho não fica só na árvore, professor?’. Ali, na vegetação que eles já aprenderam. A primeira questão foi fácil, tem três quero-quero visitando nossa escola o tempo inteiro. E por que? Né? Como é um ovo de um quero-quero? Como é a relação com essa descoberta?”

De acordo com essa visão, esse processo de descoberta e esse fascínio estão sendo perdidos. Não apenas pela tecnologia, mas pela falta de profissionais capacitados. “Eles têm (professores de ensino fundamental I) sua formação mais pedagógica, e não essa formação com base biológica ou científica”, completa Matheus.

Trazendo a discussão da prática da EA para o território da FEU, temos com o relato de Thiago que

“Como estamos em uma faculdade de agronomia, que também tem o pessoal da engenharia florestal, meio que todo mundo está ambientado com isso. Nós temos nas nossas atividades de rotina. Na aplicação de defensivos agrícolas, a forma correta de se fazer para não prejudicar o meio ambiente. Aqui é tudo muito preservado: nossos mananciais e nossas áreas de proteção permanente (APP). Temos bem essa consciência (...) posso falar que em quase tudo que a gente faz aqui tem essa consciência ambiental”.

Embora Marcelo e Matheus relatem pouco conhecimento acerca dos projetos relacionados com a FEU, os depoentes tiveram contato com projetos científicos e com a consolidação do horto e do herbário municipais. O primeiro contato com um projeto de extensão realizado na FEU para ambos foi com o ‘Clube da Mata’. Dentre os projetos de pesquisa, um trabalho voltado para

plantas alimentícias não convencionais (PANC) foi mencionado pelos dois depoentes.

Thiago, por sua proximidade inerente com as atividades diárias da FEU, traz em sua narrativa descrições objetivas dos projetos científicos e suas finalidades:

“Nesse ano nós estamos com, por volta, quarenta pesquisas (...) as mais variadas coisas: beterraba, alface, mostarda, salsinha, cebolinha, pepino, mamona, mandioca, manga, uva, macadâmia, lúxia, goiaba. São inúmeras (...) e com mais determinados fins: tipos de poda, época de poda, tipo de adubação, adubação fosfatada, experimentos de pós-colheita”.

O setor de apoio ao ensino, pesquisa e extensão da FEU recebe e viabiliza pesquisas, principalmente de graduação, mestrado e doutorado. Além disso, o público atendido pelo espaço é composto em sua maioria de alunos da FCA e do curso de Engenharia Florestal. Entretanto, a FEU também recebe alunos do IBB e alunos de outros campi para trabalharem em projetos de pesquisa dentro da unidade.

Outras iniciativas realizadas na FEU – que não são propriamente ditas atividades de pesquisa – e que podem ser listadas são os “dias de campo”, onde visitas externas são recebidos no espaço; o horto municipal, em vias de ser instalado; e o próprio projeto de extensão ‘Clube da Mata’. Há momentos, menos recorrentes hoje, em que produtores locais visitam à FEU para sanarem dúvidas com os funcionários. Nas palavras de Thiago, essa procura tem sido cada vez menor, pela mesma razão que apontamos para o distanciamento entre crianças e natureza: a tecnologia. “Com os meios de tecnologia, o cara acaba procurando muito mais na internet do que propriamente vindo até à faculdade. Hoje, com o celular você filma com o *Google Lens*, você consegue saber até a doença que a planta tem. Aí você já consegue procurar melhor”.

Do ponto de vista de gestão municipal, um projeto abordado por Marcelo trata de uma iniciativa de formação de um convênio entre a prefeitura do município e a Unesp, sobre o cursinho preparatório para o vestibular:

“Pela própria ligação que tive com a Unesp antes de trabalhar aqui, quando vim para ser diretor de educação, um dos primeiros contatos que fiz foi com o pessoal do IBB para trazermos o cursinho pré-universitário para cá. Por que? Também por

questões de logística. Toda noite eu deslocava de dois a três ônibus de jovens daqui para Botucatu para fazer o cursinho. Depois conseguimos trazer os professores desse cursinho”.

Cronologicamente, em seguida surge a proposta de se montar o projeto ‘Clube da Mata’, a partir de uma discussão conjunta. Utilizar a FEU para a realização de intervenções de cunho ambiental e educacional. Esse espaço contribuiria para as possibilidades de visitação por parte de alunos da rede pública, uma vez que ainda havia o deslocamento de crianças e jovens para a Escola do Meio Ambiente (EMA) em Botucatu. Entretanto, a questão de logística complicada mais uma vez figura como uma das vilãs dessa opção.

Devemos considerar um privilégio, ainda que em tempos de injustiças ambientais e patrimoniais, tempos de variados problemas agrários, possamos falar de uma unidade de uma universidade pública com tantos recursos e tanto potencial para fazer enormes contribuições locais e regionais. Esse privilégio é observado quando elencamos algumas características identificadas pelos depoentes que conferem potencialidades dentro da FEU: recursos hídricos em abundância (Thiago); riqueza de fauna e flora total (Matheus); trechos preservados de mata e de nascentes (Marcelo).

No que tange os aspectos naturais, o período histórico em que a FEU não foi utilizada pela Unesp de certa forma contribuiu para uma conservação de espaços naturais e espécies nativas existentes no local. Marcelo aponta isso em sua narrativa: “Se por um lado a FEU acabou sendo pouco utilizada para alguns fins, ela também acabou ficando preservada em termos ambientais. Você tem nascentes, mata preservada. Quando a professora Silvia Nishida estudou a fauna de aves, disse que ela era rica e diversificada”. Isso nos revela uma visão de apropriação dos personagens em volta da FEU quanto a materiais como o livro de levantamento da avifauna da região elaborado por Nishida *et al.* (2018).

Observamos que naturalmente – a partir de considerar a Fazenda como um local de se fazer pesquisa – esse fator é sempre associado a um potencial presente na FEU, à vista dos entrevistados.

Quanto aos projetos desenvolvidos no espaço, Thiago revela

“São 40 projetos entre os recém-finalizados e em processo, até agora. Com as mais variadas coisas: beterraba, alface, mostarda, salsinha, cebolinha, pepino, mamona, mandioca, manga,

uva, macadâmia, lúxia, goiaba. E com os mais variados fins: tipo de poda, época de poda, tipo de adubação, adubação fosfatada, experimentos de pós-colheita, e muitos outros".

A representatividade da FEU como um espaço não formal para a realização de projetos de EA em ensino e extensão passa diretamente por dois pontos: a representatividade diante da política e gestão da instituição e o significado atribuído pela população de São Manuel. Como elas se relacionam com a "história oficial" da universidade?

Essas e demais questões serão abordadas no tópico subsequente.

4.4.3 Viabilidade para o ensino e a extensão na FEU

Considerando os diferentes pontos de vista relacionados à FEU: gestão política, institucional, servidores da FEU e monitores de cursos, achamos válido iniciar a viabilidade pelos olhos da comunidade de São Manuel. No levantamento de dados junto ao sistema de requerimentos e indicações disponíveis na Câmara Municipal de São Manuel, foram encontradas oito proposições envolvendo o nome da FEU. Quatro indicações e quatro na forma de requerimentos, distribuídos pelos anos de 2011 (4), 2013 (1), 2014 (1), 2015 (1) e 2018 (1). Os documentos, na íntegra, estão dispostos no Apêndice C.

De forma geral, os objetivos das indicações diziam respeito a mobilizações sociais para: definir um destino mais aproveitável para a FEU pelo município; estabelecer parcerias entre o poder público e a Unesp para contribuições em pesquisas e formação de produtores; solicitar doação de parte do território para a instalação de um novo distrito industrial; cobrar a implementação do plano agrícola municipal em trabalho coletivo de diversas instituições; solicitar a possibilidade da Unesp levar um curso de férias para alunos e jovens do município. Curiosamente, no ano de 2018, a indicação era justamente sobre o curso. E, em 2018, iniciou-se o projeto 'Clube da Mata'.

Foi muito marcante para o município o pensamento de desapropriar partes do território da FEU para serem doadas ao município. E, de fato, esse processo ocorreu para que um bairro de São Manuel fosse construído (THOMÉ e FONSECA, 2019). Entretanto, percebe-se pelas indicações e requerimentos

aquilo que Marcelo apontou em sua narrativa quanto ao diálogo com a comunidade: “Não se fala mais em desapropriar a FEU para fazer outras coisas, e sim utilizá-la como um equipamento público que está aqui no nosso município”.

Em relação às portarias e outros documentos da Unesp, apenas uma portaria, referente ao ano de 2013, foi encontrada. Essa portaria foi um documento oficial da FEPE, responsável pelas três Fazendas Experimentais da Unesp. Entretanto, não apresentava dados os suficientes que valessem de contribuições para a análise. Isso reafirma a necessidade de se registrar os acontecimentos e percepções das pessoas envolvidas, e do diálogo interno da instituição com o espaço.

Com base nas narrativas, podemos constituir uma visão estrutural de gestão política e institucional desse espaço não formal. E essa linha de pensamento passa por questões históricas, sociais, econômicas e principalmente políticas.

De acordo com Matheus,

“Devemos envolver a questão política nesse meio, para que eu consiga ter o acesso, o que é algo básico. É direito da população. Porque se falamos de universidade pública, também falamos de um espaço que devia ser público. Que pode e deve ter regras de visitação, como todo e qualquer lugar, mas que é público. Que tem que ter essa questão de acesso direto a essas pessoas”.

Esse é um importante elo entre as narrativas dos depoentes, ao nos depararmos com suas abordagens. Se a FEU pertence a uma universidade pública, está inserida diretamente em um contexto político. Mais do que isso, está sujeita a sofrer boicotes por diferentes gestões (nacionais, estaduais e da própria instituição) e não poder investir em todas as unidades espalhadas pelo estado.

Nesse sentido, para Marcelo

“Não é um problema só local. Desde quando eu trabalhava na Unesp, passamos por uma série de restrições orçamentárias. Pois a Unesp tem seu orçamento vinculado a uma parcela do ICMS. Quando a economia vai bem, essa parcela é boa. Quando a economia vai mal, essa parcela diminui. Hoje, eu sei que há um déficit enorme de professores na Unesp”.

As decisões orçamentárias da gestão da universidade priorizaram, recentemente, a manutenção dos campi. Os prédios onde estão as maiores aglomerações de alunos e de pesquisadores. Essa preferência ocorreu em detrimento do não investimento em outras estruturas. Consequentemente, o déficit de professores e o quadro reduzido de funcionários na FEU não foram sanados. Dentro dessa linha, encontramos estruturas que há muito tempo permanecem da mesma forma. Isso é perceptível no relato de Matheus:

“A sinalização dessa região, a entrada da própria FEU. A entrada não é convidativa, ela não é expressiva. O muro não chama a atenção. Se você reparar, ele foi construído há muito tempo e nunca foi repensado. A outra entrada, na parte de trás, que dá acesso a um dos bairros da cidade; ela também é uma entrada simples, não é sinalizada. Se atentar a essas questões que são muito mais marketing talvez, mas que tem a sua essência para a visibilidade da própria FEU. Se tenho visibilidade, também consigo chamar a atenção da comunidade para estar ali”.

Ainda nessa perspectiva, como instituição pública, as narrativas revelam a importância de se firmar diferentes parcerias visando o crescimento das iniciativas de EA na FEU e da rede de trabalho atuante no espaço. Matheus expõe que “o trabalho coletivo tem que ser muito mais valorizado, porque sabemos que economia é algo que tem suas falhas e nós podemos ter apoio de outras regiões, ONGs, institutos”. Nesse sentido, se abre a possibilidade de trazer o protagonismo não somente à FEU, mas dividir o foco para outros espaços da própria cidade ou da região. A escola agrícola, por exemplo, é constantemente citada nas narrativas e se trata de uma instituição que já recebe visitas de alunos da rede pública de São Manuel.

Esse trabalho coletivo se inicia dentro da própria instituição, de acordo com Marcelo:

“Existe um equipamento público ligado a uma universidade de renome nacional e internacional e acho que algumas coisas devem ser feitas aqui, que podem ser feitas aqui em parceria com os campi de Botucatu e Bauru, que são os mais próximos daqui. Eu vejo com essa perspectiva”.

Para Matheus, esse conhecimento acerca da FEU não é estimulado nos próprios cursos de graduação:

“Temos onze cursos, mas desses onze a maioria não conhece a existência da FEU. A existência dela também não é estimulada por muitos docentes, para que esses alunos tenham esse contato. Ou seja, esse contato não é estimulado bem, pela própria universidade”.

Sob essa condução, inevitavelmente a FEU esbarra em uma de suas fragilidades: sua comunicação interna e externa. E se pensarmos nos problemas de valorização por parte da comunidade local, acarretados pela fragilidade na comunicação, a concepção de Thiago se encaixa perfeitamente:

“A importância da Fazenda para a população? A população não tem essa noção, dessa importância. Porque muito do que é feito aqui não é divulgado (...) a FEU sempre foi usada na política assim: ‘Vamos fazer o distrito industrial na área do pasto da Fazenda’. Para a população, eles têm a Unesp, e a Unesp é muito valorizada pela população, principalmente por causa do hospital em Botucatu (...) A Unesp em São Manuel é a Fazenda, e na FEU eles não veem nada. Eles não sabem desse potencial”.

A valorização da figura da FEU e de tudo aquilo que é desenvolvido passa, primeiramente, pela valorização dos funcionários. Eles são um importante elo para o estabelecimento de parâmetros históricos do espaço. Essa perspectiva é apontada na narrativa de Matheus, mencionando que em seu contato com os funcionários, os mesmos sempre abordavam aspectos que haviam na FEU antigamente para explicar as coisas como estão no presente. Para ele, esse fato é “um resgate histórico que eles faziam naturalmente, na fala. Através desse resgate já víamos uma importância além da importância da pesquisa ou de educação”. A fala dos funcionários e a presença destes em iniciativas de EA e demais projetos de pesquisa, ensino e extensão, é muito importante. O fato de vivenciarem o espaço diariamente lhes dá autonomia para trazer opiniões úteis nos sentidos de utilização e gestão do espaço.

Atualmente, a FEU conta com um quadro reduzido de funcionários, apenas seis. Muitos deles se aposentaram, e devido a questões orçamentárias e de gestão da universidade, essas vagas não foram repostas. Há quinze anos atrás, quando Thiago ingressou no quadro de servidores, a FEU possuía vinte e cinco. A necessidade de investimento em mão-de obra também reflete em outro setor: a segurança. Nesse sentido, Thiago aponta que esse é o maior problema

atual: “de noite vêm pessoas que são dependentes químicos, que invadem, que furtam”.

Entretanto, o baixo número de funcionários causa um efeito de subutilização dos espaços físicos da FEU. Dentro dessa perspectiva, é viável se propor novas iniciativas com a infraestrutura disponível no atual momento. É, literalmente, um território grande e que carece de mais utilização por parte de iniciativas de ensino e extensão. Dessa forma, as instalações já existentes na FEU em um primeiro momento podem ser reaproveitadas para receberem outros projetos e até mesmo um ponto de referência em EA, o que seria um Centro de Educação Ambiental (CEA) de São Manuel.

Sobre isso esse aspecto, na visão de Marcelo

“Começamos a pensar nessa linha por aqui. Hoje, essa linha de ter uma escola formal, parece estar saindo para outro projeto, que seria um núcleo de EA. Que aí sim vai nessa linha que estamos discutindo: não seria uma escola formal dentro da FEU. Seria uma escola não formal ou um núcleo não formal de EA, em que você explora melhor o potencial da Fazenda”.

A subutilização dos espaços confere – da mesma forma – que os demais espaços presentes na FEU também não sejam utilizados em sua máxima potencialidade. Exemplos disso são: o campo presente ao lado do refeitório, o caminho existente entre as duas entradas até a sede da FEU e o herbário presente na propriedade. Essas estruturas podem e devem ser melhor exploradas no sentido de maximizar a experiência dos diferentes visitantes.

Entretanto, espaços não formais como a FEU também requerem preocupações primordiais ao serem utilizados para atividades práticas. Para os entrevistados, as questões de logística e planejamento são as que merecem um maior enfoque quando nos debruçamos diante das problemáticas em espaços não formais. Olhando nesse sentido, Thiago ressalta que

“Tudo tem vantagens e desvantagens. A principal parte dessas áreas é a logística que é para se organizar (...) Em um espaço não formal, como aqui (FEU), qualquer coisa que eu vá fazer devo ter uma preparação antes, além de ter que deslocar, trazer, banheiros, distâncias”.

Abordando especificamente o município de São Manuel diante desse aspecto, temos pela narrativa de Marcelo a visão de um gestor:

“Olhando pela perspectiva da minha cidade, você não tem todos esses equipamentos (...) eu dificilmente consigo fazer uma excursão, pegar os alunos e leva-los para o MASP em São Paulo, que é um museu mais universal. Acredito que a dificuldade da educação não formal desses equipamentos que citei é que alguns não existem aqui (...) e eu não consigo deslocar todas as crianças que estudam aqui para um mesmo equipamento, em um mesmo dia”.

Um terceiro ponto que vale menção ao relacionarmos as necessidades básicas de atividades em espaços não formais é a própria gestão desses espaços. E, para que possamos discutir sobre isso, é necessário observarmos quais são os possíveis caminhos para se trabalhar a EA na FEU, a partir dos documentos analisados e das narrativas textualizadas.

4.4.4 Perspectivas futuras

Analisando a importância da FEU no contexto em que se insere, percebe-se nas narrativas analisadas a visão de que ela é um expoente regional no que diz respeito ao processo de se fazer pesquisa e da capacidade futura em se produzir materiais nesse sentido. Isso reflete na fala de Thiago

"O foco principal são as pesquisas de graduação, mestrado e doutorado. Essas pesquisas são viabilizadas pela FEU, por um sistema de requisições no qual são cadastradas as pesquisas e os serviços são realizados. Os pesquisadores vêm até a FEU realizarem suas atividades de avaliação, enquanto os funcionários dão os meios de condução destes experimentos. Também são abertos dias de atividades no campo e alguns produtores rurais procuram a FEU para tirar suas dúvidas”.

Essa percepção nos remete ao descrito por Carvalho (2001) para definir uma EA popular, que trabalhe sem priorizar um grupo etário e que também leve em consideração as atividades realizadas com grupos e organizações populares, como as de agricultores ou trabalhadores urbanos que estão diretamente relacionados com o meio ambiente. Nesse contexto, programas e projetos de extensão universitária são necessários para articular os conhecimentos produzidos na universidade à sociedade em que se insere (MARTINS e SPAZZIANI, 2019).

Uma perspectiva importante para os futuros caminhos da FEU é a sua comunicação com os produtores locais e regionais. Como já observado na narrativa de Thiago, a procura desse público pelos conhecimentos gerados na FEU tem diminuído. Duas alternativas são possíveis, à primeira vista: a criação de materiais virtuais pode reafirmar esse contato entre os produtores e a FEU. Não obstante, oferecer formações e proporcionar a infraestrutura necessária para o trabalho desses produtores. A prefeitura pode ser parceira nesse processo, comprando equipamentos agrícolas que – simbolicamente – seriam alugados. Unir os conhecimentos produzidos na universidade com esse apoio político podem oferecer as condições necessárias para esse contato e esse trabalho social.

Assim, costurando iniciativas provindas da universidade em sintonia com o poder público, os ganhos para a comunidade local e para o espaço são mútuos.

Sob essa prerrogativa, Martins e Spazziani (2019) apontam que

Conhecimentos científicos articulados à vivência atual, métodos de ensino contextualizados, ambiente natural como fonte direta de estudos e observações, parceria entre universidade, escolas e prefeitura, equipe supermotivada e seleção dos estudantes realmente interessados podem ser elementos fundamentais para compreendermos a importância destacada nos diversos olhares sobre o curso 'Clube da Mata'. (p. 98)

De acordo com Carvalho (2001), práticas como essa estão – em grande número – relacionadas a ações de EA, seja na difusão e/ou na valorização socioambiental no campo. Ainda segundo a autora,

Esse é o caso, por exemplo, do diversificado rol de atividades e projetos de desenvolvimento impulsionados pelas atividades de extensão em resposta às novas demandas geradas pela transição ambiental do meio rural. Este processo de mudanças no mundo rural, que tende a gerar novas práticas sociais e culturais em que se verifica a assimilação de um ideário de valores ambientais, pode ser observado, por exemplo, no crescente interesse pela produção agroecológica, na busca por medicinas alternativas e fitoterápicas, no ecoturismo e no turismo rural (CARVALHO, 2001, p. 44).

A secretaria de educação de São Manuel é responsável pela compra dos alimentos destinados à merenda escolar disponível na rede pública (municipal e estadual). São cerca de dez mil refeições por dia. Trinta por cento dos alimentos

adquiridos devem – obrigatoriamente por lei – ser provindos de agricultores familiares ou cooperativas.

Para o poder público, é necessário que os produtos tenham qualidade e uma previsibilidade de entrega. Entretanto, a gestão da secretaria de educação não consegue realizar todas as compras na região, muitas vezes procurando em locais fora do município. Antes disso, os produtores precisam se apropriar de novas técnicas e dos conhecimentos acerca do calendário de plantio. Na perspectiva de Marcelo, as faculdades de Botucatu possuem a tecnologia e estrutura básicas para a realização dessa formação. “Cursos para produtores rurais, falando em uma linguagem prática, falando de calendário agrícola, né? Se quero ter uma produção o ano inteiro, como faço? Ou faço na estufa, ou ao ar livre. Qual a vantagem de um, qual a vantagem de outro?”. Simultaneamente a essa formação, noções de EA podem ser trabalhadas. Isso confere mais qualidade e produtividade às famílias que se dedicam à produção agrícola, uma vez que o valor de compra desses alimentos é maior do que o valor de mercado. Ou seja, para os produtores, a venda desses produtos gera uma renda maior.

O potencial observado nas narrativas para a FEU, com base em seus recursos naturais e no grande número de resultados provindos de projetos de pesquisa, pode ser maximizado pelo caminho de estabelecimento de uma gestão coletiva. Uma identidade com base em seu histórico (modificações de paisagem e estratégias de gestão) e da viabilização de mais projetos com finalidades de ensino e extensão. Uma vez que a extensão trabalha diretamente com a transposição didática do conhecimento produzido pela ciência ao público, a comunicação entre FEU e a comunidade pode apresentar ganhos. Veiculação de materiais informativos em redes sociais e a reafirmação do contato com produtores locais e regionais também se mostram como ações que prometem ganhos futuros.

Os apontamentos quanto à interface da comunicação nas narrativas nos remetem a necessária relação da FEU com as plataformas de mídias sociais e o trabalho de divulgação na internet. Uma vez que as crianças, jovens e adultos estão mais do que nunca conectados aos aparelhos digitais, é coerente dizer que a FEU precisa se fazer presente nesses espaços.

Essa necessidade se revela nas narrativas de Thiago ao dizer que “devíamos ter um canal no *Youtube*, mostrando as mais diversas finalidades para chegarmos também pelas plataformas digitais com a extensão”. Matheus também considera importante o registro visual das atividades na FEU, visando a conversão das filmagens em materiais didáticos que abordem as transformações naturais do ambiente e a interferência que práticas executadas nesse espaço podem acarretar.

Para Marcelo, a postura a ser adotada daqui em diante depende também do processo burocrático da própria universidade em trazer a população para dentro desse ambiente, ou a forma com que os produtores poderão captar novos conhecimentos. Para que assim a totalidade de atividades realizadas na FEU aumente e que sejam de comum conhecimento da comunidade. Na sua perspectiva de gestor, ressalta que

“Gostaria que isso fosse formalizado, já conversamos com outras pessoas também. Para que não ficasse um projeto enquanto estou aqui, trabalhando na prefeitura. Queria deixar uma coisa costurada junto com a Unesp que independesse de quem é o diretor da faculdade ou quem é o prefeito daqui. Essa parceria fica, outro político entra, não tem problema. É criar um projeto para algo contínuo”.

De acordo com Matheus, após a formação de um núcleo consolidado entre alunos e professores da Unesp, funcionários da FEU, comunidade local e produtores, será necessário também revisar o processo com uma certa frequência. “Ela precisa entender que pode ter uma liderança social com papel comunitário, que desempenha projetos sociais e educativos. É a essência que ela traz como espaço, também. E nesse ponto ela se resignificará enquanto FEU”. Complementando essa concepção, o registro desses processos e construções coletivas é fundamental. De qualquer forma, o registro histórico da FEU continua a ser produzido diariamente.

Para Portelli (2017), trabalhar com fontes orais é compreender que

“Devemos ter agrupado três fatos distintos: um fato do passado, o acontecimento histórico; um fato do presente, isto é, a narração que é feita pelo entrevistado; e um fato de relação de duração, isto é, a relação que existe e que existiu entre estes dois fatos”. (p. 188)

A história ainda está acontecendo e precisa ser resgatada e compreendida, para que as ações futuras dentro da FEU sejam significativas nos aspectos estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da mesma forma que o papel principal da FEU – enquanto unidade de uma universidade pública – não pode ficar estagnado, também não pode se perder. As narrativas ressaltam que é necessário levar em consideração que a FEU continua sendo uma Fazenda Experimental que desenvolve estudos zootécnicos, veterinários, florestais e agrônômicos. Essas pesquisas devem ter o seu espaço preservado.

Alinhando as questões quanto a comunicação externa e interna da FEU, a formação de parcerias com o poder público e/ou com a iniciativa privada, e o investimento em mão-de-obra, é possível olhar com boas perspectivas a possibilidade da FEU se constituir como um local de usufruto também da visitação popular. A partir do momento em que se estabelece uma parceria organizada e que dialoga com outras instituições, cria-se um caminho para que o conhecimento e o lazer sejam acessíveis à população. Torna-se a dizer e relembrar que a FEU é, nas palavras de Marcelo: “um ambiente público, de uma universidade estadual. Mantida pela população geral do estado. Então, nada mais justo que ela também abra esse ambiente para a população conhecer”.

Diante dos resultados deste trabalho, é possível tecermos considerações gerais acerca dos fundamentos da pesquisa e o retorno social que ela fundamenta.

Quanto ao primeiro aspecto, apesar dos ganhos em praticidade com a filmagem das entrevistas pela plataforma escolhida para a realização destas (gravações essas que seriam feitas por câmeras se fossem presenciais), não há como escapar da probabilidade de interrupções acontecerem, tais como a chegada de alguém em um dos ambientes (pesquisador ou depoente) ou problemas de conexão com a internet, como foram observados nesta pesquisa. Aponta-se que melhorias podem ser feitas no roteiro de entrevista para que se aprofunde no sentido do histórico da FEU. Recomenda-se, portanto, que estudos posteriores se aprofundem na historiografia da FEU em relação às antigas colônias, antigos moradores e antigos funcionários, antes que essa história fique esquecida. Muitos deles estão se aposentando ou falecendo por questões de idade avançada.

No que diz respeito ao retorno social que essa pesquisa fundamentou, foi importante para a construção de um registro histórico, por mínimo que seja, encarar as narrativas como patrimônio cultural do espaço. Elas levam em

consideração um “outro lado” da história da FEU: aquela que é contada por pessoas que não estão nos livros oficiais da universidade. Dessa forma, construímos uma narrativa que pode auxiliar a gestão futura desse espaço.

A análise de convergências trabalhou com as diferentes visões sobre a FEU e a sua relação com a potencialidade em ações de EA, partindo do cotejamento entre as narrativas de um monitor de curso de extensão, um gestor político e um servidor da FEU. A análise de singularidades potencializou a subjetividade de cada narrativa, construindo uma importante concepção de história e perspectivas sobre essa unidade estadual. Uma Fazenda Experimental que possui recursos naturais em abundância, substrato perfeito para receber um Centro de Educação Ambiental (CEA) municipal, em parcerias que podem ser construídas entre a Unesp e a prefeitura, assim como entre instituições privadas e as secretarias presentes no município (tais como a do Meio Ambiente e da Agricultura).

Por esse caminho, a FEU pode idealizar a abertura do espaço para a visitação e a apropriação da comunidade em geral. Como pudemos ver a partir dos diferentes requerimentos e indicações, a população e os seus representantes políticos têm interesse de que o espaço tenha mais utilização por parte da comunidade. É necessária a criação de comitês que trabalhem em ressaltar a importância da FEU, dialogando com representantes da comunidade, dos alunos dos cursos de graduação, profissionais da fazenda e representantes dos professores da FCA e da FMVZ.

Para o futuro da FEU, se mostra importante tomar ciência – em coletividade da equipe de trabalho na FEU – das diferentes dimensões dela. Mencionar isso se refere a se aprofundar na parte histórica do local, que permanece sem registro, e a partir dessa leitura extrair o máximo de possibilidades que a FEU oferece para atividades de pesquisa, ensino e extensão. Assim, consolidando esse tripé da universidade e não deixando o papel da FEU estagnado apenas em uma concepção.

Ainda nesse sentido, parece primordial que a comunicação trabalhe em criar e adaptar materiais sobre projetos realizados na FEU nas redes sociais na forma de materiais virtuais (imagens ou vídeos), assim como estimular projetos sociais e educativos junto a produtores rurais do município de São Manuel e região.

Não devemos esquecer do valor e da importância de cada depoente e de cada narrativa constituída a partir de suas concepções e suas experiências, para uma grande contribuição no registro histórico e nos ganhos para a Educação Ambiental, em diferentes âmbitos.

No mais, esse trabalho cumpre os objetivos inicialmente estabelecidos. As textualizações são as narrativas únicas de cada depoente. A multiplicidade das narrativas e o cotejamento delas permitiu a formação de uma única narrativa, que foi complementada com a pesquisa dos documentos selecionados para análise. Essa análise, por sua vez, trouxe a EA para o seu foco e serviu para a discussão de potencialidades e vulnerabilidades da FEU como um espaço não formal de educação.

REFERÊNCIAS

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. História oral: A experiência do CPDOC. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 44, n. 1, p. 85, jan/mar. 1991.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV. 2004.

ALVES, Lynn. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, v. 8, n. 3, p. 348-365, 2020.

AMADO, Manuella Villar; VASCONCELOS, Clara. Educação para o desenvolvimento sustentável em espaços de educação não formal: a aprendizagem baseada na resolução de problemas na formação contínua de professores de Ciências. **Interacções**, v. 11, n. 39, p. 355-356, 2016.

AMANDO DE BARROS, Maria Isabel. **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. 2ª ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

ARAÚJO, Joeliza Nunes. **O ensino de botânica e a educação básica no contexto amazônico**: Construção de recurso de multimídia. 2009. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2009.

ARAÚJO, Elaine Sandra et al. Ensino e aprendizagem de Biologia em trilhas interpretativas: o modelo contextual do aprendizado como referencial. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 11, n. 1, 2011.

BARBIERI, Stela. Interações: **Onde está a arte na infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BERCHIN, Issa Ibrahim; CARVALHO, Andréia de Simas Cunha. O papel das conferências internacionais sobre o meio ambiente para o desenvolvimento dos regimes internacionais ambientais: de Estocolmo a Rio+20. In: COSTA, Rogério Santos; DIAS, Taísa. (Org.). **Debates Interdisciplinares VII**. Palhoça: Editora Unisul. 2016. p. 167-185.

BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BERNARD, H. Russel. **Research methods in anthropology**: Qualitative and quantitative approaches. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2Fk7DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=BERNARD,+H.+R.+Research+methods+in+anthropology:+qualitative+and+quantitative+approaches&ots=HbvYR6hIcj&sig=IGWjYxpPet9VQwhUAFlyBx2oWXA#v=onepage&q=BERNARD%2C%20H.%20R.%20Research%20methods%20in%20anthropology%3A%20qualitative%20and%20quantitative%20approaches&>>. Acesso em: 17 out. 2019.

BOATO, João Pedro Salvador. **Composição da avifauna da Fazenda São Manuel, São Manuel-SP**. 2017. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado - Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, SP. 2017.

BRANCO, Emerson Pereira; ROYER, Marcia Regina; GODOI BRANCO, Alessandra Batista de. A abordagem da Educação Ambiental nos PCNs, nas DCNs e na BNCC. **Nuances**, v. 29, n. 1, p. 185-203, 2018.

BRASIL. **Lei nº 601**. Brasília: Casa Civil, 1850.

BRASIL. **Lei nº 9.394**. Brasília: Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Meio Ambiente, Saúde. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. **Lei nº 9.795**. Brasília: Diário Oficial da União, 1999a.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999b.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental**. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2012.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação (MEC), 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina. Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 2, n. 2, 2001.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em Tela**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014.

CAZELLI, Sibele. Divulgação científica em espaços não formais. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ZOOLOGICOS DO BRASIL, 24., 2000, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Zoologia, 2000.

CAZELLI, Sibele. Tendências pedagógicas das exposições de um museu de ciências. In: GUIMARÃES, Vanessa. (Org.). **Implantação de Centros e Museus de Ciências**. Rio de Janeiro: UFRJ/PADEC, 2002. p. 208-218.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. (Ed.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CHAWLA, Louise. Benefícios do contato com a natureza para as crianças. **Revista de Literatura de Planejamento**, v. 30, n. 4, p.433-452. 2015.

CRUZ, Ana Cristina Souza; ZANON, Angela Maria. Investigando a prática pedagógica de professores/as da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental: Um estudo sobre a presença da Educação Ambiental em uma escola de tempo integral da rede municipal de ensino de Campo Grande/MS. In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 6., 2011, Ribeirão Preto. **Anais...**Ribeirão Preto: USP, 2011.

CUNHA, Antônio Ribeiro; MARTINS, Dinival. Classificação climática para os municípios de Botucatu e São Manuel, SP. **Irriga**, v. 14, n. 1, p. 1-11. 2009.

DELGADO, Lucília de Almeida. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, v. 6, p. 9-25, 2003.

DELGADO, Lucília de Almeida. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica. 2007.

FALK, John. **Free-Choice Science Education**: How We Learn Science outside of School. Ways in Science and Mathematics Series. Washington: Institute of Education Sciences, 216 p. 2001.

FERREIRA-MACHADO, Cláudia Aparecida. A infância na escola rural de Montes Claros (MG) da década de 1960 à de 1980: memórias e representações de professores. **História Oral**, v. 19, n. 2, p. 133-153, 2016.

FERNANDES, Stéfani Martins; HENN, Leonardo Guedes; KIST, Liane Batistela. O ensino a distância no Brasil: alguns apontamentos. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 1, p. 01-24, 2019.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRAGA JUNIOR, Victor Ricardo de Sousa; MONTE, Rayane Sales; BRANDENBURG, Cristiane. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Revista Pemo**, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Coronavírus faz educação à distância esbarrar no desafio do acesso à internet e da inexperiência dos alunos** (Informe ENSP). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/41167>>. Acesso em: 17/07/2020.

FLICK, Uwe; VON KARDOFF, Ernst; STEINKE, Ines. What Is Qualitative Research? An Introduction to the Field. In: FLICK, Uwe; VON KARDOFF, Ernst; STEINKE, Ines. (Eds.). **A Companion to Qualitative Research**. Londres: Sage Publications, 2000.

FRITSCH, Winston. 1922: a crise econômica. **Estudos Históricos**, v. 6, n. 11, p. 3-8. 1993.

GAIA, Aryane Alyne; LOPES, Fabrício Teles. A utilização de espaços não formais como estratégia educacional no Ensino de Ciências. **Ciências em Foco**, v. 12, n. 1, p. 44-53, 2019.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. O pulo do sapo: narrativas, história oral, insubordinação e educação matemática. In: D'AMBROSIO, Beatriz Silva; LOPES, Celi Espasandin. (Org.). **Vertentes da subversão na produção científica em Educação Matemática**. Campinas: Mercado de Letras, p. 181-206, 2015.

GHIRARDELLO, Nilson. **Formação dos patrimônios religiosos no processo de expansão urbana paulista (1850-1900)**. 1ª ed. São Paulo: UNESP, 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, n. 3, p. 20-29. 1995.

GÓES, Maria Cecília. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. **Educação & Sociedade**, n. 71, p. 116-131. 2000.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, 2006.

GUERRA, Antonio Fernando; GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental no Contexto Escolar: Questões levantadas no GDP. **Revista Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 2, n. 1, p. 155-166, 2007.

GUIMARÃES, Mauro. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

GUIMARÃES, Mauro; VASCONCELLOS, Maria das Mercês. Relações entre Educação Ambiental e educação em Ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. **Educar**, n. 27, p. 147-162, 2006.

GUIMARÃES, Mauro. et al. Educadores ambientais nas escolas: as redes como estratégia. **Caderno Cedes**, v. 29, n. 77, p. 49-62, 2009.

HADDAD, Denise. **Memórias que viram história**: resgate de experiências em arte e natureza na Educação Infantil. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente) - Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara, 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JACOBI, Pedro. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**, n. 118, p. 189-205. 2003.

JACOBI, Pedro. Educação e meio ambiente - transformando as práticas. **Revista de Educação Ambiental**, Número Zero, p. 28-35. 2004.

JACOBUECCI, Daniela Franco. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Em Extensão**, v. 7, p. 55-66, 2008.

JESUS, Pâmela Siqueira et al. O currículo numa perspectiva integrada no curso técnico em Química do IFRO - Campus Ji-Paraná. **Revista EDUCAamazônica**, v. 15, n. 1, p. 137-147. 2022.

JUNDIAÍ. Programa Criança e Natureza. **Guia de aprendizagem ao ar livre em Jundiaí**. 2021. Disponível em: <<https://educacao.jundiai.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/03/GUIA-DE-APRENDIZAGEM-AO-AR-LIVRE.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2020.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira. Mapeando as macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental Contemporânea no Brasil. In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A pesquisa em Educação Ambiental e a Pós-Graduação no Brasil, 6., 2011, Ribeirão Preto. **Anais...Ribeirão Preto**: USP, 2011.

LAYRARGUES, Philippe Pomier; LIMA, Gustavo Ferreira. As macro-tendências político-pedagógicas da Educação Ambiental brasileira. **Ambiente & Sociedade**, n. 1, p. 23-40. 2014.

LIMA, Gustavo Ferreira. **Educação Ambiental no Brasil**: Formação, Identidades e Desafios. Campinas: Papirus, 2011.

LORENZETTI, Leonir; DELIZOICOV, Demétrio. Alfabetização Científica no contexto das séries. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**. v. 3, n. 1, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/epec/a/N36pNx6vryxdGmDLf76mNDH/?lang=pt&format=pdf>>. Acessado em: 07 out. 2020.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Teoria Crítica. In: FERRARO JÚNIOR, Luiz Antonio. (Org.). **Encontros e caminhos**: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. v. 1, p. 325-332, 2005.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.

MAGALHÃES, Jonas Emanuel Pinto. O conflito socioambiental no horto florestal: Um olhar da Educação Ambiental crítica no programa elos de cidadania. **Transversos**, v. 7, n. 7, p. 100-133, set. 2016.

MARANDINO, Martha. et al. A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz? In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE CIÊNCIAS (ENPEC), 4., 2004, Bauru. **Anais...**Bauru: ENPEC/ABRAPEC, 2003.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? **Ciência e Educação**, v. 23, n. 4, p. 811-816. 2017.

MARTINS, Ana Paula; SPAZZIANI, Maria de Lourdes. Impactos da extensão universitária na perspectiva de futuro de estudantes da educação básica. In: SPAZZIANI, Maria de Lourdes; FONSECA, Renata Cristina. (Org.). **Clube da Mata: Formação de Guias da Natureza**. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2019. p. 85-89.

MARTINS-SALANDIM, Maria Edneia. **A Interiorização dos Cursos de Matemática no Estado de São Paulo**: um exame da década de 1960. 2012. 374 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP. 2012.

MATAREZI, José. Trilha da vida: re-descobrimo a natureza com os sentidos. **Ambiente & Educação**, v. 5/6, p. 55-67, 2001.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski. História Oral como fonte: problemas e métodos. **Historiae**, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MEADOWS, Donella et al. **The limits to growth**. Earth Island, 1972.

MEC (Ministério da Educação). **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 25 jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MOORE, Robin. **The Need for Nature**: A Childhood Right. Social Justice, v. 24, n. 3, p. 203-220. 1997.

MONTEIRO, Sandrelena da Silva. (Re)inventar educação escolar no Brasil em tempos da COVID-19. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 237-254, jul/out. 2020.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto; MORALES, Ofelia Elisa Torres. **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania**: aproximações jovens. 3ª ed. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2015.

MÜLLER, Maria Terezinha. História Oral: uma estratégia utilizada no desenvolvimento de projetos. **Revista Ciência e Inovação**, v. 2, n. 1, p. 45-49, 2015.

NARDI, Roberto. **A área de ensino de Ciências no Brasil**: fatores que determinaram sua constituição e suas características segundo pesquisadores brasileiros. 2005. 166 f. Tese (Livre docência) – Universidade Estadual Paulista – Bauru, SP. 2005.

NASCIMENTO, Fátia Nessrala; SGARBI, Antônio Doznietti. Espaços educativos não formais na educação formal: Educação Ambiental como eixo integrador do ensino de ciências. **Indagatio Didactica**, v. 8, n. 1, jul. 2016.

NETO, Ricardo Salaro; SAGLIETTI, José Roberto. Educação Ambiental em São Manuel. In: SPAZZIANI, Maria de Lourdes; FONSECA, Renata Cristina (Org.). **Clube**

da Mata: Formação de guias da natureza. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2019. p. 4-10. Disponível em: <<https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/livro--clube-da-mata---versao-16-final.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

NEVES, Lucília de Almeida. Memória, história e sujeito: substratos da identidade. **História Oral**, v. 3, p. 109-116. 2000.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione. 1997.

OLIVEIRA, Lucas de; NEIMAN, Zysman. A Educação Ambiental no âmbito escolar: análise do processo de elaboração e aprovação da base nacional comum curricular. **Revbea**, v. 15, n. 3, p. 35-52, 2020.

PEREIRA, Suelen Silva; CURI, Rosires Catão. Meio Ambiente, impacto ambiental e desenvolvimento sustentável: conceituações teóricas sobre o despertar da consciência ambiental. **REUNIR**, v. 2, n. 4, p. 35-57. 2012.

PORTELLI, Alessandro. Um trabalho de relação: observações sobre a história oral. **Revista Trilhas da História**, v. 7, n. 13, p. 182-195, 2017.

PIMENTEL, Alessandra. O Método da análise documental: Seu uso numa pesquisa historiográfica. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, 2001.

REIGOTA, Marcos. Desafios à educação ambiental escolar. In: CASCINO, Fabio et al. (Org.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. São Paulo: SMA, p. 43-50, 1998.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2017.

ROCHA, Sônia Barroso; TERÁN, Augusto Fachín. **O uso de espaços não-formais como estratégia para o ensino de Ciências**. Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA. 2010.

ROGERS, Alan. Olhando novamente para a educação não formal e informal: em direção a um novo paradigma. In: _____. **Educação não formal: escolarização flexível ou educação participativa?** Hong Kong: Universidade de Hong Kong. 2004. Disponível em:

<http://file.upi.edu/Direktori/SPS/PRODI.PENDIDIKAN_LUAR_SEKOLAH/1961110919_87031-MUSTOFA_KAMIL/Bhaan_kuliah/nonformal_education_alan_rogers_2.pdf>.

Acesso em: 24 out. 2020.

ROSA, Fernanda Malinsky Coelho. **Professores de Matemática e a Educação Inclusiva**: Análises de memoriais de formação. 2017. 283 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro, SP. 2017.

RUMENOS, Nijima Novello. **Educação ambiental e ciência-cidadã**: interfaces na formação e estímulo ao voluntariado em um parque nacional brasileiro. 2020. Tese (Doutorado em Educação para a Ciência) - Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2020.

RUSCHEINSKY, Aloisio. **Educação Ambiental**: abordagens múltiplas. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2012.

SANTA ROSA, Sergio Henrique; VILLAS BÔAS, Roberto Lyra. **O Conhecimento é uma Jornada – FCA/Unesp – 50 anos**. 1ª ed. Botucatu: FEPAF, 2015.

SANTOS, Saulo; TERÁN, Augusto Fachín. O uso da expressão espaços não formais no Ensino de Ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 6, n. 11, p. 01-15, 2016.

SAUVÉ, Lucie. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SATO, Michele; CARVALHO, Isabel (Org.). **Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SANZ, Ismael; SÁINZ, Jorge; CAPILLA, Ana. Efectos de la crisis del coronavirus sobre la educación. **Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura** (OEI), 2020.

SENICIATO, Tatiana; CAVASSAN, Osmar. Aulas de campo em ambientes naturais e aprendizagem em Ciências: um estudo com alunos do ensino fundamental. **Revista Ciência e Educação**, v. 10, n. 1, p. 133-147, 2004.

SENHORAS, Elói Martins. Coronavírus e Educação: Análise dos impactos assimétricos. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 128-136, 2020.

SILVA, Adélia Guiomar. **JARDIM PÚBLICO DE SÃO MANUEL**: formação, transformações e permanências. 2021. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Unesp, Bauru, 2021.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes. Formação de educadores ambientais para manejo em Agroecologia e conservação de trilhas e estruturas educativas na Fazenda São Manuel da UNESP. In: SPAZZIANI, Maria de Lourdes; FONSECA, Renata Cristina. (Org.). **Clube da Mata**: Formação de Guias da Natureza. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2019. p. 17-23.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes; FONSECA, Renata Batista. **Clube da Mata**: Formação de guias da natureza. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2019. Disponível em: <<https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/livro---clube-da-mata---versao-16-final.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes; MORIMOTO, César Kenzo; THOMÉ, Igor Miras. Trilhas Ecológicas na formação crítica de jovens. In: RONDINI, Carina Alexandra; NETO, Humberto Perinelli (Org.). **Coletânea Núcleos de Ensino**. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2020.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes et al. REDE CASA DA NATUREZA: Articulando ideias, pessoas e instituições em temáticas socioambientais. In: SPAZZIANI, Maria de Lourdes et al. (Org.). **Rede Casa da Natureza**: Conexões socioambientais na Cuesta. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2021.

SPAZZIANI, Maria de Lourdes; RUMENOS, Nijima Novello; THOMÉ, Igor Miras. Educação Ambiental e Ciência, Tecnologia, Sociedade e Ambiente: possíveis interlocuções. **Caminhos da Educação Matemática em Revista**, v. 12, n. 1, p. 229-251, 2022.

STIGLITZ, Josef. **Globalização**: como dar certo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

STUDART, Denise Coelho. **The perceptions and behavior of children and their families in child-orientated exhibits**. 2000. 424 f. Tese (PhD em Museologia) - Universidade College London, Londres. 2000.

TAMAIU, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza:** uma experiência de educação ambiental. 1ª ed. São Paulo: Annablumme: WWF, 2000.

TIRIBA, Léa. Prefácio. In: AMANDO DE BARROS, Isabel. (Org.). **Desemparedamento da infância:** A escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018. p. 1-2.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana Cabicieri. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. **Educação & Realidade**, v. 44, n. 2, p. 1-22, 2019.

TORRES, Juliana Rezende; MAESTRELLI, Sylvia Regina. Apropriações da concepção educacional de Paulo Freire na Educação Ambiental: Um Olhar Crítico. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 7, n 14, p. 309-334, 2012.

THOMÉ, Igor Miras; FONSECA, Renata Cristina. Histórico da Fazenda Experimental da Unesp no município de São Manuel. In: SPAZZIANI, Maria de Lourdes; FONSECA, Renata Cristina (Org.). **Clube da Mata:** Formação de guias da natureza. Botucatu: Cultura Acadêmica, 2019. p. 11-16. Disponível em: <<https://www.ibb.unesp.br/Home/ensino/departamentos/educacao/livro---clube-da-mata---versao-16-final.pdf>>. Acesso em: 21 dez. 2019.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**, v. 5, p. 9-28, 2002.

TRISTÃO, Martha. **A educação ambiental na formação de professores:** redes de saberes. São Paulo: Annablume. 2004.

VIEIRA, Graice Quelli; PEREIRA, Larissa Paiva; MATOS, Wellington Rodrigues. Avaliação de espaços não formais de educação para o ensino de ciências: estudo de caso do museu Ciência e Vida, Duque de Caxias, RJ. **Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa**, v. 1, n. 2, p. 112-125, 2014.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temática**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014.

WEKERLIN FILHO, Duglas. **O aluno pesquisador:** estudo de caso na escola ecológica Rincão. 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1 | Quem você é? De onde vem, e qual seu trabalho?
- 2 | Você conhece o município de São Manuel?
- 3 | Você conhece a Fazenda Experimental da Unesp (FEU) localizada em São Manuel?
- 4 | Baseado na sua experiência, como você definiria a Educação Ambiental?
- 5 | Com base na sua experiência, como as crianças e jovens percebem e vivenciam a natureza de forma significativa?
- 6 | O que você pode me dizer sobre educação não formal?
- 7 | O que você pode me dizer sobre espaços não formais de educação?
- 8 | Que tipos de dificuldades você encontra ao trabalhar com Educação Ambiental em espaços não formais?
- 9 | Quais projetos já circularam na Fazenda Experimental da Unesp (FEU) em São Manuel?
- 10 | Na sua opinião, qual é a viabilidade da formação de um espaço que recebe projetos e iniciativas de Educação Ambiental na FEU?
- 11 | Como você interpretaria o potencial e a importância da FEU como um espaço não formal?
- 12 | De que forma você definiria a FEU, e quais perspectivas enxerga para o desenvolvimento de pesquisa, ensino e extensão?

APÊNDICE B – TEXTUALIZAÇÕES

Textualização 1: Marcelo

Igor: Essa é a entrevista número cinco da minha pesquisa de mestrado, que recebe o título de “Perspectivas para a Educação Ambiental na Fazenda Experimental da Unesp em São Manuel: Estudo das narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos”. Eu vou me poupar de apresentar o meu entrevistado de hoje, porque já diz respeito a minha primeira pergunta. Gostaria que você se apresentasse: seu nome, idade, de onde vem e o que faz atualmente.

Marcelo: Eu sou Marcelo, licenciado em Física pela UFSCAR e posteriormente, assim que me formei, comecei a dar aula no colégio agrícola aqui de São Manuel. Sou de São Manuel, nasci aqui. Fiquei dois anos no colégio agrícola e depois prestei um concurso da Universidade Federal de Viçosa. Fiquei lá por dez anos e foi onde fiz o meu mestrado em engenharia agrícola, trabalhando com secagem de grãos agrícolas, né? A parte da Física, da termodinâmica da secagem.

De lá, vim fazer meu doutorado aqui na FCA da Unesp em Botucatu, na área de energia na agricultura, na mesma linha de pesquisa, utilizando biomassa para a secagem de grãos. Apareceu um concurso para o departamento de Biofísica do Instituto de Biociências (IBB), prestei, me desliguei de Viçosa e passei a ser professor no IBB. Fiz toda a minha carreira na Unesp, terminei minha carreira nela. Fiz o doutorado, fui vice chefe e chefe de departamento, diretor da área de informática do IBB e posteriormente o próprio diretor do IBB, de 2001 a 2005. Terminada a minha gestão no IBB, fui assessor por seis anos da Pró Reitoria de Graduação da Unesp na capital de São Paulo.

Voltei de lá, retornei às minhas atividades didáticas e então me aposentei. Voltei a morar em uma chácara, aqui em São Manuel. Não suportei ficar muito tempo aposentado, fiquei um ano e meio só. O prefeito recém-eleito, em uma conversa que nós tivemos, me coloquei a disposição para auxiliar no que fosse possível na área de educação. Para a minha surpresa, ele me convidou para ser o diretor de educação, equivalente ao cargo de secretário de educação aqui do município, em 2017. E, desde então, estamos aqui. Na minha visão, dando um retorno a tudo que a minha cidade proporcionou na minha formação, né? Eu, que a vida inteira trabalhei com o ensino universitário, voltei às raízes e estou trabalhando com o ensino fundamental, com as crianças de zero anos da creche até o 5º ano do ensino fundamental.

Basicamente é isso que estou fazendo. O que fiz e o que estou fazendo atualmente.

Igor: Perfeito. E quantos anos você tem?

Marcelo: Ah! Eu tenho sessenta e oito. E agora, em novembro, vou completar sessenta e nove anos.

Igor: Que bacana. Eu faço aniversário em novembro também! Sou do dia dez.

Marcelo: Então, sagitário?

Igor: Escorpião!

Marcelo: O meu é um pouquinho mais para frente, sagitário.

Igor: Bom, você me disse que nasceu na cidade de São Manuel, né?

Marcelo: Sim.

Igor: Eu gostaria que você me falasse um pouquinho mais da sua experiência com a cidade, da sua vida em São Manuel. Como você enxerga a cidade?

Marcelo: São Manuel é uma cidade média/pequena, né? Já era pequena, era bem menor. São Manuel tem uma característica interessante: ela sempre teve em torno de seus quarenta mil habitantes. Só que quando eu era criança e adolescente, na cidade propriamente dita viviam de dez a quinze mil habitantes, enquanto o resto habitava a zona rural. Era um município extremamente agrícola, voltado para o café. Colheita de café. Então, muita gente morava no campo.

Com as crises que foram acontecendo no café, foi mudando o aspecto agrícola do município e houve uma grande expansão na cultura de cana-de-açúcar, principalmente. E com isso houve uma migração da população para à cidade.

Hoje, a cidade tem seus quarenta e um mil habitantes. Não mudou muito, mas a grande maioria mora na cidade. Então, isso mudou o perfil da cidade. Era uma cidade mais calma, mais típica. Tinha uma certa elite, elite no bom sentido, né? E tinha uma zona rural também interessante, porque haviam as escolas rurais, havia uma certa formação. Mas aí houve uma migração um pouco desordenada e hoje a gente está em uma fase, acho, de organizar mais a cidade em termos de dar acesso a todas as necessidades públicas. Água, luz, calçamento, esgoto, tratamento de esgoto aos bairros todos. Mas eu acho que a cidade agora achou seu papel, mais ou menos, aqui na região. Ficando perto de Botucatu e Bauru, e muita gente se desloca para trabalhar nessas cidades. E enfim, é uma cidade, não diria que uma cidade dormitório, porque ela tem

uma vida própria. Mas ela está no meio de algumas cidades grandes, né? O que faz dela ao mesmo tempo uma cidade agradável para se morar, mas com uma perspectiva média de crescimento. Não tem uma vocação industrial, nada que fique mais a cargo de Botucatu e da região.

É assim que vejo a minha cidade. Mas uma cidade gostosa para se morar. Fiquei fora por muito tempo, mas agora eu voltei e estou tentando colaborar com o que eu recebi aqui, né? A vida inteira minha formação foi em escolas públicas, desde o ensino fundamental. As universidades em que estudei foram todas, públicas. Então, acho que é uma maneira da gente dar um retorno para a sociedade é contribuir agora com o nosso trabalho. Uma pequena parcela do que é possível fazer.

Igor: Perfeito. É muito bonito de ver sua questão de identificação com a cidade, né? Esse amor pela cidade de onde a gente vem. Mas, puxando esse gancho da parte rural de São Manuel, nós temos no município a Fazenda Experimental da Unesp (FEU).

Marcelo: Sim!

Igor: E eu queria saber como você conheceu a FEU e qual a sua relação com ela. Você já conhecia antes, você conheceu depois que voltou para São Manuel? Como é que funcionou?

Marcelo: Olha, Igor. Eu não sei se a gente pode entrar em uma parte também mais política e mais histórica...

Igor: Fique à vontade!

Marcelo: Eu tenho uma ligação interessante com a FEU. Você de certo está estudando a FEU em todos os seus aspectos. E, quando eu era “moleção”, moleque mesmo de jovem e adolescente, meu pai era político. Ele foi vereador aqui na cidade e depois foi deputado. E aí haviam sempre umas reuniões lá em casa, com as pessoas que tratavam da política em São Manuel. Em um determinado momento, alguns colegas do meu pai, levaram até o governador da época, Ademar de Barros, a proposta de trazer uma faculdade de agronomia para a cidade. A família dele tinha uma ligação com a cidade pois era toda de São Manuel. E eles foram além: fizeram uma quotização, juntaram recursos e compraram o que hoje é a FEU. Compraram a Fazenda e chegaram ao governador e ofereceram essa área para que fosse ali instalada uma faculdade de agronomia, em São Manuel. Bom, aí houve toda aquela agitação política. Lembro que haviam diretores de escolas, médicos, enfim, os agricultores.

Já havia um embrião da Unesp ali em Botucatu. Ainda não era Unesp, mas era a Faculdade de Medicina, Ciências Biológicas e etc. Houve um estudo achando que seria uma coisa um pouco esquisita ter alguma coisa do estado já estruturado em Botucatu e montar uma outra faculdade aqui (São Manuel). O resumo é que, no fim, a faculdade de agronomia acabou saindo em Botucatu e ficou uma fazenda aqui em São Manuel, meio sem utilidade. Ela foi, então, incorporada ao que depois viria a ser a faculdade de agronomia como fazenda experimental e ficou ligada à Unesp.

Eu diria que a idade tem algumas vantagens. Uma delas é você ter participado do nascimento disso, né? Eu vi isso acontecer na minha casa, nas casas dos amigos dos meus pais, a agitação da cidade querendo trazer uma faculdade pública para o município. Foi um movimento interessante. Frustrante em um primeiro momento, né? Porque a faculdade não veio para cá.

A história tem seus caminhos próprios. E essa fazenda acabou ficando aqui em São Manuel, ela foi uma fazenda pouco explorada no início, né? E aconteceram até algumas coisas. Uma parte grande da área dessa fazenda foi desapropriada pelo município para fazer o núcleo habitacional. E, aí, eu acho que também a Unesp acordou nesse momento e falou: "Precisamos dar uma utilização mais efetiva", né?

Mas a Unesp tinha uma boa estrutura na Fazenda Lageado e na Edgárdia. Estrutura de pesquisa e de estudo que já eram incorporadas na Unesp. E ela (FEU) ficou um pouco para trás até alguns anos, umas duas décadas talvez. Que aí ela começou a ter uma certa utilidade por parte da veterinária (FMVZ), da agronomia (FCA) e um pouco da reserva ambiental que tem, a qual o IBB é responsável.

Então, essa ligação é uma ligação que eu nem tinha pensado muito em falar, mas na hora que você tocou no assunto lembrei tudo isso e passou um filme na minha cabeça. Mas é essa ligação que eu tenho há bastante tempo e, uma coisa que eu acho que você está contribuindo para isso junto de outras pessoas, é que os habitantes de São Manuel agora estão conhecendo que tem uma unidade da Unesp aqui.

Eu acho muito interessante a fala do próprio reitor atual, o Sr. Pascoal. Ele fala que isso é uma unidade da Unesp também. Não é uma unidade de ensino formal, né? De ter uma escola. Mas é uma unidade de ensino experimental que deve ser usada dessa maneira. Então, acho que agora a população está olhando com outros olhos. Não se fala mais em desapropriar a FEU para fazer outras coisas, e sim utilizá-la como um equipamento público que está aqui no nosso município. Eu acho que é essa a visão que teria que dar. Que tem que dar.

Existe um equipamento público ligado a uma universidade de renome nacional e internacional e acho que algumas coisas devem ser feitas aqui, que podem ser feitas aqui em parceria com os campi de Botucatu e Bauru, que são os mais próximos aqui, né? Eu vejo com essa perspectiva.

Além da própria estrutura que ela tem de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, principalmente do campus de Botucatu.

Igor: Mais alguma memória que você gostaria de falar?

Marcelo: Não!

Igor: Porque isso me tocou muito. Você falar dessa questão da frustração, né? Eu imagino o quanto São Manuel queria, o quanto as pessoas envolvidas gostariam. E eu cheguei a fazer essa leitura no livro de aniversário da FCA. Eles fazem uma menção a FEU e dizem que o sonho na época era o Lageado aqui (Botucatu) mesmo, né? E era muito difícil deslocar a mão-de-obra e as pessoas para São Manuel, para a FEU.

Eu imagino que realmente gerou essa agitação de vocês, e acabou não atendendo as expectativas. Mas, você chegou a visitar a FEU nessa época em que você era criança?

Marcelo: Na verdade, a FEU é muito próxima da cidade, né? Naquela época também era. Não era tão longe, não. E também, mais uma das coincidências, existe uma estrada que ligava São Manuel ao nosso distrito até então, que era Pratânia, hoje um município. Meu pai tinha um sítio lá perto de Pratânia, e ela (estrada) passava ao lado do que era a FEU. A gente sabia onde era, que era a fazenda de algum produtor rural a qual o pessoal se reuniu e comprou, ficando naquela euforia. Nós passávamos ali e dizíamos: “ali é onde terá a faculdade”, “aqui será a faculdade”. Essa era a ideia.

Depois da euforia veio a frustração e agora estamos tentando recuperar a parceria que essa fazenda deve ter com o município, né? Eu acho que tem que ter um outro olhar agora. Passou. O passado serve para a gente entender como foi a história, mas agora é olhar para frente e desenvolver um outro caminho. Acho que é bem por aí.

Igor: E nunca é tarde, não é?

Marcelo: Não, não.

Igor: Eu queria puxar agora a nossa conversa para um ponto. Como você nos conhece dos nossos projetos, estamos sempre envolvidos com Educação Ambiental

(EA). Esse viés é muito forte no nosso trabalho. E eu queria que você, com base na sua experiência e nas suas vivências, definisse ela. O que é EA para você?

Marcelo: Esse é um assunto que sempre passou um pouco pela vida da gente. Como eu falei, quando fui lá para Viçosa uma das coisas que a gente estava desenvolvendo na minha tese de mestrado era o uso de fontes alternativas de energia. Então, eu penso o seguinte: falando globalmente, minha formação também é de Física, né? Gosto muito de associar com o que acho que é um dos problemas que afeta a questão ambiental: a questão da energia.

Se você pensar que a expectativa de vida dois séculos atrás era 30/40 anos e hoje é quase 80. Isso não aconteceu por acaso. Desde a Pré-História o homem vem “dominando”, né? Dominando mal o ambiente através do fogo, através da caça, da coleta e tal. Era uma convivência meio cruel, meio complicada, mas enfim. Vocês que são da Biologia sabem que a evolução humana se deu a você poder ter o uso da energia para fazer o cozimento de alimentos, uma alimentação com mais proteínas e etc. O que aumentou a expectativa de vida. Por outro lado, e aí uma coisa alimentava a outra, aumentou o consumo de energia. Ficou um ciclo complicado. Você tem mais habitantes, mais gente, mais demanda de energia e tudo.

Então, quando penso na questão ambiental, eu sempre penso que todo esse crescimento de qualidade de vida da população e a expectativa e tal, se deu por uma demanda de energia que foi basicamente de exploração do ambiente sem qualquer preocupação. “O planeta é enorme, nós somos poucos. Se eu tirar 10 árvores não vai acontecer nada. Eu vou queimar a árvore para cozinhar comida.” E isso vira um ciclo vicioso. A Revolução Industrial na Inglaterra, as descobertas de novos continentes, a população se deslocando. Aí você não quer passar frio, você tem que garantir um aquecimento. Você está com calor, então tem que fazer um ar condicionado. E por aí vai.

Então, a questão da energia, eu acho que a questão da energia está intimamente ligada com a questão ambiental. Não é? E hoje, atualmente, você já vê outra linha de pensamento. “Tudo bem, vamos fazer mais carros elétricos” ou “não vamos mais queimar combustíveis fósseis”. Tudo bem, é uma saída. Mas você também precisa gerar eletricidade para esses carros. Ainda tem a bateria, ela tem que ser descartada, não sabe o que fazer com o que vai sobrar. Penso o seguinte: a questão populacional e demográfica, ela tende a se estabilizar agora, eu acho. Não há mais espaço para aumentar a população do planeta, embora a questão demográfica seja um pouco diferenciada. Você tem locais muito densamente povoados e outros não, mas você não

vai distribuir igualmente essa população no planeta. Isso demanda alimento, ninguém vai querer retroceder na sua qualidade de vida. Acho que se houver uma estabilização demográfica ainda dá para pensar na questão ambiental como um equilíbrio. Eu acho que a gente tem que conviver com o meio ambiente, explorar o meio ambiente no bom sentido, né? Com os recursos possíveis. E fazer demandas que aproveitem mais com menos. Ou seja, você vai aumentar a produtividade de um produto agrícola, uma soja e tal, na mesma área.

É possível? É possível! Demanda tecnologia? Demanda. Mas é possível. Então, deixar de ser um processo puramente expansivo e um processo mais científico. Enxergo a questão da EA nessa linha de que, sim, não vamos depender muito de extrativismo do ambiente. Mas agora, precisamos de uma certa lógica, eu acho. Certa lógica de uso racional. É meio batido esse termo, mas é um uso racional, um uso bem explorado. E parar de aumentar a população demasiadamente, que não vai dar certo, né? Isso não vai acabar bem. Já estamos com sete, oito bilhões de pessoas, não tem mais de onde extrair. Então, eu fico pensando um pouco nisso. Não adianta a gente querer ser um “verdinho radical”, “vamos parar de fazer isso ou aquilo”. Não vai. Ninguém vai voltar atrás. Você não vai voltar para a idade da pedra, você não vai morar na caverna, não vai passar frio e nem calor. E vai precisar extrair esses confortos e essa produção de algum lugar. É do ambiente? Sim, mas eu acho que mais racionalmente.

É mais ou menos essa a visão. Não sei se é a visão tradicional de uma EA e da visão do meio ambiente, mas gosto de pensar nessa linha de que não temos como escapar disso. Precisamos gerenciar melhor isso. Veja bem, eu não me coloco contra, não. Os chamados “nichos”, né? O cara que montou uma ONG que defende o “peixinho vermelho, do rio não sei das quantas”. Está legal, faz parte. Mas agora, eu acho que a EA não é só você recolher o saquinho de plástico, não é só você fazer isso e aquilo. Nós temos que ser realistas. As coisas vão continuar desse jeito? Vão! Então, como posso melhorar para que eu gaste menos energia? Porque, voltando a palavra energia, você terá uma demanda que acabará estourando no ambiente. Ou uma demanda por alimento, ou uma demanda por combustível, demanda por material de construção e etc. Já houve uma evolução boa.

Outro dia, estava vendo que em um trabalho lá do pessoal de Viçosa, falando da produção do carvão vegetal. Em Minas Gerais é uma atividade muito importante, pois há muitas siderúrgicas que dependem de carvão vegetal para fazer ferro gusa, que é o produto intermediário cujo o final será o aço.

Dá para substituir? Por enquanto ainda não. Bom, mas o que se fazia em Minas? Se pegava mata nativa, fazia o carvão e queimava. O que passou a se fazer: plantar florestas de *Pinus* e eucalipto, e queimar. E agora, em uma outra fase, está se melhorando o tipo de queima, o tipo de fornalha para não poluir, para aproveitar mais e tal. Eu acho que é por aí. Enquanto você não tiver um substituto do carvão vegetal, você tem que trabalhar melhor o uso desse elemento. É um processo de EA no sentido de educação, de pesquisa, de novas tecnologias que vão conviver com o ambiente. Porque também, se você parte de um uso discriminado, daqui a pouco você não tem a matéria-prima que precisa. Você está se matando, você está dando um tiro no pé, né? “Eu vivo disso, mas não vou ter isso para viver”. É nessa linha que eu penso.

Igor: Agora, juntando essas coisas: os nossos recursos naturais e também esse fato de você estar representando a parte de educação em São Manuel. Como você acha, com base na sua experiência, que as crianças e os jovens poderiam vivenciar a natureza de forma significativa?

Marcelo: Eu acho que, pensando nessa linha que abordei antes, introduzir através de temas transversais, não necessariamente só de EA, essa perspectiva do bom uso de qualquer alimento ou produto. O bom uso, o bom descarte, o reaproveitamento e etc. E aí você também tem que levar para a criança o “como” fazer isso e discutir o que foi feito de errado. Acho que aí é um trabalho de formiguinha, né? Você vai pegar a criança que está entrando lá com seus cinco ou seis anos e vai ensinar boas práticas. Isso perpassa por uma série de coisas: uma boa visão política, a questão ética, a questão da não necessidade de você ter tanta coisa, né? Não precisa ter três carros, pode ter um só. Enfim, colocar algumas alternativas que não necessariamente só falem da floresta, do ambiente ou do rio. É lógico que isso terá que ser falado. A questão de conservação do ambiente, das águas, dos alimentos, da boa produtividade, da questão animal, da questão das plantas. E vai desde uma aula que você falará sobre alimentação, você pode abordar esse tema. Você pode mostrar para a criança de onde veio esse alimento que ela está comendo. Usou defensivo agrícola, ou não? Enfim. Fazer a transversalidade desses temas, o que eu acho que fica inclusive uma abordagem interessante. Não fica uma aula chata, né? Fica uma aula em que você discute coisas, e a criança é muito receptiva a essas coisas. Ela é bem receptiva. Você pode provocar, você pode pedir que ela dê a visão.

E tem um negócio muito importante, que a gente sempre procura trabalhar aqui, que é a modificação dos adultos via criança. Você conversa com as crianças aqui na escola e elas levam isso para dentro de casa. E elas ficam falando na orelha do pai e

da mãe, até eles mudarem alguns hábitos, né? Eu acho que é por aí. É fácil? Não, não é fácil. Mas é um trabalho de formiguinha.

Então, eu vejo que as crianças podem ser colocadas dessa maneira. E eu acho que é muito importante também, que você deve abordar aí na sua tese, a questão de que isso acontece aqui no município. Temos uma série de políticas nacionais, para uma série de coisas, que tem que ter, mas não sei até que ponto vale a pena nós ficarmos batendo um bumbo falando da floresta amazônica enquanto estamos destruindo o nosso microambiente aqui no município. É importante que todos nós possamos entender e transmitir para as crianças a importância de se ter uma floresta amazônica com fauna e flora diversificada, que afeta o clima do país e tal. É um negócio gigantesco. Você tem que estudar, passar isso para frente. Mas se a gente ficar só pensando na queimada na Amazônia, mas se o sítio do meu vizinho aqui está pegando fogo, então temos que balancear essas coisas. Você tem que ter os temas globais, eles têm que ser estudados e passados, a importância da preservação. Mas mostrar que isso começa aqui, no município, na casa dele. No vizinho dele. Com as pequenas ações que vão se somar e você começará a melhorar o microclima local e regional. Isso vai se expandindo, se interferindo. Essa ligação deve ser começada aqui; penso dessa maneira.

Igor: Dentro dessa perspectiva, você acha importante levar as crianças à natureza? Em ambientes naturais, nesse processo?

Marcelo: Sim, eu acho que sim. Embora a gente viva aqui em um município pequeno, que tem até uma certa facilidade de você entrar em contato com a natureza, né? Mas você tem muitas propriedades rurais que são produtivas em termos intensivos. Elas têm muita cana, ainda tem um pouco de café, enfim. Mas nós temos algumas coisas aqui. Pequenas propriedades que se mantêm com alguma cultura familiar, então elas têm algumas diferenças grandes. E temos outras coisas interessantes aqui. Temos a escola agrícola, como já falei, que tem uma certa preservação ambiental e é possível levar as crianças para fazerem um passeio.

Temos também a usina de cana, a usina São Manuel. É uma usina um pouco diferente; ela pratica essa agricultura intensiva, mas ela tem uma visão de preservação diferente. Ela tem alguns programas inclusive com a nossa rede de ensino municipal. Todo ano nós levamos as nossas crianças lá, para um local que eles têm, um programa que se chama “Doce amanhã” e que trata das questões ambientais. Há uma reserva; não só uma reserva para ter ali e falar que tem. Ele preserva as laterais dos córregos, a parte da mata ciliar. Tem alguns corredores (ecológicos) para a passagem de animais.

Uma série de coisas que são mostradas. Uma convivência. Eu tenho, sei lá, dez mil hectares de cana e cinquenta de mata. Mas pelo menos você vai lá, visita e tal. Acho que a criança deve, sim, ir para esses ambientes. Não temos muitas outras opções aqui, como um zoológico ou algo do gênero, mas acho importante levar as crianças para esses ambientes externos. E aí, esse projeto que temos feito juntos, tem ido nessa linha.

Igor: Eu queria te perguntar agora o que você pode me dizer sobre educação não formal.

Marcelo: Não sei se é mais ou menos isso que a gente está pensando aqui. Alguma coisa fora do ambiente que a gente considera formal, né? A escola, a sala que você transmite desde alguns séculos da mesma maneira: alguém vai lá na frente e fala. Antes ninguém contestava nada; agora você pode contestar, mas não mudou muito. É uma transmissão de conhecimentos e as vezes essa transmissão fica meio perdida na teoria, né?

Penso que quando você tem alguns ambientes não formais, e eles não precisam ser ao ar livre necessariamente, você pode fazer uma visita no museu, ou como eu falei de levar uma criança para a usina. Começar a mostrar que você tem uma parte educativa que faz você se tornar um ser social, você pode abordar questões de cidadania nesses ambientes, de ética. Pode visitar um parque, uma fazenda. Tudo bem, a fazenda pode explorar uma monocultura, mas você pode explicar o que é isso e as razões para se tornar isso.

Eu diria que a questão de se ter um ambiente não formal é uma formação complementar que hoje é imprescindível. Não faz muito sentido ficar apenas no ambiente escolar clássico. Acho que deve fazer parte. Desde você levar uma criança à um cinema ou em outros ambientes em que ela possa socializar. E muito importante hoje, pois temos uma molecada com avidez tecnológica e está grudada em equipamentos eletrônicos. Que não tem volta também. Não sou crítico em relação a isso, essas coisas devem ser usadas. Devem ser bem usadas. Mas quando você está em um ambiente não formal, isso fica um pouco de lado. Você é quase que obrigado a conversar com o seu coleguinha do lado. Se você está em um ambiente fechado, cada um está com o seu celular e ninguém conversa com ninguém. Existem várias vantagens. Acho que eles se complementam, né? O formal com o não formal.

É a minha visão, não sei se é a visão correta.

Igor: Eu estou aqui para isso: para escutar o que você tem a dizer, não para dizer o que é certo ou errado. Até porque essas coisas variam muito de pessoa para a

pessoa. São experiências, né? Você é um conjunto de histórias e vivências, é isso que dá a resposta no final das contas.

Nós estamos falando de coisas positivas desses espaços. Mas, você acredita que existem dificuldades para se trabalhar, principalmente a EA nesses espaços não formais?

Marcelo: Olhando pela perspectiva da minha cidade, você não tem todos esses equipamentos. Temos um museu aqui? Sim, mas é um museu restrito à nossa história local. Que é importante, deve ser levado e deve ser discutido. Mas eu dificilmente consigo fazer uma excursão, pegar os alunos e leva-los para o MASP em São Paulo, que é um museu mais universal. Acredito que a dificuldade da educação não formal desses equipamentos que citei é que alguns não existem aqui, né?

Por outro lado, no caso da EA, estamos abrindo esse espaço. Brigando juntos para deixar, por exemplo, na FEU um espaço que sirva para esse equipamento não formal na questão de meio ambiente. Se vamos conseguir fazer totalmente eu não sei, mas estamos abrindo esse espaço. Acho que outros também podem ser abertos. Existem dificuldades pois a cidade não tem tudo e eu não consigo deslocar todas as crianças que estudam aqui para um mesmo equipamento, em um mesmo dia. Uma certa dificuldade em logística, eu diria. É mais nesse sentido, não no sentido de que não deva ser feito ou não possa ser feito. Ele é mais complicado nos termos de logística.

É importantíssimo trabalharmos com esses ambientes.

Igor: Perfeito. Voltando nosso olhar para a FEU de novo, você tem ciência de projetos que já aconteceram na FEU? Chegou a conhecer algum?

Marcelo: Semelhante ao que estamos pensando agora em conjunto, não me lembro. Não com o município aqui. Também não posso afirmar taxativamente pois fiquei muito (tempo) fora daqui, não é? Mas pela própria ligação que tive com a Unesp antes de trabalhar aqui, quando vim para ser diretor de educação, um dos primeiros contatos que fiz foi com o pessoal do IBB para trazermos o cursinho pré-universitário para cá. Por que? Também por questões de logística. Toda noite eu deslocava de dois à três ônibus de jovens daqui para Botucatu para fazer o cursinho. Depois conseguimos trazer os professores desse cursinho, cinco por noite para cá (São Manuel). Melhor do que levar quarenta a oitenta alunos todo dia para Botucatu, com riscos de acidentes, enfim.

Qual foi a ideia? Fazer um convênio, e que o cursinho instalasse uma base aqui. Na sequência, veio a ideia a partir de uma discussão conjunta, de fazer algum uso da FEU no sentido de montar algum projeto que visasse essa questão ambiental, né?

Porque nós também, logo no início, pensamos em ter uma escola de meio ambiente aqui. Nós levávamos nossos alunos para a EMA em Botucatu, mas a questão de logística era complicada também.

Começamos a pensar nessa linha por aqui. Hoje, essa linha de ter uma escola formal, parece estar saindo para outro projeto, que seria um núcleo de EA. Que aí sim vai nessa linha que estamos discutindo: não seria uma escola formal dentro da FEU. Seria uma escola não formal ou um núcleo não formal de EA, em que você explora melhor o potencial da Fazenda.

E uma outra coisa que veio na esteira de tudo isso é que a ideia foi muito bem amparada pelo nosso prefeito. Já estamos em outro processo também, de instalar o viveiro municipal no ambiente da FEU. Faz sentido, pois é uma fazenda experimental, você tem o pessoal da engenharia florestal, da floricultura, fruticultura, biólogos e etc. E você tem um viveiro municipal. Vão nos ajudar a rearborizar a cidade com plantas adequadas. Em qualquer cidade podemos ver árvores plantadas que não poderiam estar ali.

De repente, fazemos um estudo melhor de paisagismo. Um paisagismo sustentável, plantar árvores frutíferas em alguns locais, né? Isso tem dado chance de alguns projetos serem propostos aqui na cidade com essa visão. Foi aprovado e recebemos um aporte do governo estadual para se fazer um parque linear em uma área que estava degradada. Esse parque linear terá pista de corrida, local para andar de bicicleta. Será arborizado, terão quiosques, enfim. Um pensamento ambiental e estrutural mais adequado. De repente, trazendo árvores frutíferas você também traz uma variedade de pássaros que se adaptam a esse ambiente.

Nessa linha, esses projetos que começamos a fazer: Clube da Mata, Trilhas e o próprio núcleo de EA, eles estão sendo um embrião de uma visão mais ampla de EA para o município.

Igor: Partindo dessa questão do núcleo de EA, especificamente. Como você enxerga a viabilidade da consolidação desse núcleo na FEU? Você acha que é viável, que necessita de modificações e melhorias? Qual é a viabilidade, na sua opinião?

Marcelo: Nós estamos conversando com o segundo grupo de supervisores da FEU. Iniciamos conversando com um grupo, eles foram muito receptivos. Com a

abertura que temos ainda no campus de Botucatu, tanto o pessoal do IBB e da FCA que são os parceiros principais veem essa aproximação com bastante significado e com uma boa perspectiva. Não vejo nenhuma resistência, né? É possível ser implantado. Nós temos que levar em consideração que ela continua sendo uma fazenda experimental, então ali são desenvolvidos estudos zootécnicos, veterinários, florestais, agrônômicos, que têm que ter o seu espaço preservado.

Se por um lado a FEU acabou sendo pouco utilizada para alguns fins, ela também acabou ficando preservada em termos ambientais. Você tem nascentes, mata preservada. Quando a professora Silvia Nishida estudou a fauna de aves, disse que ela era rica e diversificada. Há uma certa preservação que será útil para mostrar essa convivência entre você ter um ambiente que pode ser preservado e explorado comercialmente, tecnicamente, ao mesmo tempo. Você não precisa acabar com uma coisa para fazer a outra. Acho que nesse sentido, a FEU poderia ter uma função múltipla. Ensino, pesquisa e extensão. E educacional em termos globais. Pegar crianças também, não só a questão dos universitários de Botucatu e região.

E eu penso, o que é uma viagem minha, que se a gente conseguir estabelecer uma parceria que fique bem costurada e organizada, em um certo momento isso poderia ser aberta à população. A partir do momento em que você cria uma trilha educacional que sirva para ter conhecimentos ou para lazer que seja, de repente a população pode usufruir. É um ambiente público, de uma universidade pública estadual. Mantida pela população geral do estado. Então, nada mais justo que ela também abra esse ambiente para a população conhecer.

De repente, você faz um roteiro que não será invasivo e nem nada, e proporciona uma EA também. Direta ou indiretamente.

Eu penso nisso, não sei a Unesp irá topar.

Igor: Interessante, a sua fala. Gostaria de aproveitar para emendarmos na próxima pergunta que tenho aqui. Como você interpreta o potencial e a importância da FEU como um espaço não formal?

Marcelo: Não sei se eu me adiantei na pergunta, mas eu vejo que é mais ou menos nessa linha, né? Acho que se a gente pensar nesse núcleo de EA não só para o ensino fundamental, mas para toda a população, podemos ensinar a população algum tema ambiental. É melhor do que reunir todo mundo em um teatro fechado e explicar.

Eu gosto muito quando vocês abordam as plantas comestíveis que a gente acha que não é, e tal. Então, você tem coisas para fazer. De repente você está em um

ambiente, um local bonito daquele, né? Senta ao redor de uma sombra de uma árvore e fala. Acho que se a população puder ver o que é feito, puder participar, ela vai começar a olhar com outros olhos o ambiente que ela vive. No quintal dela, no vizinho, no sítio.

Uma coisa que nós chegamos a comentar algum tempo é que, por exemplo, na diretoria de educação também somos responsáveis pela merenda escolar dos alunos. Certo? Então, a gente atende não só os alunos do município, como também os das escolas estaduais. Servimos cerca de dez mil refeições por dia. Trinta por cento dos alimentos que compramos tem que ser, obrigatoriamente, adquiridos de agricultores familiares ou cooperativas. E essas pessoas precisam se organizar em cooperativas, precisam aprender novas técnicas. Não adianta eu chegar e falar que preciso comprar duas toneladas de tomate. Tenho, às vezes, que ensinar a plantar tomate. Época do plantio, como ter tomate o ano inteiro.

As faculdades de Botucatu, principalmente de agronomia, têm essa tecnologia. Nós não temos. Então, de repente, fazer cursos não só para universitários. Cursos para produtores rurais, falando em uma linguagem prática, falando de calendário agrícola, né? Se quero ter uma produção o ano inteiro, como faço? Ou faço na estufa, ou ao ar livre. Qual a vantagem de um, qual a vantagem de outro?

Parece que é pouco, trinta por cento. Mas não consigo comprar tudo na região. Tenho que fazer compras fora do município e fora da região daqui de São Manuel. Então, a FEU poderia se prestar a fazer esse papel social. Aí, seria uma extensão, né? Um dos tripés da universidade. Trazer essa tecnologia, deixar acessível para esses produtores. Você tem famílias que vivem aqui e poderiam viver com mais qualidade e produtividade se elas tivessem um apoio formal.

Uma outra coisa: a prefeitura pode ser parceira nisso e comprar equipamentos agrícolas que simbolicamente poderiam ser alugados. Unimos esses conhecimentos. Acho que para os alunos que estão fazendo faculdade isso é um negócio interessante também, poder ver esse lado. Nem todo mundo vai trabalhar em uma usina de açúcar, alguém tem que produzir arroz e feijão, né? É uma função interessante para a FEU também.

Você aproveita e dá as noções de como preservar a parte da agricultura familiar. O rio que passa é importante, então deve ter mata ciliar, etc. Você aproveita e passa uma outra mensagem.

Igor: E isso é recorrente. Você é a terceira pessoa entrevistada que passa por essa questão. Da conexão da FEU com os produtores locais. Isso tem se mostrado claro

para mim, que realmente é uma possibilidade. Porque é como você disse: as vezes o produtor não tem instrução nem para plantar. Então, é importante.

Marcelo: Falo isso embora não seja produtor e pouco entenda do assunto, mas a prefeitura e a diretoria de educação são compradores disso. A gente tem que ter uma certa qualificação desses alimentos, né? E uma certa previsibilidade de entrega. Não adianta você plantar cinco pés de alface. Nós temos que comprar um monte de alface. Então, vamos organizar: o “Seu João” planta alface agora, quando estiver terminando a dele eu compro do “Seu José”, e assim por diante. É uma coisa interessante, pois o preço pago aos produtores rurais é maior do que o preço comercial desses alimentos. É obrigatoriamente maior, para incentivar.

É uma coisa que a gente podia pensar, né? Se você tiver uma certa técnica, você terá esse produto o ano inteiro, ou plantará vários produtos para ter o que entregar o ano inteiro e não perder renda. Ter uma previsibilidade de recursos.

Nesse ponto, quando eu estava na universidade, era uma crítica que eu fazia. Uma autocrítica também. Eu estava em Botucatu, mas não conseguia trazer nada para a minha cidade do que fazia lá. A universidade nesse ponto está melhorando, mas ela ainda é muito estanque. Muito fechada em si mesmo. Fazemos pesquisa, fazemos a dissertação. Nossos colegas aprovam ou não a dissertação, mas ninguém fica sabendo de nada no fim das contas.

Igor: E isso fica dentro do universo da graduação, né? Ou da pós-graduação.

Marcelo: Ficamos todos contentes e não trazemos o resultado final para cá. Não que você precise fazer uma pesquisa com resultado final aqui. Existe pesquisa básica, da minha área de Física, o que chega para a população é de maneira muito indireta. Você faz a pesquisa básica, alguém se utiliza disso para a produção de um objeto ou de uma técnica, que irá chegar na população, mas o caminho é outro.

Mas essa parte que estamos conversando aqui, ela é muito fácil de ser feita. A FEU tem o local, os equipamentos. E nós temos o público. É uma questão de costurar, né? É mais simples.

Igor: Isso contribui para a FEU, para a universidade, para vocês gestores públicos e para a cidade como um todo.

Marcelo: Sim.

Igor: Acabamos falando um pouco de tudo isso, mas gostaria de ter esse registro. De que forma você define a FEU e o que você enxerga nela para o futuro, no que tange ensino, pesquisa e extensão?

Marcelo: Acho que acabamos falando um pouco de cada coisa, né? Esse é o tripé que sempre trabalhamos na universidade. Sabemos que a universidade é um local de ensino, pesquisa e extensão. O que nós precisamos dosar dentro da universidade, eu acho, é que tem gente que é mais apta ao ensino, fazer o ensino, transmitir as coisas. Tem gente que é mais apta a pesquisa. E tem um grupo de extensão, que tem que trabalhar em uma interface universidade e sociedade. Acho que a FEU não foge disso. Ela é um centro de ensino que pode ser usado na transferência do conhecimento para a sociedade. Aí, ficará uma interface extensão e ensino, né? Pois você ensinará o produtor, mas ao mesmo tempo estará fazendo extensão. À medida que você faz as pesquisas e elas geram novas tecnologias, você incorpora isso ao ensino e a extensão. Acho que a FEU é o laboratório ideal para isso. Como falei, ela tem algumas qualidades ambientais que foram relativamente preservadas, tem a parte de pesquisa. Nós precisamos entrar com essa parte de extensão e trazer essas ideias que estamos trocando aqui, para colocar em prática.

Nesse ponto, acho que a nossa parceria está indo bem. Estamos fazendo com todas as dificuldades de tempo, e nesses últimos dois anos acabamos parados com as visitas a FEU. Acho que ela serve como esse laboratório: em que você faz o ensino, faz a pesquisa, transfere o conhecimento, faz a extensão.

E principalmente o que a gente falou, que vai depender um pouco da burocracia da Unesp, é trazer a população para dentro desse ambiente. Ou na forma desses produtores que vêm captar novos conhecimentos. Ou da população geral, que irá entrar naquele ambiente e sairá diferente de quando entrou. No mínimo, ela conheceu um pedaço do município que ela não conhecia. A FEU faz pesquisa, faz extensão. Desenvolve atividades de ensino. Pouca gente sabe disso.

Igor: E quanto as instalações, de infraestrutura da FEU? Acredita que precisa de melhorias? De investimento?

Marcelo: Esse é um ponto que acabou nos pegando. Não é um problema só local. Desde quando eu trabalhava na Unesp, passamos por uma série de restrições orçamentárias, né? Pois a Unesp tem seu orçamento vinculado a uma parcela do ICMS. Quando a economia vai bem, essa parcela é boa. Quando a economia vai mal, essa parcela diminui. Hoje, eu sei que há um déficit enorme de professores na Unesp.

Então, acho que não é um problema só de prédio, instalações ou equipamentos. A Unesp tem uma vantagem também em ser uma universidade que capta muito recurso através de projetos via FAPESP, CAPES, CNPq, etc. Mas acho que deveria ter um apoio maior para mantermos essa estrutura.

Acredito que na FEU não é diferente. É uma questão de opção política. As administrações deram preferência em fazer a manutenção dos campi. Os prédios das escolas, onde está o grosso dos alunos e dos pesquisadores deve que ser mantido em detrimento de outras instalações. E houve uma demanda de pessoal aqui que não foi repostado, então a FEU está com muitos poucos funcionários. Alguns desses moravam com suas famílias na Fazenda. Então, havia uma certa preservação das casas, das residências, dos ambientes de trabalho e de ensino. Que foi sendo meio que deixado um pouco de lado, né?

Sendo objetivo: tem que se fazer uma boa recuperação. Uma das possibilidades nesse projeto que somos parceiros é ter a introdução não só da Unesp e da prefeitura municipal de São Manuel, mas de um parceiro externo da iniciativa privada que fosse ligada a essas questões e que pudesse investir alguma coisa. Ele não tratará do ensino e nem da parte administrativa da prefeitura, mas é um parceiro que, de repente, quer participar de um núcleo ambiental. Construir sala de aula, expandir as construções, reformar, equipar. Estamos costurando esse tripé.

Temos alguns empresários que fazem porque acreditam na causa, outros fazem ou querem fazer por dor na consciência. Já degradaram muito a natureza e agora querem se redimir. Para mim, não tem problema: se quiserem ajudar, será de bom grado. Quem sabe não convertamos o pensamento dele em algo mais adequado.

Penso e tenho observado algum movimento nessa direção. Alguns empresários com os quais falamos estão sendo bem receptivos. Eles não sabem fazer o que fazemos, mas podem ajudar. Nesse ponto, temos uma brecha, um caminho interessante. Vejo nesses parceiros um potencial para recuperarmos as instalações e adequá-las ao que precisamos. E não precisamos de muito luxo, né? Queremos mostrar a FEU. E acho que vai chegar o dia que vamos levar essa molecada lá e eles vão, na hora do almoço, terá uma verdura colhida lá, um franguinho criado lá. Uma coisa que fizemos nesse ambiente.

Acho que a FEU tem potencial. Gostaria que isso fosse formalizado, já conversamos com outras pessoas também. Para que não ficasse um projeto enquanto estou aqui, trabalhando na prefeitura. Queria deixar uma coisa costurada junto com a Unesp que independesse de quem é o diretor da faculdade ou quem é o prefeito daqui.

Essa parceria fica, outro político entra, não tem problema. É criar um projeto para algo contínuo. Se conseguirmos deixar isso, já é uma boa coisa que foi feita.

Textualização 2: Thiago

Igor: Bom, para registro, essa é a entrevista de número 4 do meu projeto de mestrado, que recebe o título de “Perspectivas para a Educação Ambiental (EA) na Fazenda Experimental da Unesp (FEU) em São Manuel: Estudo das narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos”. Hoje conversarei com o Rocha, funcionário diretamente da FEU.

Thiago, para começarmos nossa conversa, eu gostaria que você se apresentasse. Quem é você? De onde você vem? Quantos anos, e qual o seu trabalho atualmente?

Thiago: Meu nome é Thiago, mas o pessoal da Fazenda me conhece pelo meu sobrenome. Eu sou daqui de São Manuel mesmo. Eu nasci no hospital da Unesp de Botucatu, mas morei a vida inteira em São Manuel. Tenho quarenta anos e hoje sou supervisor do setor de apoio ao ensino, pesquisa e extensão, que é o setor responsável pela administração da FEU.

Igor: E quando você chegou na Fazenda, Thiago? Como surgiu essa oportunidade?

Thiago: Eu sou técnico em agropecuária e sou técnico florestal. Quando terminei o técnico florestal, também estava fazendo um treinamento técnico pela Fapesp, em Botucatu, na horticultura. Nessa época surgiu a oportunidade de fazer o concurso. Fiz o concurso, passei e fiquei classificado. E aí, foram chamando os candidatos. Depois de quatro anos, prestes a caducar, me chamaram. O concurso foi mais ou menos em 2003, e em 2007 eu entrei na FEU. Vão fazer quinze anos que estou na Fazenda. Aí, eu fiz o concurso naquela época e acabaram me chamando. Foi assim que entrei.

Igor: Que bacana! Então já é uma longa história aí na FEU...

Thiago: É, aqui em São Manuel já são quinze anos, e eu tinha ficado dois anos com o professor Lin Chau Ming em Botucatu, no departamento de horticultura.

Igor: Eu gostaria de perguntar especificamente sobre a sua relação com a cidade de São Manuel. Como se deu essa sua relação e o que você conhece sobre a cidade, sua história com ela?

Thiago: Aqui em São Manuel eu conheço tudo, né? Nasci aqui, estudei aqui e a cidade é pequena, a gente conhece todo mundo basicamente. Desde a época da escola, até os esportes que sempre praticamos, jogos regionais, essas competições que íamos

pela prefeitura de São Manuel. Então, é uma cidade legal. Nós que somos daqui somos suspeitos para falar. Mas é uma cidade bem amistosa, bem receptiva.

Igor: Eu cheguei a ouvir alguém comentando que você participa de reuniões com a população, coisas assim. Você também é convidado para esse tipo de coisa, para dialogar com a comunidade de São Manuel?

Thiago: Na verdade, eu como supervisor da FEU, também sou membro do Conselho de Desenvolvimento Rural de São Manuel (CDR) e do Conselho de Desenvolvimento de Meio Ambiente de São Manuel, o CONDEMA. São compostos de diferentes membros e eu represento uma parte do poder público. Então tenho contato com esses membros, não com a população em geral diretamente. Estamos juntos decidindo os caminhos, né? Ou pelo menos indicando os caminhos que a prefeitura deve tomar.

Igor: É bom ver que há um representante da FEU nessas reuniões e nessas tomadas de decisão, né? Para essa conexão. Bacana, Thiago!

Eu gostaria, então, que você falasse um pouquinho mais da sua relação com a FEU. Você citou mais de quinze anos, né? Então a minha pergunta seria se você conhece a FEU, e você conhece muito bem. Mas eu gostaria que você falasse um pouco mais da sua relação com ela. Mudou bastante coisa desde que você está por aí? Como você percebe essa questão?

Thiago: A gente é uma família aqui, na verdade. Eu cheguei aqui há quinze anos atrás, nós éramos em vinte e cinco funcionários. Agora estamos passando por um momento de dificuldade, de rearticulação na faculdade inteira. Muita gente se aposentou e não conseguimos repor esses funcionários da forma que precisava. Então, hoje estamos trabalhando em seis funcionários e alguns colaboradores, que são de projetos que os professores contratam para nos ajudar. Está sendo bem complicado assim, mas mesmo com tudo isso estamos fazendo as mesmas coisas que a gente fazia e, se bobear, até com um maior número de pesquisas implantadas.

A relação é ótima, quinze anos de dedicação. Há três anos como supervisor da FEU. O espírito da Fazenda sempre foi assim, muita união dos funcionários. O que é fantástico.

Igor: E antes de você passar por esse concurso, antes de você chegar à Fazenda. Você já tinha contato com ela de alguma forma?

Thiago: Eu já conhecia a Fazenda porque a filha do Nilton, que era supervisor da Fazenda, estudava comigo. Estudamos juntos desde pequenos. André Pascotto, que também era filho de um servidor que trabalhou mais de quarenta anos aqui. Esse servidor, inclusive, nasceu aqui na FEU antes dela pertencer a Unesp e ficou por aqui até aposentar.

Eu conhecia eles e vinha muito andar a cavalo aqui dentro junto com esses amigos. Então, eu passava de vez em quando por aqui. Via as coisas, não tinha um contato maior, mas estava dentro da Fazenda de vez em quando.

Igor: Que bacana! E aí eu queria ver com você, baseado na sua experiência, se eu te perguntasse sobre Educação Ambiental (EA), como você a definiria? Dentro das suas vivências e experiências. Ela está sempre aí com vocês, de alguma forma?

Thiago: Eu acho que a EA seria a consciência do indivíduo, né? Um exemplo simples: desde casa você já vai recebendo ela. Não jogar papel na rua, não estragar a natureza. Então já começa com os nossos próprios filhos ao falarmos para não jogar papel na rua. Por que não jogar o papel? Porque vai entupir o bueiro. Nesse momento que começa a ter a formação do indivíduo para saber como utilizar os recursos naturais de forma consciente, né? E ir preservando a natureza. Seria mais ou menos isso.

Como estamos em uma faculdade de agronomia, que também tem o pessoal da engenharia florestal, meio que todo mundo está ambientado com isso. Nós temos nas nossas atividades de rotina. Na aplicação de defensivos agrícolas, a forma correta de se fazer para não prejudicar o meio ambiente. Aqui é tudo muito preservado: nossos mananciais e nossas áreas de proteção permanente (APP). Temos bem essa consciência. Então, posso falar que em quase tudo que a gente faz aqui tem essa consciência ambiental.

Na estufa, quando vamos desmontar a estufa e remover o plástico, colocamos para reciclar. Fazer as coisas certas. Nós acumulamos, levamos para a CAPEL que faz o destino correto dos lixos recicláveis da FEU. As embalagens dos agrotóxicos também são descartadas corretamente com os órgãos responsáveis por fazer a reciclagem desse tipo de material. Aqui tudo é feito de uma forma correta, com consciência ambiental meio que em tudo, assim.

Igor: Tem área de proteção ambiental aí na FEU, então?

Thiago: Sim, é porque as margens dos rios e nascentes são áreas de preservação permanente, né?

Igor: Se fosse para falar um pouco sobre o que há na extensão da Fazenda, como você definiria? Temos as áreas de proteção permanente e o que mais tem por aí? Eu digo de plantio. Eu acho que já vi uma plantação de eucalipto. Tem também, não tem?

Thiago: É, tem. Não vou saber falar em medidas, me deixa olhar aqui no quadro que eu devo ter marcado.

Mais ou menos assim, posso estar errado porque é um levantamento por cima. Temos oitenta e dois hectares de áreas de preservação permanente ou definidas para ficarem com mata nativa. Aí, a gente tem três hectares de Pinus, dezesseis hectares de eucalipto. Também temos as áreas de pesquisa, né? Mais uns quarenta hectares.

É que a FEU é dividida em duas partes: a primeira parte é da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia (FMVZ), que tem melhoramento genético de gado nelore. E a outra parte é da Faculdade de Ciências Agrônômicas (FCA), setor de ensino, pesquisa e extensão. Então, basicamente, a gente trabalha com as pesquisas de alunos de mestrado, doutorado e alguns alunos de graduação que fazem iniciação científica na FEU.

Nesse ano nós estamos com, por volta, quarenta pesquisas. Algumas que já terminaram, outras que são de longa duração, mas basicamente estamos com essas quarenta pesquisas instaladas em São Manuel hoje. Aí é com as mais variadas coisas: beterraba, alface, mostarda, salsinha, cebolinha, pepino, mamona, mandioca, manga, uva, macadâmia, lúcia, goiaba. São inúmeras. Posso ter esquecido de alguém, mas são muitas pesquisas.

Igor: Puxa, bastante pesquisa mesmo!

Thiago: E com mais determinados fins: tipos de poda, época de poda, tipo de adubação, adubação fosfatada, experimentos de pós-colheita, inúmeras. Espaçamento. E aí varia, é muito grande a variedade de pesquisas.

Igor: É bonito de ver isso, né? A FEU servindo para tantos projetos assim.

Então, sua relação com a Fazenda quando você andava a cavalo nela, antes da Fazenda ser da Unesp, você era jovem? Adolescente ou criança?

Thiago: É, na verdade, a FEU já é da Unesp há quarenta anos. Antes de eu ter noção de que ela era uma fazenda de pesquisa, eu sabia que era a “fazenda agronomia”, era conhecida por esse nome. Andava de cavalo por ela, tinha de 10 a 12 anos, mais ou menos. Até os dezesseis ou dezoito, mais ou menos. Não era todo final de semana, mas de vez em quando dava uma passadinha por dentro. Passava por cima da represa, via alguma coisa plantada na entrada. Não entrava dentro da propriedade como um todo, mas passava por dentro dela e estava sempre por aqui.

Igor: E tinha contato com a natureza, né? Principalmente. Então, com base na sua experiência, como você acha que as crianças e os jovens de hoje percebem e vivenciam a natureza? E como poderíamos fazer essa vivência significativa para eles? Ou você acredita que é significativa? Ou não, que os jovens não têm tanto esse contato com a natureza.

Thiago: Como posso falar? Assim, acho que tem um momento que vai ter um “*start*” em cada um. Como se deu a mim? Como falei: eu tinha um cavalo. Andava a cavalo e isso me puxou para esse lado. Aí, eu escolhi fazer colégio agrícola porque gostava de cavalo. Fiz o colégio agrícola, fiz o técnico agropecuário e depois o técnico em florestal. Cada passo que você dá, cada degrau, você vai sentindo mais a importância disso.

Então, como eu falei: com os meus filhos, desde pequenos eles estão juntos comigo. Eles vêm na FEU, me veem molhando as plantas, eles veem o lago e os peixes que a gente pesca. Eles veem como funciona e eu tento sempre despertar neles a importância de preservar para continuarmos tendo isso. Mas as dificuldades são maiores, pois com os meios eletrônicos eles estão mais focados no celular do que propriamente em estar na natureza com a mão na massa.

Mas eu acho que com o passar do tempo e com o amadurecimento, vai ter um momento na vida que vai dar o “*start*” deles sentirem a importância por si só e não mais com a gente estimulando só, entendeu? Acho que vem pelos mais variados meios possíveis. Para cada um é um “*start*”. Na hora que dá aquele “*start*” a pessoa fala que é aquilo que ela gosta.

Meu filho adora passarinho. Canarinho. Nossa! Ele invocou com o canarinho. E aí demos uma calopsita para ele. Então, dentro de casa tem calopsita, tem coelho, tem cachorro. Já tem um contato com o animal e vai remetendo à natureza em tudo. Qual o meio em que ele vive, como seria o natural, despertando a curiosidade. Mas hoje, o celular em si e os meios sociais de comunicação puxam muito mais eles para ficarem

dentro de casa vendo tudo pelo celular, do que propriamente ir para a natureza fazer uma experimentação.

Igor: É interessante isso que você falou, porque eu entrevistei outras pessoas antes e algumas dizem que é muito difícil “recuperar” um adolescente ou um adulto que não teve contato com a natureza na infância. Mas você está me dizendo algo que me fez refletir aqui também. Porque cada um está no seu tempo, né? E terá o seu “start” para isso.

Para você não há distinção, então? Ao longo da vida, em qualquer etapa dela, tendo esse “start” a pessoa terá esse contato e valorizará essa relação.

Thiago: O meu sogro era caçador. Gostava de caçar, comia tatu, vivia no meio da roça. Um dia, ele pegou uma “tatuzinha” e foi matar ela para comer. Na hora que ele bateu na cabeça dela, abortou oito filhotinhos. Depois daquele dia ele nunca mais caçou nada. Então, foi o que despertou para ele isso, entendeu? A preservação. Hoje ele até tem vários pés de frutos, faz um monte de coisa, mas não pensa mais nesse tipo de coisa (caça).

Caçar passarinho quando era menino; para um monte de gente era natural, até mesmo na minha época, com estilingue. Era normal matar rolinha, matar pardal. Hoje em dia já é um absurdo, e as crianças têm muito mais consciência do que eu tinha na minha época sobre isso. Os meios de comunicação, embora atrapalhem em uma parte ajudam em outra, que é difundir a informação.

Então, acho que nunca é tarde. A pessoa vai ver e vai refletindo nela, está sempre aprendendo. É um desenvolvimento contínuo. Terá gente que não vai aprender nunca, que vai valorizar mais o dinheiro, capital, tudo o que puder. Mas terá gente que sentirá o impacto disso e irá despertar um momento. Não tenho dúvidas, não.

Igor: Dando continuidade, eu queria que você me falasse um pouco do que entende ou o que sabe sobre educação não formal. Você passou pelo ensino técnico, que podemos colocar como educação formal. Mas, e o outro lado? O que você teria para me dizer sobre isso?

Thiago: Como eu fiz o técnico em agropecuária e o técnico em florestal, a gente tinha muitas aulas práticas. Embora as aulas práticas fossem fora da sala de aula. Mas ainda era avaliado o que foi aprendido na sala de aula. Era tudo mensurado. Havia uma disciplina e nós éramos avaliados nela.

Acho que as duas se complementam, né? Nem só uma ou só outra. Nada como você ver na prática. Porque assim: a pessoa vê matemática, vê tudo, mas não sabe onde utilizará aquilo. Quando ela consegue ver aquilo diretamente na prática sendo aplicada é muito melhor, sabe? Tem a serventia. Como posso falar? É perfeito assim, pois ela já está vendo o que vai utilizar, ela dará muito mais importância, compreendendo de uma forma mais fácil. Mas para isso é necessária uma base antes, porque se chegar lá e quiser explicar coisas avançadas, se ela não tiver uma base formal antes para chegar lá, não flui também. Acho que seria mais ou menos isso.

Igor: Dentro dos seus estudos e da sua experiência, você passou por lugares que não eram propriamente a sala de aula, correto?

Thiago: Sim.

Igor: Nós podemos chamar esses lugares de não formais. Então, um espaço fora da sala de aula pode ser considerado não formal. O que você teria para me dizer sobre esse tipo de lugar? Considerando a FEU também como um espaço não formal, por não ser propriamente dita uma universidade. É um espaço que tem relação com a universidade, mas é um espaço diferente. Qual é a sua experiência com esses espaços?

Thiago: A experiência que tive foi muito boa, sabe? Com o ensino não formal, especificamente. Você está ali, no meio da natureza. É uma sala de aula ao céu aberto, você está vendo tudo acontecendo ali. Então, aqui na FEU o potencial é gigantesco, porque tudo que a gente está fazendo já é alguma coisa. Tudo o que a gente aprendeu, tudo o que a gente pegou da sala de aula é o que estamos botando em prática a todo momento. Desde uma irrigação, desde uma colheita, desde uma pulverização. É tudo a prática em si, o que estamos aplicando. Acho que é fantástico.

Igor: Perfeito. A gente está falando das qualidades, né? Das potencialidades desses espaços. Mas você acredita que existem dificuldades em se trabalhar EA em espaços não formais? Quais seriam as dificuldades para você?

Thiago: Tudo tem vantagens e desvantagens. Eu acho que assim, logística, né? A principal parte dessas áreas é a logística que é para se organizar. Na sala de aula você traz um conteúdo, põe na lousa, e ele está lá. Em um espaço não formal como aqui, qualquer coisa que eu vá fazer devo ter uma preparação antes, além de ter que deslocar, trazer, banheiros, distâncias. Seriam essas dificuldades logísticas as principais, ao meu ver.

Igor: Você tem experiência com crianças? Já receberam esse público aí, na FEU?

Thiago: Já. Antes nós recebíamos visitas das escolas municipais próximas, que vinham fazer piquenique e a gente fazia algumas dinâmicas.

Igor: Você acha que eles ficam muito dispersos na FEU? Ou acha que não, que assim eles ficam mais atentos ainda nesse espaço?

Thiago: Depende muito da idade. O grau de concentração varia, né? Você pega crianças que dispersam com qualquer coisa e estão mais interessadas em brincar com o lanchinho do que aprender propriamente sobre o clima dentro de uma estufa. Se você pegar os mais velhos, eles terão mais foco nisso. O conteúdo tem que ser de acordo com cada grupo. Se for algo para criança, que seja uma atividade curtinha; para o adolescente, uma coisa mais elaborada. Na verdade, o que vai determinar é o conteúdo ser o certo para o grupo que está vindo.

A dispersão acontece na sala de aula com qualquer coisa, como vai acontecer no campo, mas é diferente. Por exemplo: no campo eu vi um tatu. Ele dispersou porque viu um tatu? Então, é um outro aprendizado que você irá trazer para ele também, entendeu? É legal.

Igor: Sim, sim. A minha próxima pergunta para você era sobre os projetos que já circularam na FEU, mas você já acabou falando alguns minutos atrás sobre os projetos, as finalidades deles, então pularemos essa pergunta. A não ser que você queira falar de mais alguma coisa sobre isso. Algum projeto que está fresco na memória.

Thiago: Basicamente é o que estava falando. Nós somos do setor de apoio ao ensino, pesquisa e extensão. O principal são as pesquisas de graduação, mestrado e doutorado. Então, a gente viabiliza essas pesquisas. É tudo um sistema de requisições, eles cadastram as pesquisas e fazem as requisições, aí a gente faz o serviço para eles. Eles vêm para fazer as atividades, vêm para fazer tudo junto. Eles avaliam os experimentos, mas nós damos os meios de condução dos experimentos.

Temos dias de campo e de outras atividades, além de outros produtores que nos procuram para tirar algumas dúvidas, algumas coisas nesse sentido. Na FEU, projeto é o que a gente executa o tempo inteiro. São os projetos de pesquisa. Seria mais ou menos isso.

Igor: E são alunos da FCA, né? Dos projetos?

Thiago: Temos alunos da FCA, do Instituto de Biociências (IBB), da florestal. De vários cursos e até de outras unidades. A maior parte é da FCA, mas temos alunos de outros lugares também.

Igor: E são projetos de pesquisa, como você falou. Já foi desenvolvido algum projeto de extensão ou de ensino na FEU?

Thiago: De extensão eu acredito que seriam os dias de campo, né? Dias que são organizados para recebermos várias pessoas de fora. E agora temos o projeto que são desenvolvidos por vocês, que é o Clube da Mata.

O horto municipal também, que está em vias de ser instalado, acaba sendo um projeto de extensão. Que eu me lembre agora, seriam esses. Mas a extensão também acontece quando o produtor vem buscar alguma informação, a gente encaminha ele para um professor, com um certo tipo de doença, como proceder. Uma dúvida sobre o espaçamento que ele está usando, qual o equipamento. Troca de informação com os produtores que vêm até a FEU.

Igor: E isso acontece com frequência? Os produtores virem até vocês para tirarem algumas dúvidas?

Thiago: Hoje, menos. Com os meios de tecnologia, o cara acaba procurando muito mais na internet do que propriamente vindo até à faculdade. Hoje, com o celular você filma com o Google Lens, você consegue saber até a doença que a planta tem. Aí você já consegue procurar melhor. Então, tem ficado menor a procura de produtores. E eu acho que até, já comentei com algumas pessoas, nós deveríamos dar um passo à frente. Porque hoje os meios digitais é o que está sendo utilizado. Acho que devíamos ter um canal da FEU no Youtube, mostrando as mais diversas finalidades para chegarmos também pelas plataformas digitais com a extensão. Acho que seria a forma mais efetiva de chegar a extensão para o público externo. Os vídeos são os mais procurados. “Como regular a plantadeira?” e fazemos um vídeo. No canal da Fazenda tem como regular a plantadeira tal, como regular o pulverizador tal. E até como encabar uma enxada. E aí você pega o servidor aqui que é apto para isso, qual a forma correta? Ele irá demonstrar. Então, além de valorizar o servidor por ele mostrar um conhecimento dele, valoriza a instituição e chega o conhecimento para as mais diversas finalidades.

Igor: E os mais diversos públicos também, né? Nem só aqueles que estão procurando, mas também outras pessoas que as vezes estão por ali e adquirem aquele conhecimento.

Thiago: É, por exemplo: poda da uva. Como faz? Vamos mostrar a poda da uva, desde a formação até a poda de produção. Explicando em aulas no formato de vídeos curtos, de uma forma que fosse chamativa assim mesmo, né? Que chegasse. Que a pessoa tivesse interesse em assistir o primeiro, o segundo, o terceiro. Que não ficasse maçante e que fosse acessível. É o que falta para a gente conseguir a extensão de uma forma melhor, porque o desenvolvimento está trazendo isso. Está trazendo tecnologia.

Igor: Perfeito. Eu concordo muito com você. Aliás, nos nossos projetos também sempre buscamos esse caminho digital, né? Por formato de vídeo, publicação. É importante para atingir outras pessoas. Acredito que você está coberto de razão.

Eu gostaria de fazer uma pergunta para você agora no sentido de qual é a sua opinião, né? Qual a viabilidade para se formar, seja para alunos ou seja formação continuada de professores, em um espaço que recebe iniciativas de EA dentro da FEU?

Então, deixe eu me explicar melhor: suponhamos que se forme um Centro de EA no território da Fazenda. Como você vê a viabilidade para receber esse tipo de formação? Você acredita que a FEU tem infraestrutura necessária para isso? Ela tem funcionários, ela tem meios de receber uma iniciativa dessa? Ou continuar recebendo iniciativas como o Clube da Mata?

Thiago: Eu acredito que a viabilidade é total. Tudo vai precisar de adaptações, né? A gente tem poucos servidores, então seria difícil se pensássemos nisso através dos nossos servidores. Mas da forma como isso está sendo conduzido, que são pessoas que vêm junto e agregam para fazer isso usando a estrutura da Fazenda, está sendo perfeito. Eu acho que tem tudo para melhorar. A função da faculdade é pesquisa, ensino e extensão. Principalmente do nosso setor, que o nome dele já é esse: setor de apoio ao ensino, pesquisa e extensão. Não há forma melhor de exercer isso se não com esses projetos implantados aqui. Então, da forma que eles estão sendo conduzidos hoje, está perfeito e tem grande potencial para aumentar.

É uma Fazenda que é bem preservada, fica à um quilômetro da cidade, um quilômetro do asfalto. Bem localizada, dentro da faculdade, que pode propiciar isso. Que tem todos os meios possíveis. Eu acho que é fantástico. Não tem o que falar sobre isso.

Igor: Aproveitando esse gancho, como você interpreta mais um pouco desse potencial e, principalmente, da importância da FEU. Seja para a comunidade, seja como um espaço não formal. Na sua perspectiva, qual é o potencial real e essa importância da FEU?

Thiago: A importância da Fazenda para a população? A população não tem essa noção, dessa importância. Porque muito do que é feito aqui não é divulgado. Eu estou falando para você, e você não sabia que aqui haviam quarenta projetos instalados hoje. Como a população também não sabe. Então, a FEU sempre foi usada na política assim: “Vamos fazer o distrito industrial na área do pasto da Fazenda”. Para a população, eles têm a Unesp, e a Unesp é muito valorizada pela população, principalmente por causa do hospital em Botucatu. Eles sabem que a referência em medicina é Botucatu. Em tudo eles procuram a Unesp, e ela é valorizada. Mas com relação a FEU em si, é como se São Manuel não tivesse a Unesp. A Unesp em São Manuel é a Fazenda, e na FEU eles não veem nada. Eles não sabem desse potencial. E esses projetos viabilizados aqui têm mudado isso, porque tem passado essa perspectiva para quarenta guias de uma vez, quarenta da outra, mais as professoras e os alunos que vêm visitar. Do que tem aqui. Então, isso está sendo fantástico. O potencial é enorme e os ganhos também. Acho que está sendo muito bom.

Igor: Bacana. E agora, se a gente pensasse no futuro, né? Uma perspectiva para o futuro em relação à FEU. Como você definiria a FEU nessa perspectiva de futuro e o que você enxerga para ela? Seja em pesquisa, ensino ou extensão.

Só para completar, você já me falou que precisa de algumas adequações. Se você pudesse falar um pouco mais sobre elas e, dentro dessa perspectiva, o que você enxerga para o futuro? O desenvolvimento desse pilar de ensino, pesquisa e extensão.

Thiago: Nós temos alguns gargalos, né? Pouco funcionário, falta de vigia que hoje é o grande problema da FEU. Nós produzimos de dia, mas de noite vêm pessoas que são dependentes químicos, que invadem, que furtam. Então, os grandes problemas hoje giram em torno do investimento em mão-de-obra, né? Mesmo com essas dificuldades a Fazenda tem conseguido viabilizar muitos projetos, até com a mesma quantidade de quando tínhamos vinte e cinco pessoas. Na parte de pesquisa, que sempre foi a principal, continua sendo muito eficiente nisso.

Nós temos água em abundância para viabilizar a irrigação das pesquisas. São todas pesquisas agrícolas e precisam de irrigação. Nós temos água e sistema de irrigação em grande parte da FEU, que viabiliza essas pesquisas. E eu acho que isso está tranquilo.

Temos o problema dos furtos e da falta de vigilância.

Dos outros projetos que agreguem, que nem a prefeitura, que iria trazer os funcionários dela para gerenciar a escola de meio ambiente, tudo o que vai agregando

e não é só da Unesp, né? São coisas que vêm agregando junto com os projetos. Vem somando forças. E no que eu tinha falado: para melhorar esse potencial de extensão, além desses projetos, seria isso mesmo de ter um canal no Youtube ou alguma difusão de informação para os meios de comunicação. Teria que ter esse “start”, esse pulo aí, sabe? De entrar nas mídias sociais, é foco hoje e no que nós estamos deficientes, então teríamos que melhorar.

Mas, assim, os projetos de extensão que estão sendo montados aqui e que estão começando a caminhar tem ajudado bastante. As outras partes de pesquisa e ensino da faculdade propriamente dita, como FCA, acho que deveriam ter essas mídias sociais atuando também. Acho que seria isso o caminho do futuro da FEU.

As pesquisas já vêm caminhando e têm a tendência de continuar dessa forma, e a gente sempre estruturando de uma forma melhor, evoluindo e tal. Mais equipamentos e mais coisas que já é o que a faculdade tem. Aí, na parte de apoio ao ensino nós recebemos os alunos que são da agronomia e já temos as estruturas para eles aprenderem. Na parte de extensão é que nós poderíamos melhorar um pouquinho, eu acho. Que seria uma das opções.

Pode complementar o que você ia dizer sobre a infraestrutura.

Igor: É, eu dizia sobre a infraestrutura física mesmo. Você acha que, por exemplo: vocês têm a sede administrativa, o refeitório. Mas você acha que precisaria de mais prédios ou mais casas? Novas construções dentro da FEU para que caminhasse para esse direcionamento que você está me falando? Ou você acredita que com a infraestrutura que tem, está perfeito?

Thiago: Da forma que está sendo hoje? Tranquilo. Na verdade, como estamos em seis pessoas, nós estamos subutilizando as instalações. Então, você pega uma parte de uma instalação que não está sendo utilizada e utiliza para isso (Centro de EA), trazendo pessoas de fora que irão gerenciar isso aqui dentro ajudando e somando. É o ganho, né? Lógico que depende da proporção que isso tomar, não sabemos se futuramente será necessária uma nova instalação. As vezes cresce, a gente tem dimensão de uma coisa que é pequena hoje, mas ela pode crescer muito.

Eu acho que para o que está se prevendo para os próximos dois ou três anos está tranquilo. Eu não sei o que será mais para frente, o quanto isso vai ganhar de corpo, entendeu? Se terá necessidade. Mas hoje não vejo necessidade, não.

Textualização 3: Matheus

Igor: Para a questão de identificação, essa é a entrevista número dois do meu projeto de mestrado. Hoje, estou com um integrante do projeto Clube da Mata, realizado na Fazenda Experimental da Unesp (FEU) em São Manuel. Para a gente começar a nossa conversa, queria entender quem é você. Quantos anos você tem, e o que faz atualmente?

Matheus: Bom. Eu sou, atualmente, graduado. Engraçado como isso se torna o foco da fala, né? “Antes de ser humano, eu sou graduado!”. Sou uma pessoa muito focada nessa parte de EA, o que me trouxe para a área da Biologia. Antes de querer a graduação em Biologia, eu queria ser médico. Achava que a parte da Biologia era um fascínio e queria entender isso na prática, ajudando as pessoas. Ao longo dos meus estudos, fui entendendo que posso ajudar as pessoas de alguma forma também sendo biólogo e sendo professor. Tanto que, desde o princípio, fui o garoto do estágio. Desde o primeiro ano, para a educação. Para mim, ela tem um valor muito de esperança, principalmente na questão de trabalho social. Então, eu quis aprofundar dentro disso.

Atualmente estou formado em licenciatura, né? Cursando bacharelado na Unesp, em Biologia. Sou professor do município, trabalho com alunos de 1º ao 5º ano. Atendendo trezentos e seis alunos ao longo do período das 8h às 17h. Vivenciando como é dar aula em uma escola de periferia, entendendo como posso me encaixar nesse espaço, pertencendo também a essa comunidade de alguma forma.

Igor: Quantos anos você tem?

Matheus: Vinte e quatro!

Igor: Vinte e quatro anos, formado. Legal. Essa escola que você está dando aula é em uma periferia de Botucatu? Você mora em Botucatu?

Matheus: Eu moro e resido em Botucatu, tem mais ou menos uns seis anos. Digo que resido porque apesar de viajar constantemente ao longo desses anos, sempre fiquei mais do que seis meses por aqui. Então, já me considero botucatuense.

Essa escola é em uma região periférica, né? Um bairro novo, que existe há cinco anos. E por ele ser novo ele está afastado de tudo e de todos. Falo que é de periferia real, assim. Ele fica nos confins de Botucatu. Ele está longe, fica depois do Santa Maria. Fica perto do Sesi, Cohab 1. Então, está longe. É periferia. Tem uma rota de ônibus só, o ônibus passa em um horário precário. Enfim. É a primeira escola que tem naquele bairro e ela não tem, por exemplo, nenhum posto de saúde.

Faz cinco anos que o bairro está ali, o posto de saúde é do lado da escola, inclusive. Já fizeram essa jogada de marketing de ter dois polos ali, potentes. Tanto a escola quanto o posto de saúde. Faz cerca de sete meses que esse posto está em construção e ainda não terminou.

Igor: Bom, você está há um tempo aqui em Botucatu, e eu queria saber se você conhece a região. E, principalmente, o município de São Manuel. Você conhece? Qual sua experiência com ele?

Matheus: Eu não conhecia São Manuel até o meu segundo ano de graduação. Fiquei dois anos sem conhecer, conhecia mais a região de Botucatu e de Bauru. Acho que são polos grandes, e por isso são mais comentados. Por vir de fora, do interior de São Paulo na cidade de Orlândia, então tinha mais essa noção de Botucatu e de Bauru. Era onde eu tinha mais contato, e saía daqui para visitar Bauru, tinha amigos por lá.

Fui conhecer realmente a cidade de São Manuel por conta da faculdade, né? Fiz os projetos de extensão desde sempre. Aí, no ano de 2018, foi-me apresentado pelas minhas orientadoras na graduação a questão da cidade e o que ela tem como histórico, relacionado a parte de meio ambiente, com uma proposta de formar um projeto de extensão para aquela cidade com base em uma problemática de logística da cidade, de EA, trazer uma solução para essa problemática. Inicialmente, essa problemática era voltada para a questão histórica da cidade, principalmente. Onde as pessoas foram perdendo a identidade de procurar conhecer a história da cidade, que é uma história rural. Tem um histórico de produção de laranja e de café também. É um pouco do que entra na região que a gente entende por Cuesta também. Temos toda uma questão história por trás.

Conheci o que era a cidade de São Manuel, quais eram os costumes dali. Enfim, desde 2018 estou inserido naquele espaço por conta desse projeto inicial, que é o famoso 'Clube da Mata'. Ao longo desse período tive outras experiências e vivências dentro da cidade. Conhecendo mais a cidade em si, e o que ela tem a apresentar às pessoas em questões como alimentação, com os restaurantes e lanchonetes. Porque já estávamos ali e conhecíamos o pessoal de perto, e acabávamos sendo convidados para podermos aproveitar a cidade e conhece-la melhor. Fui conhecendo melhor as estruturas da cidade, as escolas que fazíamos parte com os projetos, que são escolas totalmente diferentes. Assim, tive nuances de como era a divisão regional da própria cidade. O tamanho dela, a quantidade de habitantes, qual era a importância de fato desse histórico de produção de laranja, o que isso representava para os habitantes.

Assim conheci realmente o que era São Manuel e como ela se organizava, tanto economicamente quanto socialmente.

Igor: Perfeito, perfeito. Bom, o 'Clube da Mata', o projeto que você mencionou. Ele faz parte de toda essa sua experiência, o início. Ele é um projeto que, em sua origem, é realizado na FEU em São Manuel. O seu contato com a FEU, com o espaço. Ele veio antes do Clube da Mata ou foi com ele que você conheceu a Fazenda? Qual é a sua experiência com ela?

Matheus: O meu contato veio estritamente relacionado com o Clube da Mata. Eu nunca ouvi um professor da minha graduação, até o meu segundo ano, citar a FEU. Vale ressaltar que temos duas unidades em Botucatu, da universidade. E por sermos do curso de Ciências Biológicas, temos aulas sempre focadas para a parte de uma unidade só, que é do IBB. Que fica no distrito de Rubião Jr. Então, temos todas as aulas ali. Ao longo da graduação temos duas aulas específicas na outra unidade, que é na FCA. Justamente para falar um pouco de engenharia ambiental, como ela tem relação com o nosso curso. E também para falar como era a questão de fermentação, né? Fabricação de cerveja. Como é a parte da biofermentação, com nosso estudo focado na parte de Microbiologia e Micologia.

Então, antes disso, eu não sabia nada. Não sabia nem que a entrada da FEU ficava na estrada. O que significava aquilo. Até porque é um muro bem apagado e escondido para representar uma entrada da fazenda da faculdade. Você passa por ali, se ninguém te fala que aquilo existe, fica despercebido. E até tem uma outra entrada dentro da cidade que também é super escondida, né? Não dá para descobrir que aquilo é uma fazenda da faculdade, que faz parte do município. Então, fui conhecer estritamente por causa do Clube da Mata.

Para a gente desenvolver o projeto tivemos que conhecer o espaço, conhecer a história da FEU, o papel das fazendas voltadas para a parte de pesquisa. A gente pensa que é uma só, mas não é, né? Existem outras espalhadas por aí. Foi assim que comecei a entender a relação histórica que tinha, e também a relação biológica que esse espaço tem. Porque as duas coisas sempre estão juntas, querendo ou não. Sempre vão ter um marco na vida das pessoas.

Tivemos muito contato com os funcionários, logo de imediato. E eles sempre falavam de como a FEU era antes, para explicar para a gente como que ela estava agora. É um resgate que eles já faziam para a gente. Um resgate histórico que eles faziam naturalmente, na fala. Através desse resgate já víamos uma importância além da importância da pesquisa ou de educação. Então, o meu contato foi se perpetuando

nessa área específica para depois eu aprofundar a parte biológica. Para explorar mais quais eram os recursos oferecidos, como era a estrutura da FEU.

Igor: Quero puxar um gancho agora sobre a sua atração pela EA, desde a época da graduação. Esse contato já começou desde cedo, e você se interessou muito pelo poder transformador que isso tem. Então, se eu pedisse para você definir o que acredita ser EA? O que é EA para você?

Matheus: Acho que não dá para resumir em poucas palavras. Para mim, não se trata só de um eixo norteador para uma questão de educador, que já é nossa. A minha ciência é muito voltada muito para o interior do estado, onde o contato com a natureza é muito mais presente do que para alguém que vive nas grandes regiões como a de São Paulo capital. Então, é muito comum para nós colocarmos o pé no chão desde cedo e ter esse contato com pé de manga, com cana-de-açúcar, com estrada. Para mim, hoje, a EA é uma forma e uma filosofia não só de vida, mas também uma filosofia de trabalho dentro de uma área da educação voltada para tentar buscar essa reconexão com a natureza, que a gente perdeu por conta da questão do capitalismo e até mesmo das questões de desigualdade do acesso à educação. E ela foi dando espaço para que não falássemos sobre isso, não estudássemos sobre isso, não entender que isso faz parte da nossa própria formação quanto pessoa.

Tanto que eu escutava antes da minha graduação, no ensino médio, que isso era um eixo transversal. E naquela época eu não entendia o que significava o que era eixo transversal, que era um assunto tão importante. Por que é um eixo transversal? O que é transversal? Por que está nessa condição, nessa caracterização? Sendo que, na realidade, é algo que deveria ser regularmente trabalhado ao longo do ano. Interferindo nas outras áreas de conhecimento porque também faz parte delas. Ter substrato para poder inserir a EA dentro da língua portuguesa, da física, da geografia. E entender que ela faz parte do todo e sempre fez parte do todo. Ela é um todo que está dentro das outras partes, vamos dizer assim.

Igor: Queria pegar esse gancho, de ter a sua mentalidade voltada para práticas no interior do estado. E, realmente, concordo com você. No interior do estado, as pessoas tendem a ser mais próximas da natureza. Ter essa experimentação e esse convívio, por mínimo que seja. Bem diferente de grandes metrópoles.

Olhando para as suas experiências de criança e adolescente, e as experiências de agora também na posição de professor, como você acha que esse público experimenta e vivencia a natureza de forma significativa?

Matheus: Show! Boa pergunta. Acho que assim, infelizmente, a gente tem uma questão muito importante, que é a tecnologia. A forma que a tecnologia vem sendo apresentada para essas crianças e adolescentes muitas vezes é de fazer o papel que a natureza fazia. Que é desligar a gente do mundo real e trazer a gente para um universo mágico, né? E esse universo mágico, ele vira agora jogos de ficção, outros sites que vão apresentar outras “fugas” da realidade, e não trazendo esse lado afetivo. Vejo que eles não têm o mesmo olhar simples para questões que são corriqueiras. Por exemplo: na escola em que trabalho, temos uma área verde. Uma área verde linda, que é uma vegetação mais rasteira. Temos as gramíneas como ponto forte, mas tenho também uma região em que árvores frutíferas estão nascendo agora. Porque a escola tem só um ano e meio de atuação. Então, alguém plantou ali. E a gente está iniciando na escola um espaço para fazer uma horta orgânica e trabalhar com a questão do jardim sensorial ali.

Aconteceu um caso muito curioso: apareceu um ninho de quero-quero na escola. “Espera, tem um ninho. Um ninho não fica só na árvore, professor? ”. Ali, na vegetação que eles já aprenderam. A primeira questão foi fácil, tem três quero-quero visitando nossa escola o tempo inteiro. E por que? Como é um ovo de um quero-quero? Como é a relação com essa descoberta?

Acho que essa descoberta está sendo perdida. Não temos profissionais capacitados, principalmente na faixa etária que eu dou aula, que é o ensino fundamental I. Eles têm a sua formação mais pedagógica, e não essa formação com base biológica ou científica, voltada para ter essas vivências. Eles ensinam o básico ali. Para mim, só o ovo estar ali já me fez pensar em um planejamento maravilhoso para abordar tanto a questão da ave quanto as demais aves da região. A importância daquela região para a questão de ecologia, né? O que é essa vegetação e por que está ali?

Esse fascínio está sendo perdido por conta da questão da tecnologia. Em contrapartida, também tenho uma geração que tem uma essência de ser muito mais autônoma. Saber explorar essa autonomia é importante quando falamos de EA. Quando vamos trazer isso para eles, também. Porque são crianças que já vêm com o polegar e o indicador muito desenvolvidos. Então, para eles, é fechar tela e abrir tela. Utilizar muito mais a mão, né? E nós podemos explorar muito isso com o plantio. Plantio de árvore, trabalhar com a arborização urbana, que pode ser algo muito mais específico para eles. Trazer essa parte de “por que é preciso ter árvores? Por que a arborização humana? O que é arborização? Como a arborização está inserida no meu cotidiano?”

E o engraçado é que nós fomos convidados para participar de um projeto que é latino-americano, desenvolvido pelo Rotary em sua terceira instância de aplicação, para plantar mil árvores em Botucatu. Nossa escola foi indicada para ser uma dessas escolas para trabalhar com esse plantio. Então, além de trabalhar o plantio de árvores, a EA vai trazer o contato com a comunidade dessa região. Estarei ali falando dessa questão social. Como podemos ter líderes ambientais dentro de um bairro? O que são líderes ambientais? O que essa palavra significa para eles, enquanto sociedade? Por que, então, que a EA está inserida para eles em uma ideia de benefício para a vida? Por que é importante frequentar a escola, sabendo que tenho esse espaço?

Porque a gente percebeu que o quero-quero apareceu agora. E aí, os alunos que estavam faltando no início da semana apareceram na quarta e na quinta para poder ver o quero-quero. Isso estimulou a presença física de um aluno dentro da escola. Então, como posso explorar isso para combater a evasão escolar e trazer essas questões? Por que não tornar isso regular e transversal?

E volto nesse assunto pois escuto muito isso dos professores: “ah, mas isso é tema transversal”; “não vou trabalhar com isso pois o professor de Ciências irá trabalhar”. As pessoas esquecem que a essência de educador ambiental não precisa ter formação específica. Se você tem um contato mínimo e significativo, já está estimulado a ser um educador ambiental; tendo formação para isso ou não. Está enraizado na sua base de experiências. O quanto isso te fortalece quanto indivíduo para que você faça a transformação social, com base nisso, na sua sociedade. Com base na sua formação, sendo pedagogo ou não.

Igor: Eu tenho a impressão, pela sua fala, que fazendo esse recorte das gerações que estão vindo, é importante para que as crianças e jovens experimentem e percebam de forma significativa a natureza. Que exista um “meio de campo” bom. O que eu quero dizer com isso? O intermédio, né? Entre a natureza e o aluno. E aí, o educador vem nesse meio. Pode ser o educador. Hoje é muito mais complexo, talvez. Porque precisa de um estímulo que geralmente está ali, né? Mas que precisa se voltar o olhar para aquilo e ele chamar a atenção.

Matheus: Exato. É, com certeza. Tem que ter isso, né? E atrelado a isso tenho a questão muito mais de gestão escolar, muitas vezes. Não é só a parte de gestão da sala de aula. Existem esses dois pontos. Como farei a gestão da minha sala de aula para fazer uma prática voltada para EA? Tendo ali trinta e cinco alunos, paredes de concreto que limitam a observação. Mas como vencer isso, estando dentro da escola? E também como vencer isso trazendo a importância de ter esse contato direto com a

natureza em lugares específicos, sendo que tenho uma gestão escolar que pode me barrar em alguns pontos? Como, por exemplo, o acesso a esse lugar. Como farei para disponibilizar profissionais que irão acompanhar os alunos nesse contato com essa região, e como faço para realmente tornar isso efetivo? Desde ligar para pedir o transporte, agendar o transporte, mandar todos os documentos essenciais para fazer a retirada desses alunos de um espaço formal para um espaço não formal. E também explicar aos pais e outros professores a importância disso.

Porque o que eu vejo hoje em dia é que ainda tem muitas pessoas que ainda caem em conceitos iniciais, de fazer esse contato direto com a natureza através dessas “saídas de campo”. Não é um passeio pedagógico. Tem sua essência de valor de alegria, de lazer, mas não é só isso. A questão não é esse lazer. Ele vem junto, mas não é só isso. Vejo que tem essas pequenas barreiras de gestão e de conceitos, que infelizmente inviabilizam que essa ação possa ser concreta. Porque para pedir um ônibus, tenho que fazer um documentário que demora um mês para ser validado. Então, em agosto preciso mandar os documentos, para que em outubro seja validado e para que eu possa fazer um planejamento, levando a galera no mês de novembro. Não é algo que eu ligo e falo “gente, semana que vem eu consigo agendar um ônibus para poder levar estudantes para a FEU ter uma experiência prática de ensino?” Não consegue. Porque há uma questão burocrática que infelizmente inviabiliza a sua ação direta. E isso interfere, também. Você está ali todo empenhado para fazer aquilo, pensou. Mas terá que esperar um mês para chegar a sua vez de ir lá. Sendo que é algo que podia ter muito mais facilidade de acesso.

Está perto, não demanda muito tempo, né? Cerca de trinta minutos, no máximo, você já está dentro da própria FEU. E a própria universidade carece dessa atenção. Temos onze cursos, mas desses onze a maioria não conhece a existência da FEU. A existência dela também não é estimulada por muitos docentes, para que esses alunos tenham esse contato. Ou seja, esse contato não é estimulado bem, pela própria universidade. A FEU em si, estimula. Ela tem um papel. Ela muitas vezes busca esse contato, mas esse contato deve vir na questão governamental também.

Infelizmente ou felizmente, devemos envolver a questão política nesse meio, para que eu consiga ter o acesso, o que é algo básico. É direito da população. Porque se falamos de universidade pública, também falamos de um espaço que devia ser público. Que pode e deve ter regras de visitação, como todo e qualquer lugar, mas que é público. Que tem que ter essa questão de acesso direto a essas pessoas. E se está

inserido entre São Manuel e Botucatu, então por que não explorar essa questão para eles também enquanto comunidade?

Igor: E chegamos em uma questão muito interessante, que é o espaço. Enxergo que a importância de um espaço não formal não é só para a Biologia, né? Mas para outras disciplinas também. A questão de retirar o aluno de dentro da sala de aula, que é o ambiente em que ele está todo dia durante horas, também pode ser um estímulo.

Mas, aproveitando essa questão dos espaços, gostaria que você falasse um pouquinho mais sobre os espaços não formais. Como você enxerga esses espaços, as potencialidades, e o que mais se sentir à vontade de falar sobre.

Matheus: Enxergo que os espaços não formais estão, de certa forma, para serem utilizados de melhor forma possível, pelos alunos e pelo próprio professor. Porque acredito que a formação continuada desse professor também está relacionada com essas práticas.

Focando agora no professor: sabemos que a formação deles, tanto biólogos voltados para licenciatura quanto para pedagogos ligados ao ensino fundamental I, eles não têm esse contato. E muitas vezes eles são esquecidos para ter esse contato. Então, como que ele poderá aplicar, desenvolver e se apropriar desse espaço sendo que esse espaço não foi apresentado para ele, previamente? Sendo que não deram a importância desse espaço para esses profissionais enquanto formação. Se não foi trabalhado na sua formação, ele não vai entender realmente qual é a importância de se estar inserido ali. Isso gera um descontentamento para aplicar uma ação concreta nesse espaço. Tem essa questão também. E tem a própria questão da limitação, né? Da classificação desse espaço.

Quando falo de ensino fundamental I, que são as séries iniciais, eles focam muito na parte lúdica e pecam na parte dos conceitos biológicos quando temos as ações. Porque eu coloco muito mais, por exemplo, aproveito o folclore para falar dessa questão de contato com a natureza mas esqueço que o lúdico também precisa ter uma base concreta. E isso entra nas falácias das representações biológicas. “A borboleta tem boquinha, olhos e conversa com a gente” até que ponto eu citar essa representação, desse jeito, é prejudicial para entender os conceitos biológicos? Para ele explorar isso. O que ele carrega previamente com base no que dou antes dessa experiência, que realmente interfere quando ele está ali? E não é só limitar à questão lúdica. Não estou falando que não precisa ter! Mas precisa ter na dosagem correta, para que a própria apropriação dos conceitos não seja perdida. Posso estimular a questão da história em si, da língua portuguesa para esses alunos com histórias ou contos, e apropriar disso

em um espaço não formal, depois. Posso contar a história do folclore, do saci, do curupira. Contar que foi uma história, né? E falar sobre a própria questão da mata. Por que eles estão inseridos ali? O que é cultura? Como posso trabalhá-la dentro dos espaços não formais de ensino? Por que tem relação? Tem relação direta!

Às vezes acho que os profissionais não se apegam a esse ponto mais amplo. Porque tem a questão cultural, tem a questão econômica e tem a questão social. Eles focam muito mais no “isso é uma planta”, e só isso. Não há questão por trás. E as vezes isso não foi estimulado lá atrás, então esse problema não é algo que tenhamos que lidar agora com esses professores. A gente acha que não, mas na realidade, é. Isso não está enraizado nas crianças, está enraizado nos profissionais que estão trabalhando com essas crianças, pois não tiveram essa experiência. Existem muitos profissionais da própria rede de ensino que vieram de centros comerciais, que não tiveram nenhum contato com a natureza e eles são “jogados” para ter esse primeiro contato. Esse primeiro contato não é proveitoso, não é prazeroso, ele desestimula a ação docente. Em contrapartida, um docente que não é entusiasmado com o que está aplicando, ele passa isso para o seu aluno também.

Costumo pensar em um exemplo muito claro que é: eu tenho um vaso na escola. Um vaso de flor. O vaso de flor é um material que pode ser utilizado para uma aula de Botânica. Mas, um professor pode olhar para o vaso e pensar que ele é apenas decorativo; ele não tem nenhum papel pedagógico por trás. Já quem tem a formação biológica vai falar “Nossa! Eu tenho semente ali, tenho terra”. Só para falar de “terra”, gastamos de três a quatro semanas. Para falar de germinação, gasto mais umas três semanas. Plantio eu posso trabalhar com plantas não só nessa questão de vegetação rasteira, mas o que é um arbusto? Uma arvoreta? O que é uma árvore? O que é uma árvore frutífera? O que é flor? De onde vem a flor, por que ela é importante? E aí eu puxo outro eixo: eu tenho a comercialização de flores no Brasil que é muito grande e que traz um poder econômico para o país. Existem polos que vão trabalhar só com isso.

O que é semente? Qual é a valorização histórica da semente? Eu pego, por exemplo, o milho. Eles só conhecem dois tipos de milho. E eu sei que existem mais de vinte tipos diferentes. Se eu tenho esses vários tipos, quem plantava esse milho lá atrás? Pego a questão dos povos originários. Eu trabalho a questão cultural com os povos originários, com os indígenas. E consigo traçar essa teia de ação com base em um vaso de flor que está ali. Porque eu tive formação e contato para trabalhar com isso. O pedagogo, não. Isso não é apresentado para ele. Então, se ele não tem esse despertar por algo que é simples (uma flor dentro de um vaso), ele não vai conseguir

dar a importância para esse aluno, de que esse contato com a natureza é importante. Que, por exemplo, ficar descalço na grama da escola é a coisa mais natural possível. Sujar o pé é a coisa mais natural possível. E tem água para lavar depois, caso ele queira colocar o sapato de novo.

Igor: Mas, ainda assim, como você cunharia esse termo: espaço não formal? Em uma definição rápida, como você definiria um espaço não formal?

Matheus: O espaço não formal de ensino é um espaço físico, né? Que apresenta elementos que podem ser utilizados para que se possa ter uma aprendizagem significativa dos alunos com base nas questões sociais, econômicas e históricas onde está inserido. Para mim, é fácil traçar essa visão. Ele é um espaço físico, mas traz elementos onde eu consiga, de certa forma, apropriar significativamente desses elementos e fazer essa transposição didática dos conceitos para o que vejo na prática, do meu cotidiano, que fazem parte da construção da essência cidadã desses alunos.

Igor: Perfeito. E quando a gente tem essas questões dos espaços não formais e da EA, ou seja, uma EA sendo realizada em um espaço não formal. Quais são as dificuldades que você enxerga nesse processo, de se fazer EA em espaços não formais?

Matheus: Eu acho que algumas dificuldades estão relacionadas ao próprio planejamento das atividades, né? Porque o próprio planejamento não é algo que é explorado muitas vezes, caímos naquele pré-conceito de “é natural e eu conheço, não precisa de planejamento”. Então, as vezes é algo jogado e não planejado. E, para ter planejamento, é preciso ter logística. Do espaço, da quantidade de alunos que serão inseridos no espaço. Porque teoricamente, quando trago esses alunos para esse espaço, também o estou modificando de alguma forma. Porque tenho essas pessoas que podem ter contato ou não, podem entender que esse espaço é natural. Eles não entendem a transformação que é a ação deles estarem ali. Muitas vezes, os próprios gestores desses projetos, que irão trabalhar com a questão dos espaços não formais, não se atentam a isso, e isso interfere na logística.

Não se terá a noção de, por exemplo: de quanto em quanto tempo posso fazer o manejo de uma trilha para que ela receba visita? E por que não documentar esse processo de manejo? Se ele é importante também para a aprendizagem desses alunos, que é algo que poucas pessoas pensam. “Vamos filmar esse processo de manejo, vamos transformar isso em um material didático para falarmos das transformações naturais que acontecem nesse espaço. E nas transformações que acontecem depois que percorremos essa trilha”. Pois deixamos pegadas ali. O que são essas pegadas,

nesses lugares? Qual a importância disso e o que estamos fazendo ali? Se em algum momento a gente deixa um lixo que seja, qual a interferência desse lixo? Qual é a interferência da poluição sonora para aquele ambiente?

Então, acho que tem barreiras na questão de gestão desse espaço, na questão de logística e também na própria questão de valorização desse espaço. Porque a gente cai também nesses pré-conceitos de que “é natureza”. Um recurso natural que não vai acabar, então tudo bem se a gente quiser aproveitar disso dez a quinze anos sem pensar na estrutura. Sem pensar em como essa floresta ou esse espaço, como ele está se apresentando. Sem pensar na questão histórica que está por trás dele.

As vezes esses valores não são apropriados significativamente, até pelas pessoas que trabalham ali. Porque a gente esquece que o óbvio também precisa ser dito. É óbvio, mas eu preciso explicar. É óbvia essa questão da logística? Para mim parece óbvio, para você pode não ser. Para uma escola menos ainda, para um gestor dos recursos financeiros da cidade principalmente. Ele não vai ter essa noção.

Igor: E principalmente a forma de se fazer ela, né? Mesmo que as vezes você saiba desse óbvio, muito diz a forma que você trata essas coisas que você está abordando. Eu posso muito bem dizer que minha logística está ok, mas chega na hora e se você planejou errado, sua logística não leva em consideração tudo que poderia levar. Tem muito a ver com a forma que se faz, como ela se realiza.

Matheus: Exato. E tem muito a ver também com essa questão da própria reflexão depois da sua ação. Se você não faz essa reflexão após a sua ação direta no espaço, você não vai conseguir avaliá-la criticamente. Se foi proveitosa, se foi prazerosa, produtiva. Produtiva tanto de tempo quanto de espaço, mas também na produção da própria felicidade que está agregada a esses pontos. Pela própria educação, a significância que isso traz. Pontuando em cima do que você falou, também tem essa questão, da própria reflexão dessa ação que é feita.

A gente acha: “Fez? Beleza! Replicamos, na próxima vez a gente faz igual” sem pensar se pode ter mudança ou não. Por conta do cotidiano replicamos isso um ano, dois anos seguidos, sem pensar que precisa ser reestruturado. As coisas são mutáveis, o tempo todo. E eu posso moldar essas práticas conforme o tempo atual, as condições prioritárias.

Até mesmo do clima, né? Se chover, o que vai acontecer? Se tiver muito quente, como será? Como posso explorar isso nas vertentes que a própria natureza traz para nós? Trazer essa dualidade das coisas sempre para essa ação.

Igor: Eu queria que a gente voltasse nosso olhar um pouco mais para a questão da FEU. Já falamos um pouquinho sobre ela, como você conheceu, sua relação com o município de São Manuel. Mas, a partir de estabelecido esse contato com a FEU, quais projetos realizados nela você conheceu?

Matheus: O Clube da Mata, primeiramente. Sei que tem ações específicas dos cursos de agronomia e ciências florestais ali dentro, com pesquisa. Mas não sei se essas ações eram mais voltadas justamente para a prática da pesquisa científica ou se elas tinham também uma vertente de educação. Isso não sei dizer, pois só conheci a parte científica.

A questão do herbário também, que é daquela região. Disso eu tinha ciência, porque quando trabalhamos com o jardim botânico, eles citam o herbário da FEU. Então, tínhamos uma realidade ali. São só esses, que tenho noção. Se houveram projetos desenvolvidos antes do Clube, não tenho ciência.

Porque se você for ver, a própria estrutura da FEU, ela tem uma sala de aula. E conversando com outros colegas, eles não citaram projetos educativos antes. Pelo menos para mim. Eles falam que têm as aulas de graduação. Não quer dizer que a própria graduação não seja um projeto educativo, mas ele é voltado para um nicho específico, que são os estudantes de graduação, que fizeram uma prova para estarem ali. Não é algo público, diretamente com a comunidade que não tem essa formação.

Igor: E nem sempre com as pessoas de São Manuel, né? Com a comunidade do entorno.

Matheus: Exato. Tem gente que está ali e nem conhece a história da FEU. Não conhece a essência que aquilo traz.

Igor: Dentre os projetos de pesquisa, você consegue me listar algum?

Matheus: Não sei te dizer ao certo quais eram. Mas, sei que a essência de um deles era para trabalhar a questão da monocultura. Como ela se estabelece na região e quais são as vertentes dela. Sei de outro, que é voltado para a prática de plantas alimentícias não convencionais (PANC). Fizeram um levantamento das PANC nativas da região. Não sei se já está finalizado ou em curso ainda.

E a própria questão voltada para a parte de animais silvestres; sei que houveram pesquisas prévias, mas não sei se foram aprofundadas. Sei que das aves tem, pois tem uma pesquisa da professora Silvinha que faz a listagem das aves e como elas estão ali

dentro do polo. A FEU teve uma função importante na coleta de dados para essa pesquisa.

Igor: Perfeito. Ainda na perspectiva da FEU, na sua opinião, qual é a viabilidade dela em receber projetos e iniciativas de EA? Olhando a estrutura física, o espaço em si, os profissionais que ali estão.

Matheus: Preciso classificar, ou não?

Igor: Se você enxerga a viabilidade de outros projetos de EA serem realizados. Se a FEU pode comportar, com estruturas suficientes para recebe-los. Qual é a viabilidade dela para você, nesse sentido?

Matheus: A FEU tem total viabilidade para receber essas propostas de projetos e para a realização destes. Mas, ela é precária em algumas estruturas específicas. Acho que toda a base foi voltada para a questão de pesquisa. Ainda falta um espaço de convivência, que obedeça às regras básicas da estrutura.

Posso trabalhar com permacultura e construir um espaço com base na permacultura, de convivência. Para ter uma roda de conversa, um ambiente onde eu possa ter um lazer específico ou só utilizar para descansar. Porque a gente sabe que dentro dessa formação, tem isso também. Não posso esquecer que tem a parte do lazer, né? Que está inserida nisso.

Até a própria estrutura da única sala de aula que tem lá. Ela carece de certas melhorias, porque é um espaço para atender até um número específico de pessoas. E do lado dela já vem um galpão onde são guardados todos os materiais utilizados nas pesquisas. Tanto os próprios tratores, como a cozinha, os banheiros. Todos do lado da sala de aula. Não se tem uma divisão que faça sentido em ser como é. Acho que seria necessário criar um polo voltado só para se trabalhar com as práticas educativas dentro da FEU.

Posso ter tanto essa questão de um próprio centro, e uma escola do meio ambiente, por exemplo. Que pode ser construída e fundada ali, com esse papel. Enfocar uma região específica e destoar daquela outra região que está ali dentro. Acho que seria muito mais efetivo assim.

Igor: Mas para isso, então, você acredita que seria necessário o investimento na infraestrutura?

Matheus: Com certeza. A sinalização dessa região, a entrada da própria FEU. A entrada não é convidativa, ela não é expressiva. O muro não chama a atenção. Se

você reparar, ele foi construído há muito tempo e nunca foi repensado. A outra entrada, na parte de trás, que dá acesso a um dos bairros da cidade; ela também é uma entrada simples, não é sinalizada. Se atentar a essas questões que são muito mais marketing talvez, mas que tem a sua essência para a visibilidade da própria FEU. Se tenho visibilidade, também consigo chamar a atenção da comunidade para estar ali. Se o ambiente é convidativo para visita, seja essa visita para uma ação específica educativa ou de lazer, que também tem sua relação direta com o contato com a natureza. Se não tenho algo que potencialize essa pequena valorização, também não consigo ter a valorização da própria pessoa por aquele espaço. Ela não consegue entender a importância da existência naquela fazenda, então, para ela será algo despercebido. Já que aquilo não foi tão aberto e nem explorado por outras pessoas.

Tem essa questão de infraestrutura, tem a questão de logística de fazer a interação da comunidade do entorno quanto as outras comunidades inseridas diretamente: o pessoal de Botucatu, de Barra Bonita, Igaraçu do Tietê. Que são outros polos que apresentam espaços não formais de ensino, que também podem ser potencializados se estarem em parceria com a FEU.

Então, entro nessa questão de parceria voltada para ações em rede e comunicação entre os municípios, para potencializar a FEU. Porque a gente sabe que uma andorinha sozinha não faz verão, nem nunca fez. Sabemos que o trabalho coletivo tem que ser muito mais valorizado, porque sabemos que economia é algo que tem suas falhas e nós podemos ter apoio de outras regiões, ONGs, institutos. E também precisamos de abertura para esses institutos, para que conheçam esses espaços e que consigam ajudar em algum ponto. Para que essa história continue acontecendo. Para que esse ambiente continue existindo e eu consiga trazer um olhar tanto do pesquisador quanto da comunidade. Para que ele realmente se fortaleça. Ele se fortalecendo, a gente consegue direcionar o esperado para o futuro e o que pode ser feito. Tanto de gestão do ambiente quanto das pessoas. Pois quando falamos de gestão do ambiente, também estamos falando das pessoas.

Os próprios funcionários da FEU precisam ter um pouco de atenção, né? Porque eles têm muita história. Eles podem ser elementos a serem utilizados nessas vivências. A fala deles é muito importante. Vivenciam diariamente o que é estar naquele espaço. Essas ações que nós fazemos ou as pessoas fazem, são pontuais. Acontecem em um período determinado de tempo, acabou, e muitas vezes elas não voltarão ali. Os profissionais, que também são cidadãos, estão inseridos. Então, chamar esses profissionais para estarem nas reuniões de gestão da FEU. Para entender qual é a visão

que eles têm daquele espaço, para que junto disso possamos traçar uma questão mais ampla. Olhares diferentes, de pessoas diferentes, para que se possa fortalecer esse espaço, identificando carências e as atenções necessárias. É muito importante. Hoje em dia verba para pesquisar é algo que está falho. Mas também conseguimos apoio de outras instituições financeiras para continuar a desenvolver as pesquisas e os trabalhos educativos.

Igor: Perfeito. Você puxou pontos que são muito interessantes no aspecto de melhorias, de investimento, que podem contribuir também para o espaço. O crescimento dele e a comunicação com a comunidade em geral. Mas, se a gente se voltasse mais para os pontos positivos e grandes da FEU, encarando ela como está hoje. Sem enxergar para o futuro ainda, como você interpreta o potencial desse espaço e a importância da FEU atualmente?

Matheus: Tem um potencial de nota sete, de zero a dez. Porque existem pontos precários, que é a própria logística da localidade.

Há um campo aberto que muitas vezes não é utilizado. Qual é a essência dele, por que está aqui? Eu tenho o caminho desde a entrada até a sede da FEU, que pode ser explorado e não é. Poderia se traçar uma visitação desde a entrada até a sede central, onde temos as salas, o galpão e o refeitório.

Quesito refeitório: cem por cento. Mas é um refeitório pequeno. Se é pequeno, como irá atender grandes concentrações de pessoas? Ou, ainda que ele seja pequeno, como podemos potencializar sem mexer muito na estrutura apresentada? Posso fazer uma mesa de madeira? Sim. Posso fazer um fogão a lenha? Sim. Tem que ter uma pegada industrial para ser valorizado? Ou posso utilizar elementos naturais para potencializar ainda mais a ação? Resgatar essa questão natural de outras formas, trazendo um olhar diferente.

A própria questão do herbário: por que ele fica tão longe dessa região central? Como posso fazer para aproveitar a locomoção das pessoas da sede até o herbário? Como posso me apropriar desse distanciamento? Ou posso pensar em outra logística: o herbário fica próximo da segunda entrada. Então, posso traçar outro planejamento que comece pela entrada ligada ao bairro vizinho.

Conhecer a dimensão da FEU e ter várias pessoas juntas para entender como esse espaço foi modificado até ali. Para sabermos as potencialidades reais, é preciso entender como tudo era antes. Mudanças efetivas e desnecessárias. O errar é humano, tanto para quem é gestor, quem é professor, pesquisador. Trazer isso.

Através da questão da fauna e a flora que me é apresentada nesse espaço. Como posso trabalhar com elas? Como posso potencializar isso? Sei que nesse ponto a gente ganha disparado. A quantidade de fauna e flora que pode ser explorada é grande. Então, é pincelar sobre isso e entender a FEU como um todo. Não entender ela só com um olhar pesquisador ou um olhar mais educativo. Entender que a FEU em si gera dinheiro, gera recursos. Esses recursos podem ser aproveitados. Ela tem sua questão histórica, que é a parte mais central que deve ser explorada. E, a partir dos próprios recursos que ela dispõe, eu posso utilizar eles e trazer em um foco onde consiga ter essa apropriação da natureza por parte dos cidadãos que estão ali. É ser sincero.

Eu dei nota sete. Por que? Estou explicando. Porque para mim, ainda há questões que são importantes.

A própria comunicação da FEU, as vezes é falha. Só foi ter sinalização de placas por conta do projeto do Clube da Mata, e que levou dois anos para acontecer. Já poderia ter acontecido antes. Por que não foi aproveitado antes? Por que ninguém pensou nisso antes? Por que precisou só agora?

Depois desses anos todos, uma professora da FCA e uma professora do IBB. Precisou das duas. Só aí já demonstra um valor: temos 2 campi que não se conversam e precisam de comunicação para gerar algo que realmente seja significativo. Só a conversa da professora Renata e da professora Lourdinha para o projeto já devia ser valorizada. Exposta, documentada, escrita. É história. É movimento, fala, ação verdadeira que está acontecendo ali. Mas é uma ação pontual. Como posso transformá-la em uma ação específica e constante? Para que se consiga ter essas modificações, e entender que elas são necessárias. Levando à apropriação dos espaços não formais de ensino.

Igor: Enxergo como característica muito marcante na sua fala, que esse potencial da FEU e essa importância partem muito dos recursos naturais que nela existem. Consigo perceber isso. Você encara também a FEU com potencial para a comunidade em geral do município? Não só pelos recursos, mas pela representatividade dela?

Matheus: Acho que essa representatividade está inserida quando abordamos a produção de laranja. E, mesmo assim, a produção de laranja não está inserida dentro da FEU. Ela está fora. Então, nesse ponto, acho que não. Seria interessante que a própria FEU conversasse com os outros espaços naturais que estão dentro de São Manuel. Não deixar o foco só na FEU, mas dividir esse foco em outros lugares da própria

cidade. Para que então tenhamos a questão de unidade. A unidade é a cidade como um todo, mas só é uma unidade pois tem pontos específicos. Um bairro X, todas as escolas e esses outros espaços. Se apropriar dessa questão também. Não partir só daquele ponto específico ali.

Chamar a atenção para lá, que é potencializador de outras ações? Sim! Mas também chamar a atenção para os outros espaços naturais. Por exemplo, as praças da cidade. Que não deixam de ser espaços naturais ali inseridos. Levar os alunos para fazer uma prática na praça, mas supervisionada pelos funcionários da FEU. Ou temos a própria escola agrícola da cidade, que é voltada para cursos específicos de agronegócio, agronomia e engenharia. Ela dá base para que tenhamos profissionais atuando nesses espaços, né? Muitas vezes ela não conversa com a própria FEU, que também está no município. E esses professores que dão aula na escola agrícola, as vezes são professores formados na faculdade em Botucatu. Esse pessoal não se conversa, não entende que eles têm um ponto em comum. É um pouco disso também. Não pensar só nessa questão de estrutura, como você pontuou, mas na questão do valor agregado que tudo isso traz. Que não é só no ponto de fauna de flora, é também na comunicação das pessoas. Sem comunicação, não há acesso para a informação. E esse acesso a informação interfere diretamente na apropriação desses alunos e da cidade, por esse espaço.

Igor: Excelente, gostei muito da sua fala, nesse sentido. Se eu pedisse para definir a FEU, como você definiria? E quais as perspectivas do futuro? Partindo desses pressupostos de investimento e comunicação, quais as perspectivas você enxerga para o futuro, nesse espaço? Não só para o ensino ou extensão, mas também para a pesquisa. Considerando esse tripé (ensino, pesquisa e extensão).

Matheus: Perfeito. A FEU é um centro de referência para esse tripé. Quando falamos dela abertamente na universidade, ela já é um centro de referência. Ela também precisa se apropriar desse tripé para se estabelecer quanto espaço físico. Porque, às vezes, essas ações são pontuais e não se conversam. Cada elemento desse tripé tem classificações específicas. Há pontos em que essas classificações conversam entre si, e tem horas que não. A FEU faz parte dessa classificação. Temos a pesquisa de uma forma, o ensino de uma forma, e também a extensão. Às vezes achamos que elas são distintas, mas na verdade elas se completam.

Para a FEU continuar sendo um centro de referência, mas não só para a comunidade daqui do entorno, para outras regiões. Entrando nessa questão do futuro, vejo que ela pode sim ser um centro de referência para outros municípios. Ela precisa

entender também quais são os pontos positivos e negativos desse tripé. Revisar esse processo anualmente, ou a cada seis meses. Eleger um comitê que falará dessa importância, trazendo isso diretamente relacionado com um representante das comunidades que estão ali perto, com um representante dos alunos de graduação, com um representante que seja, profissional da FEU, professores que lecionam disciplinas na faculdade. Ela precisa entender que pode ter uma liderança social com papel comunitário, que desempenha projetos sociais e educativos. É a essência que ela traz como espaço, também. E nesse ponto ela se resignificará enquanto FEU.

O papel dela está estagnado, né? E as vezes sabemos que as coisas já mudaram muito. Então, talvez seja a hora de resignificar o papel que ela tem. Ela é um centro de referência? No meu ponto de vista! Que enxerga ela com o potencial de que pode continuar crescendo tanto em espaço físico como em espaço educativo. Mas para muitas pessoas, não. São quarenta anos de história ou mais. Se a gente conversar com algum pai de algum aluno do nosso projeto, ele vai entender a FEU de um jeito, e o aluno entenderá de forma diferente. Muitas questões da própria classificação da FEU são permeadas na sociedade que está em curso. Os anos passam e as pessoas que estavam ali já não são mais as mesmas.

Por que a FEU precisa sempre ser colocada em uma caixinha específica? Por que não posso abrir os muros dela, o espaço físico, para que alcance outros espaços? Por que não posso trazer essa visibilidade futura maior?

Entender que, por mais que ela seja específica e carregue um nome, uma Fazenda Experimental da Unesp, isso é até certo ponto. E também da comunidade, até certo ponto. Esses dois pontos precisam entender que são complementares. Temos a falsa ideia de colocar a faculdade em um pedestal inacessível para a comunidade, né? Mas não; temos que coloca-las no mesmo parâmetro, nivelar essa relação para que possamos entender o real papel da comunidade e da FEU, para que conversem entre si e a FEU continue existindo perante a universidade e a comunidade. Para que tenhamos diálogos efetivos, investimentos de estrutura e investimentos sociais, e para entender todas as questões que fazem essa relação. Questões psicológicas, sociais, culturais e nas outras áreas de conhecimento específicas para nós. Que não são para outras pessoas. Mas que precisam sim ser valorizadas e exploradas.

APÊNDICE C – INDICAÇÕES E REQUERIMENTOS



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



INDICAÇÃO Nº 01/2011

“Sugere ao Executivo Municipal, que estude a possibilidade de criar uma força por São Manuel, juntamente com as autoridades locais constituídas, diretores de segmentos sociais, lideranças políticas e sociais, para se unirem ao movimento que a Rádio Nova São Manuel está fazendo, para que seja dada uma destinação universitária à Fazenda Experimental da UNESP, localizada em nosso Município. Que do deliberado seja dado conhecimento ao Excelentíssimo Senhor Deputado Estadual Vinícius Camarinha.”

SENHOR PRESIDENTE,

Indico ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, Tharcílio Baroni Júnior, sugerindo-lhe que estude a possibilidade de criar uma força por São Manuel, juntamente com as autoridades locais constituídas, diretores de segmentos sociais, lideranças políticas e sociais, para se unirem ao movimento que a Rádio Nova São Manuel está fazendo, para que seja dada uma destinação universitária à Fazenda Experimental da UNESP, localizada em nosso Município.

Que do deliberado seja dado conhecimento ao Exmº Sr. Deputado Estadual Vinícius Camarinha.

JUSTIFICATIVA

O movimento que a referida Rádio vem fazendo, é no sentido de que a Fazenda Experimental tenha uma destinação mais aproveitável em benefício do Município de São Manuel e da população em geral. Deste modo, tenho a certeza de que o Senhor Prefeito Municipal irá se engajar nesse importante movimento, liderando todos os segmentos da sociedade para o bem de nossa cidade de São Manuel.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 03 de Janeiro de 2011.

EMÍLIO APARECIDO GUIMARÃES

- Vereador -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



INDICAÇÃO Nº 100/2011

“Sugere ao Executivo Municipal, para que determine à Diretoria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, para que entre em contato com a Fazenda Experimental de Agronomia, do Campus Universitário da Unesp de nossa cidade, para que tome conhecimento do Programa de Extensão Rural, que elabora parcerias de pesquisas de vários produtos agrícolas com pequenos e médios produtores de São Manuel e região.”

SENHOR PRESIDENTE,

Indico ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, Tharcílio Baroni Júnior, sugerindo-lhe que determine à Diretoria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, para que entre em contato com a Fazenda Experimental de Agronomia, do Campus Universitário da Unesp de nossa cidade, para que tome conhecimento do Programa de Extensão Rural, que elabora parcerias de pesquisas de vários produtos agrícolas com pequenos e médios produtores de São Manuel e região.

JUSTIFICATIVA

O objetivo desta propositura é em estabelecer uma parceria entre a Prefeitura Municipal e a Fazenda Experimental de Agronomia, do Campus Universitário da Unesp de nossa cidade, no sentido de poder elaborar parcerias de pesquisas de vários produtos agrícolas com pequenos e médios produtores de nosso Município e região, através do Programa de Extensão Rural, enfim, uma iniciativa que poderá resultar em excelentes resultados, beneficiando não só os produtores rurais, mas também a toda população.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 04 de Abril de 2011.

ANIZIO APARECIDO JOSEPETTI

- Vereador -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



INDICAÇÃO Nº 107/2011

“Sugere ao Executivo Municipal, entrar em contato com o Governador do Estado de São Paulo, visando solicitar a possibilidade de ser doada uma área de terras pertencente à Fazenda Experimental da Unesp em São Manuel para o próprio Município, com o objetivo de ser construído um novo Distrito Industrial, dotado de toda a infraestrutura necessária, para o bom funcionamento do mesmo.”

SENHOR PRESIDENTE,

Indico ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, Tharcílio Baroni Júnior, sugerindo-lhe entrar em contato com o Governador do Estado de São Paulo, visando solicitar a possibilidade de ser doada uma área de terras pertencente à Fazenda Experimental da Unesp em São Manuel para o próprio Município, com o objetivo de ser construído um novo Distrito Industrial, dotado de toda a infraestrutura necessária, para o bom funcionamento do mesmo.

JUSTIFICATIVA

Como é do nosso conhecimento, hoje a Fazenda Experimental da Unesp possui uma área de aproximadamente 225 hectares, às margens da Rodovia Mal. Rondon e que veiculou nos últimos dias na imprensa local, que o Sr. Prefeito estará em contato com o Governador do Estado, reivindicando um novo curso junto à Fazenda Experimental Unesp, desta forma, despertou-se o interesse pela respectiva área, no sentido de solicitar a doação de uma parte da mesma para a instalação de um novo e moderno Distrito Industrial no Município.

Atualmente São Manuel não possui nenhuma área disponível para esta construção e o atual Distrito Industrial não tem condições de receber novas indústrias e com a instalação deste novo parque industrial, teremos a geração de novos e necessários empregos à população, proporcionando o real crescimento do Município, de nossa região, enfim aquecendo a nossa economia.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 12 de Abril de 2011.

JOÃO PAULO PIOVAN

- Vereador -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



REQUERIMENTO Nº 116/2011

“Requer ao Excelentíssimo Senhor Deputado Federal, Dimas Ramalho, no sentido de intervir junto ao Excelentíssimo Senhor Governador do Estado de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin, solicitando a possibilidade de ser doada uma área de terras pertencente à Fazenda Experimental da Unesp no Município de São Manuel, para a construção de um moderno Distrito Industrial, às margens da Rodovia Marechal Rondon, pois atualmente não possuímos nenhuma outra grande área para este tipo de instalação.”

SENHOR PRESIDENTE,

Requeiro à Mesa, nos termos regimentais e após ouvido Plenário, que envie ofício ao Exmº Sr. Deputado Federal, Dimas Ramalho, no sentido de intervir junto ao Exmº Sr. Governador do Estado de São Paulo, Dr. Geraldo Alckmin, solicitando a possibilidade de ser doada uma área de terras pertencente à Fazenda Experimental da Unesp do Município de São Manuel, para a construção de um moderno Distrito Industrial, às margens da Rodovia Marechal Rondon, pois atualmente não possuímos nenhuma outra grande área para este tipo de instalação.

JUSTIFICATIVA

Atualmente a Fazenda Experimental da Unesp de São Manuel possui uma área de terras de aproximadamente 225 hectares, às margens da Rodovia Mal. Rondon, estando localizada a uma distância de 1500 metros da entrada principal do Município de São Manuel.

Sabemos que grande parte dessa área não mais está sendo utilizada pela Unesp, portanto, esta nossa solicitação ao nobre Deputado para que intervenha junto ao Governo do Estado, visando a possibilidade de parte dessa área ser doada ao Município de São Manuel, com o objetivo de ser construído um novo e moderno Distrito Industrial

Hoje São Manuel não possui nenhuma área disponível para este tipo de construção vantajada que é um Distrito Industrial, muito menos às margens da Rodovia Mal. Rondon e com a instalação de um novo parque industrial, teremos

a geração de novos e necessários empregos à população, proporcionando o real crescimento do Município, de nossa região, enfim aquecendo a nossa economia.

São Manuel encontra-se localizada no eixo central do Estado de São Paulo, a poucos quilômetros da capital, próxima a outras excelentes rodovias, como é o caso da Rodovia Marechal Castello Branco, com rápido acesso também a outros municípios.

Infelizmente, não possuímos nenhuma outra grande área para este tipo de instalação, existem empresas interessadas em aqui se instalarem, mas não temos condições de recebê-las no momento, com isso, a necessidade da conquista deste grande desafio, onde a população clama e muito por esta brilhante conquista e somente o respeitado e conhecido Legislador poderá com seu perfil nos ajudar para que este sonho possa se tornar uma realidade.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 08 de Dezembro de 2011.

JOÃO PAULO PIOVAN

- Vereador -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



REQUERIMENTO Nº 56/2013

“Requer ao Executivo Municipal, para que juntamente com a Diretoria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, se manifestem com relação à Indicação nº 42/2013, ou seja, se já entraram em contato com a Casa de Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado”, com o Sindicato Rural de São Manuel, com a Faculdade de Agronomia da UNESP, com a Fazenda Experimental, com a ETEC “Paula Souza”, com a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, com a Secretaria de Agricultura, com os produtores rurais e outras entidades congêneres e que providências estão sendo tomadas, para que este Plano Agrícola Municipal saia do papel e comece a desvendar um futuro melhor para toda a população de nosso Município.”

SENHOR PRESIDENTE,

Requeiro à Mesa, nos termos regimentais e após ouvido o Plenário, que seja oficiado ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, Marcos Roberto Casquel Monti, para que juntamente com a Diretoria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, se manifestem com relação à Indicação nº 42/2013, ou seja, se já entraram em contato com a Casa de Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado”, com o Sindicato Rural de São Manuel, com a Faculdade de Agronomia da UNESP, com a Fazenda Experimental, com a ETEC “Paula Souza”, com a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, com a Secretaria de Agricultura, com os produtores rurais e outras entidades congêneres e que providências estão sendo tomadas, para que este Plano Agrícola Municipal saia do papel e comece a desvendar um futuro melhor para toda a população de nosso Município.

JUSTIFICATIVA

Vai abaixo novamente, a justificativa do porquê necessitamos da urgência desta solicitação, que se encarada com seriedade, tirará nosso Município desse marasmo que vem acontecendo a mais de 80 anos.

Nosso Município é essencialmente agrícola e, em consulta realizada à Casa de Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado”, fui informado que o Município possui

mais de 600 (seiscentas) propriedades agrícolas sendo as mesmas de grande, médio e pequeno porte. Como necessitamos em caráter de urgência gerar empregos, fortalecer a renda dos agricultores e fortalecer o comércio local, solicito que se faça um levantamento de quais propriedades estão aptas para produzir alimentos em escala comercial. Após este levantamento que deverá ser coordenado conjuntamente pela Casa da Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado” e pela Diretoria de Agricultura e Meio Ambiente, convidando a ETEC “Paula Souza”, a Faculdade de Agronomia da UNESP, a Fazenda Experimental da Faculdade de Agronomia da UNESP, o Sindicato Rural de São Manuel, a Secretaria Estadual de Agricultura e a Federação de Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP), para conjuntamente estabelecer o Plano Agrícola Municipal, com o objetivo de aumentar a renda dos produtores rurais, abastecimento próprio no Município de produtos de alimentação básica, melhoria do sistema de distribuição, comercialização, geração de novos empregos, manutenção e melhoria da capacidade de uso dos solos agrícolas, capacitação da mão-de-obra rural e, fornecimento de alimentos básicos à população de baixa renda a preços mais acessíveis.

Embasados então no levantamento da realidade rural, identificados os problemas, propor e formular soluções para estes problemas que poderão ser divididos por prioridades, como por exemplo, produção vegetal, produção animal, preservação do meio ambiente e preservação dos recursos naturais, obviamente que todos inter-relacionados. Minha proposta é que comecemos pelas hortas comerciais especializadas (Cinturão Verde) para em médio prazo já abastecer nosso Município, começando pela merenda escolar, quitandas, supermercados, em sequência UNESP, EMBRAER, CEASA, e o excedente exportar para nossos Municípios vizinhos.

O que observamos hoje em nosso Município é que a totalidade dos produtos hortifrutigranjeiros, bem com as carnes animais, aqui consumidos pela população vem de outros Municípios, da capital paulista e até de outros Estados. Além de pagar mais caro por todos estes produtos alimentícios, deixando nossa gente com menos dinheiro no bolso ou com prejuízos à saúde por não poder adquirir os produtos, nossos recursos financeiros vão para fora e geram empregos nestas localidades.

Necessário se faz clamar pela atenção destes produtores rurais, fazer palestras motivacionais a estes produtores rurais envolvidos neste projeto fazendo com que se interessem, capacitar estes produtores e lavradores com o uso de tecnologia moderna, incentivar a implantação destas técnicas, usando sementes e mudas geneticamente selecionadas. Creio que em médio prazo com estes produtos sendo produzidos em larga escala, o excesso de produção poderá propiciar a criação da agroindústria (micro e pequena empresa) dos produtores rurais criando-se também uma associação dos produtores rurais.

Só para exemplificar, suponhamos que o excedente seja de tomate, mandioca ou batata. Poderemos industrializar estes produtos, com a produção de molho de tomate, farinha de mandioca e batatinha frita “ensacada”.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 11 de Abril de 2013.

TIAGO HENRIQUE DE OLIVEIRA RAGOZO

- Vereador –



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



REQUERIMENTO Nº 121/2014

(REAPRESENTAÇÃO)

“Requer ao Executivo Municipal, para que juntamente com a Diretoria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, se manifestem com relação à Indicação nº 42/2013, ou seja, se já entraram em contato com a Casa de Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado”, com o Sindicato Rural de São Manuel, com a Faculdade de Agronomia da UNESP, com a Fazenda Experimental, com a ETEC “Paula Souza”, com a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, com a Secretaria de Agricultura, com os produtores rurais e outras entidades congêneres e que providências estão sendo tomadas para que este Plano Agrícola Municipal saia do papel e comece a desvendar um futuro melhor para toda a população de nosso Município.”

SENHOR PRESIDENTE,

Requeiro à Mesa, nos termos regimentais e após ouvido o Plenário, que seja oficiado ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, Marcos Roberto Casquel Monti, para que juntamente com a Diretoria Municipal de Agricultura e Meio Ambiente, se manifestem com relação à Indicação nº 42/2013, ou seja, se já entraram em contato com a Casa de Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado”, com o Sindicato Rural de São Manuel, com a Faculdade de Agronomia da UNESP, com a Fazenda Experimental, com a ETEC “Paula Souza”, com a Federação da Agricultura do Estado de São Paulo, com a Secretaria de Agricultura, com os produtores rurais e outras entidades congêneres e que providências estão sendo tomadas para que este Plano Agrícola Municipal saia do papel e comece a desvendar um futuro melhor para toda a população de nosso Município.

JUSTIFICATIVA

Vai abaixo novamente, a justificativa do porquê necessitamos da urgência desta solicitação, que se encarada com seriedade, tirará nosso Município desse marasmo que vem acontecendo a mais de 80 anos.

Nosso Município é essencialmente agrícola e, em consulta realizada à Casa de Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado”, fui informado que o Município possui mais de 600 (seiscentas) propriedades agrícolas sendo as mesmas de grande, médio e pequeno porte.

Como necessitamos em caráter de urgência gerar empregos, fortalecer a renda dos agricultores e fortalecer o comércio local, solicito que se faça um levantamento de quais propriedades estão aptas para produzir alimentos em escala comercial.

Após este levantamento que deverá ser coordenado conjuntamente pela Casa da Agricultura “Dr. Cláudio Pinheiro Machado” e pela Diretoria de Agricultura e Meio Ambiente, convidando a ETEC “Paula Souza”, a Faculdade de Agronomia da UNESP, a Fazenda Experimental da Faculdade de Agronomia da UNESP, o Sindicato Rural de São Manuel, a Secretaria Estadual de Agricultura e a Federação de Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP), para conjuntamente estabelecer o Plano Agrícola Municipal, com o objetivo de aumentar a renda dos produtores rurais, abastecimento próprio no Município de produtos de alimentação básica, melhoria do sistema de distribuição, comercialização, geração de novos empregos, manutenção e melhoria da capacidade de uso dos solos agrícolas, capacitação da mão-de-obra rural e, fornecimento de alimentos básicos à população de baixa renda a preços mais acessíveis.

Embasados então no levantamento da realidade rural, identificados os problemas, propor e formular soluções para estes problemas que poderão ser divididos por prioridades, como por exemplo, produção vegetal, produção animal, preservação do meio ambiente e preservação dos recursos naturais, obviamente que todos interrelacionados.

Minha proposta é que comecemos pelas hortas comerciais especializadas (Cinturão Verde) para em médio prazo já abastecer nosso Município, começando pela merenda escolar, quitandas, supermercados, em sequência UNESP, EMBRAER, CEASA, e o excedente exportar para nossos Municípios vizinhos.

O que observamos hoje em nosso Município é que a totalidade dos produtos horti-fruti-granjeiros, bem com as carnes animais, aqui consumidos pela população vem de outros Municípios, da capital paulista e até de outros Estados.

Além de pagar mais caro por todos estes produtos alimentícios, deixando nossa gente com menos dinheiro no bolso ou com prejuízos à saúde por não poder adquirir os produtos, nossos recursos financeiros vão para fora e geram empregos nestas localidades.

Necessário se faz clamar pela atenção destes produtores rurais, fazer palestras motivacionais a estes produtores rurais envolvidos neste projeto fazendo com que se interessem, capacitar estes produtores e lavradores com o uso de tecnologia moderna, incentivar a implantação destas técnicas, usando sementes e mudas geneticamente selecionadas.

Creio que em médio prazo com estes produtos sendo produzidos em larga escala, o excesso de produção poderá propiciar a criação da agroindústria (micro e pequena empresa) dos produtores rurais criando-se também uma associação dos produtores rurais.

Só para exemplificar, suponhamos que o excedente seja de tomate, mandioca ou batata. Poderemos industrializar estes produtos, com a produção de molho de tomate, farinha de mandioca e batatinha frita “ensacada”.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 16 de Outubro de 2014.

TIAGO HENRIQUE DE OLIVEIRA RAGOZO

- Vereador -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

-ESTADO DE SÃO PAULO-



REQUERIMENTO Nº 33/2015

“Requer seja oficiado ao Excelentíssimo Senhor Fernando Cury, DD. Deputado Estadual, no sentido de intervir junto ao Governo do Estado de São Paulo, para que estudem a possibilidade de dar uma destinação à Fazenda Experimental da UNESP, localizada no Município de São Manuel, para que aquela grande área existente passe a ter uma finalidade ainda melhor, além de proporcionar benfeitorias e empregos diretos à própria população”

SENHOR PRESIDENTE,

Requeiro à Mesa, nos termos regimentais e após ouvido o Plenário, que seja oficiado ao Exmº Sr. Fernando Cury, DD. Deputado Estadual, no sentido de intervir junto ao Governo do Estado de São Paulo, para que estudem a possibilidade de dar uma destinação à Fazenda Experimental da UNESP, localizada no Município de São Manuel, para que aquela grande área existente passe a ter uma finalidade ainda melhor, além de proporcionar benfeitorias e empregos diretos à própria população.

JUSTIFICATIVA

Este pedido é no sentido de que a Fazenda Experimental da UNESP, passe a ter uma destinação mais aproveitável em benefício do Município de São Manuel e da população em geral.

Deste modo, acredito que o Senhor Deputado Estadual, Fernando Cury, irá se engajar neste sentido, liderando este assunto dentro dos segmentos necessários para tal viabilidade junto ao Governo do Estado de São Paulo.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 23 de Março de 2015.

EMÍLIO APARECIDO GUIMARÃES - (LILA)

- Vereador -



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO MANUEL

- ESTADO DE SÃO PAULO -



INDICAÇÃO Nº 100/2018

“Sugere ao Executivo Municipal para que entre em contato com a Unesp de Botucatu, visando a possibilidade de trazerem para São Manuel um curso de férias para os alunos e jovens de nossa cidade, realizado pelos Professores da Unesp com aulas práticas, podendo serem aplicadas na Fazenda Experimental.”

SENHOR PRESIDENTE,

Indico ao Exmº Sr. Prefeito Municipal, Ricardo Salaro Neto, sugerindo-lhe que entre em contato com a Unesp de Botucatu, visando a possibilidade de trazerem para São Manuel um curso de férias para os alunos e jovens de nossa cidade, realizado pelos Professores da Unesp com aulas práticas, podendo serem aplicadas na Fazenda Experimental.

JUSTIFICATIVA

O curso de férias é direcionado para quem quer acelerar seus estudos e aprender com qualidade e eficiência em cursos tidos como rápidos, afinal são apenas nas férias escolares do ano.

Muitas cidades o fazem em parceria com empresas particulares ou públicas, que se dispõem e muito bem na referida realização, afinal, para os jovens e para aqueles que estão sem emprego, nada melhor do que aperfeiçoar ainda mais os seus conhecimentos, na disputa de um mercado de trabalho que atualmente encontra-se tão competitivo e somente consegue êxito aquela pessoa que estiver melhor preparada, afinal, este é o mundo atual em que vivemos.

Sala das Sessões (Plenário “Alberto Pampado”), 11 de Maio de 2018.

Prof. AILTON LEITE DOS SANTOS

- Vereador -

APÊNDICE D – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE
Nome do participante:
RG:
- Declaro ter sido informado(a) de maneira clara e detalhada sobre as justificativas, os objetivos e a metodologia da pesquisa intitulada "<i>PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA EXPERIMENTAL DA UNESP EM SÃO MANUEL/SP: Estudo das narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos</i>", além da possibilidade de procurar o pesquisador responsável caso venha a sentir qualquer desconforto ou tenha alguma dúvida sobre a pesquisa, em qualquer etapa da pesquisa; - Estou ciente de que minha participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade; - Estou ciente de que posso me recusar a participar e retirar meu assentimento a qualquer momento; - Declaro que concordo em participar como voluntário(a) da pesquisa acima descrita e permito a realização de fotos e gravações de áudio e vídeo; - Declaro que concordo com a divulgação dos resultados provenientes da pesquisa somente para fins didáticos, pedagógicos e científicos; - Recebi uma cópia deste Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas;
Bauru, Dia/Mês/Ano _____ Assinatura

APÊNDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: <i>PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA FAZENDA EXPERIMENTAL DA UNESP EM SÃO MANUEL/SP: Estudo das narrativas de monitores, funcionários e gestores públicos</i>	
Aluno responsável: Igor Miras Thomé Email: igor.miras@unesp.br	
Telefone: (14) 99814-9292	I Instituição: Unesp – Campus de Bauru
Orientador(a): Maria de Lourdes Spazziani Email: maria.spazziani@unesp.br	
Justificativa: A razão que nos leva a realizar essa pesquisa é investigar a potencialidade de espaços não formais, com destaque para a Fazenda Experimental da Unesp (FEU) localizada em São Manuel/SP, para o desenvolvimento de Educação Ambiental crítica, a partir das narrativas de educadores, gestores, monitores e funcionários.	
Riscos: Não identificamos riscos <i>a priori</i> . Entretanto, caso haja algum tipo de desconforto no decorrer das entrevistas, os participantes têm o direito de interromper sua participação na pesquisa a qualquer momento, sem prejuízos.	
Observações: Ressalta-se que não haverá remuneração financeira pela participação na pesquisa e que as informações coletadas ao longo do processo da pesquisa e suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial.	
Objetivos: Construir um banco de dados com as textualizações dos entrevistados; identificar a perspectiva de EA de cada depoente e analisar como ela se relaciona com a visão sobre espaço; analisar as potencialidades e vulnerabilidades da FEU para que se expanda no sentido de receber mais iniciativas e projetos de Educação Ambiental.	
Metodologia: Será realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa e, para tanto serão coletados dados através de entrevistas com os participantes.	